



# REVISTA

## da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

Criada em 2003, na presidência de F. Leal de Queiroz

## APOIO CULTURAL



**DISTRIBUIÇÃO GRATUITA E DIRIGIDA**



# REVISTA

da Academia  
Sul-Mato-Grossense de Letras

N. 21

Julho de 2012

Academia Sul-Mato-Grossense de Letras  
Campo Grande – Mato Grosso do Sul

Copyright © 2012  
Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

21ª Edição - Julho de 2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Academia Sul-Mato-Grossense de Letras  
Revista da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras/  
- Campo Grande, MS: Life Editora, 2012.

256p.

ISSN 2178-5511

1. Literatura Sul-Mato-Grossense

**CDD - 869**

**Projeto Gráfico:** Endrigo Valadão e Valter Jeronymo

**Capa (criação e finalização):** Mota Junior

**Coordenação:** Rubenio Marcelo

**Diagramação:** André da Silva Cerqueira

**Coordenação Editorial:** Valter Jeronymo

**Revisão:** Rubenio Marcelo

**Impressão e Acabamento:** Gráfica Viena



#### **Diretoria (2011/2014)**

Presidente: **Reginaldo Alves de Araújo**

Vice-Presidente: **Abrão Razuk**

Secretário-Geral: **Rubenio Marcelo**

Secretário: **José Pedro Frazão**

Tesoureiro: **Francisco A. Palhano**

Segundo Tesoureiro: **Enilda Mougnot Pires**



### **Life Editora**

Rua Américo Vespúcio, 255 - Santo Antônio

CEP: 79.100-470 - Campo Grande - MS

Fones: (67) 3362 5545 - Cel. (67) 9263 5115

A reprodução de qualquer texto desta Revista é permitida,  
desde que citada a fonte, bem como o nome do respectivo autor.



# APRESENTAÇÃO

Gonçalves de Magalhães, escritor de renome da época do império brasileiro, num discurso, em 1880, disse: – “A literatura de um povo é o desenvolvimento do que ele tem de mais sublime nas idéias, de mais filosófico no pensamento, de mais heróico na moral e de mais belo na natureza; é o quadro animado de suas virtudes e de suas paixões, o despertador de sua glória e o reflexo progressivo de sua inteligência; e quando esse povo, ou essa geração, desaparece da superfície da terra com todas as suas instituições, crenças e costumes, escapa a literatura aos rigores do tempo para anunciar às gerações futuras qual fora o caráter e a importância do povo, do qual é ela o único representante na posteridade. Sua voz como um eco imortal repercute por toda a parte, e diz: em tal época, debaixo de tal constelação e sobre tal ponto do globo, existia um povo, cuja glória só eu a conservo, cujos heróis só eu conheço. Vós, porém, se pretendeis também conhecê-lo, consultai-me, porque eu sou o espírito desse povo e uma sombra viva do que ele foi”.

A Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, com seus projetos e conquistas, seus afazeres gloriosos, no luminoso exercício literário desenvolvido ao longo dos quarenta anos de sua existência enquadra-se, perfeitamente, no que tange aos seus objetivos e funções, no texto acima escrito, aliás de uma profundidade espetacular.

O nosso Sodalício, de brilho imorredouro, exerce garbosamente a deslumbrante finalidade de, através de seus projetos, difundir a cultura literária do Estado de Mato Grosso do Sul e, indubitavelmente, o de maior alcance é a edição de nossas revistas. Esta é a de número 21, que - além de destacar o Centenário do inesquecível confrade Hélio Serejo - traz como homenageado o também ilustre confrade, poeta e

escritor, Francisco Leal de Queiroz, um dos mais dedicados e produtivos presidentes que a nossa Academia teve o privilégio de possuir.

Ainda nesta edição aparecem textos primorosos, em prosa e verso, como luminosos combinadores de ingredientes literários dos nossos confrades, indicativo maior do nosso decantado saber.

No arrojado projeto de mais esta publicação inclinamo-nos, honrosos e agradecidos, reverenciando a formidável parceria com o governador do Estado, Dr. André Puccinelli, tendo a participação efetiva do presidente da Fundação de Cultura de MS, Américo Calheiros.

Palavras especiais de agradecimentos da presidência, da diretoria e dos membros do nosso Sodalício, com satisfação, também ao acadêmico Rubenio Marcelo (Secretário-Geral da Academia) que, tão diligentemente e sempre com brilho, coordenou e revisou mais esta edição da nossa revista.

**Reginaldo Alves de Araújo**

*Presidente*



# SUMÁRIO

**Homenagem a F. Leal de Queiroz - 09**

**Textos de F. Leal de Queiroz - 18**

**Antologia - 37**

Abílio Leite de Barros - 39

Abrão Razuk - 47

Adair José de Aguiar - 55

Américo Calheiros - 59

Augusto César Proença - 65

Eduardo Machado Metello - 71

Geraldo Ramon Pereira - 75

Guimarães Rocha - 83

Hildebrando Campestrini - 93

J. Barbosa Rodrigues - 107

Jorge Antônio Siúfi - 111

José Couto Vieira Pontes - 119

José Pedro Frazão - 127

Lucilene Machado - 133

Maria da Glória Sá Rosa - 135

Nelly Martins - 151

Oliva Enciso - 157

Orlando Antunes Batista - 163

Paulo Corrêa de Oliveira - 167

Raquel Naveira - 173

**Reginaldo Alves de Araújo - 189**

**Rêmolo Letteriello - 199**

**Rubenio Marcelo - 209**

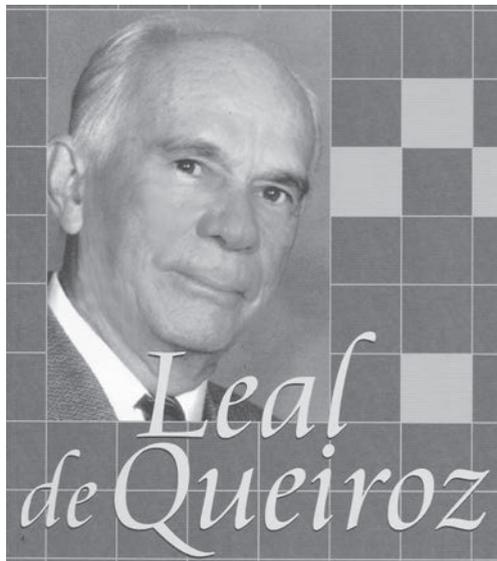
**Wilson Barbosa Martins - 223**

**Centenário de Hélio Serejo - 229**

**Textos de Hélio Serejo - 240**

**Relação dos Acadêmicos - 249**

# HOMENAGEM



Foto/imagem:  
Capa do livro "Leal  
de Queiroz - Poesia  
completa e alguma  
prosa", IHGMS,  
2004.

**Francisco Leal de Queiroz** nasceu em Paranaíba (MS) em 08.01.1927. Advogado com intensa participação na política da segunda metade do século passado, em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. ★

Autor de 'ENQUANTO A LIRA TANGE...'; 'O VIOLINO DAS GALERAS' (poesia), 'SANTANA DO PARANAÍBA' (história) e 'LEAL DE QUEIROZ - Poesia completa e alguma Prosa' (2004), entre outras obras. ★

Pertence à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (da qual foi presidente), à Academia Mato-Grossense de Letras, ao Instituto Histórico e Geográfico de MS. ★

Dentre outros, exerceu os seguintes cargos: Promotor de Justiça, na Comarca de Paranaíba (1949); Deputado Estadual à Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso (1950); Re-eleito Deputado Estadual à Assembleia Legislativa de Mato Grosso (1954); Eleito Prefeito de Três Lagoas/MS (1958); Eleito Deputado Estadual à Assembleia Legislativa de Mato Grosso (1962); Secretário do Interior do Estado de Mato Grosso (de 1966 a 1971); Representante do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul em Brasília /DF, em nível de Secretário de Estado - Governo Wilson Barbosa Martins (1983); Secretário de Estado e Justiça de Mato Grosso do Sul - Governo Ramez Tebet (1986); Secretário de Segurança Pública de Mato Grosso do Sul - Governo Marcelo Miranda (1987); Procurador Chefe do Ministério Público Especial, junto ao Tribunal de Contas (1988); Assessor Especial do Governo do Estado (1990). Reside em Campo Grande/MS e Três Lagoas/MS. ★



*Posse de Leal de Queiroz (direita) na ASL, sendo cumprimentado pelo acadêmico da ABL, Marcos Villaça (centro).*



*Posse da diretoria da ASL (ano 2003) - da esquerda para a direita da foto: Rubenio Marcelo (secretário-geral), Reginaldo Araújo (vice-presidente), Leal de Queiroz (presidente), Frazão (secretário) e Guimarães Rocha (tesoureiro).*



# LEAL DE QUEIROZ

## O HOMEM QUE REALIZOU SEU DESTINO\*

*por: Hildebrando Campestrini*

Parente não muito distante de Jacinta Garcia, inspiradora do terno e imortal romance INOCÊNCIA, tão palpitante na pena do visconde de Taunay, Francisco Leal de Queiroz nasceu em 8 de janeiro de 1927, no município de Santana do Paranaíba (MS), filho de José Queirós e Dolorita Leal de Queiroz.

Descendente dos Garcia Leal e dos Queirós, traz no DNA seu destemido trisavô materno, Januário Garcia Leal; de seu avô major Chiquinho (Francisco da Silva Queirós), que participou intensamente da gloriosa história de Santana do Paranaíba; e de seu avô materno, Antonio Ferreira Leal, também destacado político regional.

Com poucos dias de nascido, Leal ficou duas semanas oculto na mata, com a mãe, debaixo de intensa chuva, escondendo-se dos revoltosos de Siqueira Campos (remanescentes da Coluna Prestes), que estavam percorrendo fazendas e vilas na região de Santana do Paranaíba, requisitando alimentos e cavalos.

Depois dos primeiros anos de infância, bem ativos, na fazenda, fez o então curso primário em Três Lagoas, na Escola “2 de Julho”, cidade em que recebeu a primeira comunhão, em 31 de outubro de 1937.

Em seguida, foi levado pelo pai para o Instituto Americano de Lins (SP), para cursar o secundário. Daí partiu para o Rio de Janeiro, onde entrou na Faculdade de Direito e, ao tempo em que concluía o primeiro ano da faculdade, terminava também o Curso de Contabilidade (que iniciara em Lins).

Concomitantemente ao segundo ano de Direito, começou o Curso de Filosofia na PUC (do saudoso pensador Padre Leonel Franca), que não conseguiu terminar. Formou-se em Direito em 1951, tendo tido

destacada participação política, em ambas as faculdades, bem como na Associação Mato-Grossense de Estudantes (fundada no Rio de Janeiro em 1947), de que foi sócio fundador.

No segundo semestre de 1949, mesmo cursando ainda o terceiro ano da Faculdade de Direito, foi nomeado promotor de justiça para a Comarca de Paranaíba, pois não contava o nosso Estado com número suficiente de bacharéis para prover todas as comarcas. Era, em verdade, o plano da família para iniciá-lo na política regional.

No ano seguinte, era eleito deputado estadual de Mato Grosso. O ônus legislativo obrigou-o a prestar as provas, na Faculdade, em segunda época, por falta de frequência regular.

Concluído o curso de Direito, não teve a conduta do pai (o melhor aluno da Faculdade de Engenharia do Rio Janeiro), que, ao receber o diploma, em memorável solenidade, abraçou enternecido o velho pai Chiquinho, dizendo-lhe com todo o respeito: - “Obrigado por tudo, meu pai. Perdoe-me: receba o diploma com que o senhor tanto sonhou. Agora, vou cuidar da fazenda.” E nunca exerceu a profissão.

José Queirós surpreenderia também o filho. Como presente de formatura deu-lhe, em bem caprichado estojo, uma tabuada, com a recomendação; “Considerando que você não se distinguiu em Matemática, ofereço-lhe esta tabuada para calcular corretamente os honorários.”

Em 1952, Leal de Queiroz casava-se, em Lins, com Maria Elza Fogolin, com quem teve dois filhos: Elza Maria e Francisco Júnior, que lhe deram cinco netos.

Queirozinho (como é conhecido na política) realizou o sonho de seus antepassados. Foi político, político sempre. Em 1954 reelegeu-se deputado estadual; em 1958, elegeu-se prefeito municipal de Três Lagoas; em 1962, novamente deputado estadual. Em 1966, Secretário do Interior e de Justiça do Estado, no governo Pedro Pedrossian, que deu ares de modernidade ao Estado de Mato Grosso, lembrando que respondeu interinamente também pela Pasta da Agricultura. Em 1969 participou da comissão que adaptou a Constituição estadual às novas diretrizes da Constituição Federal, alterada pelo governo militar.

Em 1971 foi nomeado representante do Estado de Mato Grosso junto à Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) e à Superintendência do Desenvolvimento da Região Centro-Oeste (Sudeco) e, ainda, representante e chefe do Escritório de Mato Grosso em Brasília.

Afastando-se temporariamente da vida pública, para cuidar da família e de suas propriedades, retornou em 1982 como suplente de senador eleito pelo PMDB, sendo no ano seguinte nomeado representante do governo de Mato Grosso do Sul em Brasília. Foi, naquele tempo, representante sul-mato-grossense na comissão que definiu os limites entre Mato Grosso e Goiás. Em 1986 assumiu a Secretaria de Justiça do Estado e no ano seguinte a de Segurança Pública (com uma administração e liderança lembradas até hoje). Em 1988, foi nomeado, pelo então governador Marcelo Miranda Soares, procurador-chefe do Ministério Público Especial junto ao Tribunal de Contas. Em 1990, voltava ao governo como assessor especial do governador do Estado. Em 1995, era reconduzido à mesma função.

Vale registrar que, em 1990, era agraciado pela OAB-MS com a Medalha Heitor Medeiros, concedida aos advogados mais antigos de Seccional, com serviços prestados à classe e à comunidade sul-mato-grossense.

É membro da Academia Mato-Grossense de Letras e da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, com posse nesta em 21 de agosto de 1987, juntamente com a saudosa acadêmica Nelly Martins. E do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e do Mato Grosso do Sul (com posse neste em 1º de julho de 2003), por coincidência, juntamente com Wilson Barbosa Martins, esposo de Nelly.

Leal de Queiroz conta, entre suas virtudes, o compromisso. Nem sempre é fácil convencê-lo a participar de determinadas ações. Quando decide, porém, pode-se contar incondicionalmente com ele: é companheiro de jornada inteira. Elpídio Reis (em ACADEMIA: JUBILEU DE PRATA) deixou registrado: “É dos acadêmicos que mais ajudam a Academia, sempre em impressionante silêncio, como se fosse um bom mineiro, sendo de registrar-se que é sul-mato-grossense”.

O exemplo mais atual é ter assumido a presidência da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras num momento em que tudo o desaconselhava. Assumiu e deu novos rumos à instituição, que hoje goza de respeito e credibilidade.

E foi assim por onde passou. Memorável, só para exemplificar, foi seu período de governador distrital do Lions, em Mato Grosso uno e oeste de São Paulo.

Advogado de renome, angariou notoriedade, não só pela competência como também pela oratória, arte em que se iniciou cedo. Quando concluía o Curso de Contabilidade, foi escolhido orador da turma, cujo paraninfo era o embaixador da Argentina, que se impressionou tanto com o discurso do jovem Leal de Queiroz, que o presenteou com um curso de verão (de três meses) em Buenos Aires.

Em Aparecida do Tabuado, houve, certa vez, um júri a que Leal, advogado de defesa, não pôde comparecer, sendo substituído por um amigo. Na hora da quesitação, o resultado saía inconsequente. O juiz repetia a votação e nada. Até que, perdendo a paciência, voltou-se para os jurados e, de certa forma, os repreendeu pela falta de coerência. Um deles, sem se perturbar, explicou: – Seu Juiz: eu não entendo nada disso. Mas não voto contra o dotô Queirozinho.

Leal de Queiroz, sempre antenado no mundo, escreveu para jornais e revistas, defendendo sempre uma sociedade justa e fraterna. Hoje, em cada canto do Estado há alguém que teve a atenção de Queirozinho. Porque esteve sempre interessado nos outros, exigindo para com todos tratamento digno.

*\* Parte da Introdução [constante às págs. 9 a 16] do livro “Leal de Queiroz – Poesia completa e alguma prosa”, lançado em Campo Grande em 30/04/2004.*



# **DR. FRANCISCO LEAL DE QUEIROZ: UM LEAL COMPANHEIRO**

*por: Raquel Naveira*

Leal significa franco, honesto, sincero, conforme a lei, dedicado, fiel, probo e todas essas virtudes definem o caráter de Francisco Leal de Queiroz, esse ilustre filho de Santana do Paranaíba, descendente dos Garcia Leal e dos Queirós, de gente que fez política e história neste sul de Mato Grosso.

Dr. Leal continuou a escrever a saga de nosso Estado com o seu sangue, o seu trabalho e as suas lutas: foi promotor, deputado, prefeito de Três Lagoas, secretário de Justiça e de Segurança do Estado, chefe do Escritório de Mato Grosso em Brasília, suplente de senador, procurador do Tribunal de Contas. E sempre decidido, organizado, inteligente, diplomático, amigo. Leal conselheiro.

Num momento delicado, em que precisávamos de orientação segura, aceitou a presidência da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, que assumiu com entusiasmo e força de trabalho surpreendentes. Começou reformando toda a Casa Professor Luís Alexandre, sede de nossa Academia, empreendendo uma construção ao mesmo tempo material e espiritual, por dentro e por fora. Reformou também o prédio que abrigou por algum tempo o nosso irmão, o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (que atualmente possui sede própria). Hoje é uma bela Casa, destacada na rua Rui Barbosa, coração de nossa cidade, recebendo no período vespertino um número significativo de estudantes, turistas e amantes das letras.

Naquela ocasião, com a ajuda de Hildebrando Campestrini Júnior e de estagiários, recuperou arquivos jornalísticos; catalogou os livros da Biblioteca; contactou com órgãos como o Tribunal de Justiça e Assembleia Legislativa; equipou a Academia com computador, televisão, fax, aparelho

de DVD, colocando-a na modernidade da era da informática, com um site que registra mais de mil acessos por semana. Para consolidar o trabalho literário da Academia, lançou a Revista da Academia, com vários números publicados, viva até hoje, de excelente qualidade gráfica, prestigiando os falecidos e atuais acadêmicos, demonstrando a preocupação com a tradição e a abertura para o novo, num projeto competente. A revista foi remodelada sob a atual coordenação do dedicado acadêmico poeta Rubenio Marcelo, que também ampliou seu conteúdo.

Foram divulgados e entregues mais de centenas de exemplares de revistas e livros dos acadêmicos aos visitantes da Academia, num esforço hercúleo para o avanço da cultura sul-mato-grossense.

E como esquecer momentos memoráveis como a posse do escritor Abílio

Leite de Barros, evocando o mundo pantaneiro sob um maravilhoso luar, no pátio de nossa Academia? E a posse do Dr. Leal na solenidade do Instituto Histórico, quando foi lançado o livro Leal de Queiroz - Poesia completa e alguma prosa, registro e homenagem comovente da família à obra de um homem íntegro e bom, que nos legou páginas líricas e filosóficas? E a entrega do medalhão da Academia aos escritores, que também distribuíram “cestas básicas” de livros a instituições e escolas que trabalham com projetos em favor da leitura, numa feliz ideia do acadêmico Américo Calheiros, apoiado por André Puccinelli?

Enfim, foram anos de convivência com esse líder nato. Lembro de seus versos: “A canoa da Saudade / armou velas, / e tomando / o roteiro das gaiotas / se atracou no porto da Esperança.”

Dr. Leal deixou saudades com sua decisão de afastar-se da presidência da Academia, mas deixou também a esperança de que possamos nos manter fiéis ao ideal de amor à literatura.

No célebre soneto de Camões “Amor é fogo que arde sem se ver”, o vate português assim define o Amor: “É ter com quem nos mata lealdade”, em outras palavras, “amar é ser leal com quem nos mata” (amor que encontramos no coração de um pai ou de uma mãe sofredores, por exemplo). É dessa lealdade, que supera, através do amor e da doação,

os limites da vida e da morte, que Dr. Leal é capaz e deu provas disso se entregando ao fraterno sonho de elevação do ser humano através da formação intelectual e da literatura.

Hoje, passados alguns anos, sob a presidência do professor Reginaldo de Araújo, homem generoso e dinâmico, que sempre acreditou na democratização e na função social da literatura, percebemos os frutos das ações do Dr. Leal: o crescente reconhecimento da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras junto à comunidade; novos acadêmicos comprometidos com a literatura, com o jornalismo, com o magistério nas Universidades; início do empreendimento da construção de nova uma sede, de arquitetura contemporânea, de primeira grandeza; apoio para publicação e divulgação de obras; o olhar de todos os membros sempre voltado para a educação e para o desenvolvimento ético e estético da população do nosso Estado, criando hábitos de leitura e de valorização do patrimônio cultural e literário de nossos escritores.

Desde que saí de Campo Grande, há seis anos, trago essas lembranças da minha terra e dos meus amigos como raízes fundas dentro de mim. Sou Mato Grosso do Sul, aonde quer que vá.

Ao Dr. Leal, o nosso leal muito obrigada.



atacado indefesa inventou a flecha, hoje substituída, pelas máquinas mais modernas que o gênero humano concebeu. A indolência, própria da sua natureza, insinuou a criação da eletricidade e da mecânica.

Protegido por fortalezas cada vez mais sólidas e inexpugnáveis é que se apresenta.

Antes, errava pelas desertas florestas, descia o curso dos rios sobre o dorso de pinheiros, sem que trouxesse consigo armas nem mapas. E, assim eram os brutos, os selvagens...

Não profanava o deus alheio, acatava as mulheres do clan. E assim, eram os pagãos, os bígamos...

Hoje, que uma boa soma da humanidade ouviu lições e mestres, leu os decálogos de virtudes, aconselhou o próximo na prática do bem, com que quadro nos deparamos na tela? Este, simplesmente. Uma cidade com toda a sua vida paralisada porque faltou a energia elétrica; os escritórios de portas cerradas porque a companhia de transportes coletivos fez greve; um parlamentar na fábrica de armamentos, porque vai haver sessão no Congresso; o escolar deixa de comparecer à aula porque a governante não pôde conduzi-lo...

Assim, é que vive o homem da era atômica, temendo mesmo a si próprio. É o mais covarde e o mais escravo que o de todos os tempos!

*\* Texto publicado no Jornal Gazeta do Comércio (Três Lagoas, 7 de agosto de 1949)*



## **Três Lagoas - 83 anos\***

O inspirado Arcebispo-poeta D. Aquino Correa batizou todas as cidades mato-grossenses com um epíteto que as retratasse fielmente. A nossa Três Lagoas foi cognominada a Caçula. E, agora quando se enga-

lanou para o seu octogésimo terceiro aniversário em meio às calorosas saudações com que foi vivamente festejada, a nossa caçula continua carinhosamente mimada pelos sul-mato-grossenses, desfilando cheia de graça entre suas co-irmãs como charmosa adolescente.

O Distrito de Paz de Três Lagoas foi criado pela lei nº 656, de 12 de junho de 1914, com uma vasta área desmembrada de Paranaíba e a lei nº 706 de 15 de junho de 1915 deu-lhe a certidão definitiva de nascimento.

Em meio aos empolgados festejos e no calor do civismo espontâneo da sua juventude e da população num todo, hoje, bem governadas pelo correto prefeito Issam Fares, auxiliares e o bem postado legislativo municipal, propus-me a uma reflexão como humilde cidadão três-lagoense. Como prefeito, no período 1959-1962, a par da rotina cotidiana, plantei a semente da sua primeira pavimentação, quando as quadras centrais receberam o sonhado asfalto que cobriu a incômoda areia e as renegadas poças d'água. Isso, porém, com um trabalho preventivo: a implantação da rede de esgotos, quando os fundos de quintal e calçadas não dispunham mais de espaço para construção de fossas. E afirmo com ênfase que toda essa ação foi desenvolvida com recursos próprios da Prefeitura! Ao término desse mandato, fui reconduzido à Assembleia Legislativa, quando já havia também exercido dos outros mandatos, de 1950-1958. Em 1966, o governador Pedrossian, na sua primeira investidura, deu-me as funções de Secretário de interior e Justiça e nesse cargo pude trazer para a nossa cidade o edifício do Fórum, na época, o mais majestoso do Centro-Oeste, hoje, reclamando ampliação face o crescimento dos serviços da Justiça, sob a administração de honrados magistrados, promotores, defensores públicos e funcionários.

No governo Marcelo Miranda, como Secretário de Segurança, implantei em Três Lagoas complexo integral para os seus serviços, como Unidade de Segurança, com mais de mil metros quadrados de área construída; instalações para a Ciretran e para o Instituto Médico-Legal, além do Sub-Grupamento de Bombeiros, erguido com os braços dos próprios soldados do fogo, e participação da comunidade, especial-

mente do dinâmico vereador Carlos Zuque e equipado pela Secretaria.

Quando prefeito, sentia nos ombros pesada responsabilidade, pois, desde Afonso Prado, o nosso primeiro Intendente, passando por Bruno Garcia, Rosário Congro, Marcolino Carlos de Souza, Ranulfo Marques Leal e tantos outros, registrava-se na galeria dos administradores três-lagoenses a imagem do trabalho profícuo e honradez.

A hospitaleira Caçula tem muito com que se rejubilar nesta oportunidade. O progresso é sentido em todos os seus setores. Qualquer três-lagoense tem sobejos motivos para se orgulhar da sua cativante cidade. Com oitenta e três anos, Três Lagoas é a estrela mais cintilante da nossa constelação urbana. Salve!

*\* Texto escrito por Leal de Queiroz à época da comemoração dos 83 anos de Três Lagoas.*



## **Meus recortes de jornal**

Com meu confrade José Ferreira de Freitas cultivamos manias comuns: colecionar recortes de jornais. Ler esses papéis amarelados pelo tempo, e às centenas, é exercício dos mais agradáveis, além de oxigenar a memória que, também, vai se amarelando pelo mesmo tempo.

Registro, aqui (abaixo), um desses desfigurados recortes, sem paternidade, data ou remetente, a propósito do entusiasmo com que um amigo acaba de comunicar que “está ingressando na Maçonaria”.

“Zé, prciso ti contá essa história:

Tava eu, noite dessas, procurando uma loja pra comprá o seu presente de Natal, quando encontrei um predião, tudo aceso, cheio de gente. Eta turma boa. Perguntei: “Aqui é a loja?”.

Invés de resposta, só foi abraço.

Descobriram que sou mecânico, porque todo mundo perguntava onde ficava a minha oficina.

Lojona bonita, com quadros, tapetes, ventiladores, até livro de visitante precisava assiná.

Gozado que com aquele calorão doido eles não tinham termômetro e queriam saber quantos graus tava fazendo. Devia tá mais de 30, então “carquei” lá no livrão: 33. Acho que acertei na mosca porque todo mundo me abraçava bastante.

Depois todo mundo entrou pro salão onde tava as mercadorias. Tinha cuié de pedreiro, prumo, nível, esquadro, alavanca, compasso, régua, até pedra. Tinha também mesas e cadeiras que não acabava mais. Algumas dessas mesas tava com o tampo solto porque os caras pegaram uns martelinhos e começaram a bater. Até a porta estava empenada porque um sujeito começou a bater com um espeto.

Depois pensei que um indivíduo lá era cego... Perguntou onde tinha assento o fulano... Onde tinha assento o cicrano... Porque queria saber que horas eram... Coitado! E teve até um espírito de porco que falou pra ele que era meio-dia em ponto e ele acreditou.

Depois acabou indo outros sujeitos perto dele e um deles reclamou de um tal de Arão que fez um estrago com óleo. Disse que derramou na cabeça, na barba e ainda no vestido de uma tal de Dona Orla.

Confirmei que o cara era cego porque ele falou que a loja tava aberta e então olhei a porta e vi que tava fechada.

Nessa hora notei que até lá você era conhecido. Sentiram a sua falta e começaram a perguntar: “E o Zé? E o Zé? E o Zé?”.

Depois, aguentei, um tempão, um sujeito falou umas baboseiras que não entendi nada e até que enfim mandaram fazer as propostas.

Veio outro sujeito recolher as propostas com um saquinho e então mandei a minha: dava cinquenta mangos naquela corda pindurada lá em cima toda enroscada.

Sabe? O cara tava se fazendo de cego. Ele leu a minha proposta. Acho que fui “munheca” demais.

Eles inventaram que tava chovendo, que tinha goteira e acabaram

me pondo pra fora.

Ta certo. Era justo. Era perfeito. Mas, bem que podiam fazer uma contraproposta”.

Esse “irmão” anônimo adentrou, sem saber, na porta errada, mas muitos existem por aí maquiando assinatura, sinal nos cumprimentos, abraços, com o propósito de buscar interesses pessoais no uso da malfadada “Lei de Gerson”.

Estou adormecido, mas sob a proteção do nosso Supremo Arquiteto.



## Salve, Itaporã cinqüentona!

Há 50 anos... Eu me lembro. Eleito deputado estadual nos meus inexperientes 23 anos de idade, fui designado para integrar a Comissão de Municípios da Assembleia Legislativa. Como a criação de novas cidades só se dava de cinco em cinco anos, nessa época qualquer povoado de um Distrito de Paz queria a sua autonomia. Era um deus-nos-acuda... E com a disputa pela participação na chamada “cota do imposto de renda” hoje designada “fundo de participação”, a cobiça era acirrada, uma vez que eram mais recursos federais carreados para o Estado, além do acesso às posições políticas das lideranças desses povoados.

Como presidente da referida Comissão, examinado os projetos apresentados pelos deputados, um me despertou especial atenção. Eu conhecia a Colônia Municipal de Dourados, cognominada Panambi. Ora, o deputado Camilo Hermelindo da Silva havia proposto, ali, a criação de um Distrito de Paz. Não só pelos dados estatísticos apresentados como também, eu já havia lá estado, concluí que Panambi tinha mais condições de ser Município do que a maioria de muitos outros projetos. Fui, então, ousado. Apresentei à proposta ao deputado Camilo, emenda elevando o povoado de Panambi diretamente a Município, o que mereceu aprovação unânime.

Bem, havia um problema a resolver. Já existia no Rio Grande do Sul cidade com este nome. Para solucionar, pedi às lideranças locais para consultar a população sugerindo o nome e que me telegrafassem com as sugestões. Vieram-me às mãos mais de uma centena de mensagens. A maioria optou pelo nome ITAPORÃ. E, assim, ficou criado o novo Município. Até há pouco tempo, eu ainda guardava entre os meus alfarrábios esses telegramas. Não sei onde se encontrariam hoje. Porém, uma coisa é certa, sempre que me lembro da progressista urbis, pergunto a mim mesmo: quem será que vai me mostrar onde fica essa encantada PEDRA BONITA, que é a tradução da palavra indígena Itaporã. Enquanto isso não acontece vou repetindo a minha gratidão por poder circular por lá numa bonita rua chamada Francisco Leal de Queiroz.



## **Centro Universitário de Três Lagoas: Bodas de Prata**

Chegou-me às mãos o convite para as comemorações de graduação da primeira turma do nosso Centro Universitário.

A gentil Neide Bussamra fez-me recordar como germinou tão promissora semente, que nesses 25 anos propiciou a formação de tantas gerações à sombra do Templo do Saber três-lagoense.

Quando Pedrossian assumiu o Governo de Mato Grosso, em 1º de janeiro de 1966, tive o privilégio de comandar a Secretaria de Interior e Justiça, cargo em que permaneci nos cinco anos do seu mandato.

Em nossas reuniões de trabalho, e em todas as oportunidades possíveis, sempre lhe sugeria a criação de uma Faculdade de Filosofia (era essa a nomenclatura da época) em nossa Cidade, mas meus argumentos esbarravam sempre na alegação de que não haveriam professores habilitados e muito menos alunos para um projeto desses aqui.

Faculdade de Filosofia em Três Lagoas e ao mesmo tempo fez chover telegramas na Cidade espalhando a sua iniciativa...

Ato contínuo, recebi a determinação para ajudar a providenciar os projetos para construção dos prédios destinados ao funcionamento dessas faculdades.

Era o fim do ano. Fui passar as festas natalinas em Lins (SP), onde havia um conceituado escritório de Arquitetura, do doutor Adir Moura, graduado na Universidade Mackenzie, por onde se formou também o doutor Pedrossian.

O doutor Adir lisonjeado com a escolha para projetar essas obras, colocou toda a sua equipe em ação, dia e noite, de modo que no 1º dia de janeiro regressei a Cuiabá com esses projetos e mais o da penitenciária da Capital e o do Corpo de Bombeiros de Campo Grande.

Para a instalação da Faculdade, levei uma lista com três nomes para a escolha do seu primeiro diretor.

Certa feita, cheguei com a notícia de que Andradina (SP) estava tomando iniciativa semelhante lá. Aí é que desabou de vez a minha reivindicação...

Mas, eu tinha um aliado poderoso, o incondicional apoio do saudoso João Arinos, então chefe da Casa Civil. Os meses foram se passando e na eterna luta de governantes para a obtenção de recursos foi decidida a venda das ações da Petrobrás, em poder do Estado.

A Assembleia autorizou, especificando-se a percentagem do produto obtido para energia elétrica, educação etc. o ministro Delfin Neto concordou com a operação, através de Bolso de Valores do Rio de Janeiro, desde que em lotes pequenos para se evitar o aviltamento do preço.

Mais uma vez, pude reivindicar junto ao governador a nossa Faculdade quando recebi a determinação para redigir a mensagem à Assembleia Legislativa propondo-se então a criação de tão importante centro de estudos nas cidades de Corumbá, Dourados e... Três Lagoas. Pedrossian autorizou com entusiasmo.

Fui para o gabinete mais cedo, naquele dia, preparar a competente

mensagem e outros documentos do Governo. Essa era missão do Secretário de Justiça.

Era hábito de pessoas frequentarem o gabinete da Secretaria: ali, o ponto de contato com a Administração de quem vinha do Interior e outras envolvidas no cotidiano da vida pública do estado.

Uma visita constante era a do deputado Valdomiro Gonçalves, primeiro suplente convocado para preencher a vaga do deputado Manoel Oliveira Lima, que assumirá o cargo de ministro do Tribunal de Contas.

Com alegria, comuniquei-lhe a decisão do governador, dizendo-lhe que à tarde ainda eu entregaria a mensagem à Assembleia.

Dali, o ilustre deputado foi para a sessão e apresentou um projeto de decreto- legislativo que “autorizava” o Governo a criar a Faculdade.

A indicação recaiu no padre Jair, após ser vencida a resistência dos seus superiores. Custei digerir essa resistência, vez que uma das missões precípuas dos Salesianos é justamente a educação e querer dispensar uma oportunidade dessas, que lhes chegava de graça...

Na construção dos prédios próprios, em Três Lagoas o prefeito João Filgueiras doou o terreno, de acordo com a recomendação do governador, que fosse na saída para São Paulo, a fim de ser uma referência para quem chegasse.

Em Dourados, consegui permutar o terreno onde seria erguido um Centro Educacional, que na época era relativamente distante, por outro adquirido pelo Estado para a Faculdade e localizado em ponto ideal para alunos do curso secundário.

Em Corumbá, também promovi um acerto com o Sindicato Rural, erguendo-se assim o prédio da sua Faculdade com uma visão para o Rio Paraguai constituindo-se verdadeiro postal!

Instalou-se a nossa Faculdade em Três Lagoas. Funcionou de maneira extraordinária, os professores foram recrutados num estoque de primeira qualidade e essa turma que está comemorando as Bodas de Prata elegeu, merecidamente o governador Pedrossian seu paraninfo. Não recebi sequer convite para as solenidades.

No ano seguinte, a Segunda turma escolheu o deputado Valdomiro

para apadrinhá-la. Também dessa vez não fui convidado. Resumindo a ópera.

A primeira manifestação relacionada com a nossa Faculdade que me chegou é o convite para a comemoração da formatura da sua primeira turma... quase 30 anos depois. Mas, ainda em tempo.

Muito obrigado, pois, à comissão, encarregadas das comemorações. Diz-se que quando a criança é saudável e bonita, não faltam pais!

Obrigado e salve a nossa Faculdade.



## **Oração pronunciada pelo deputado Leal de Queiroz, na sessão de homenagem póstuma\* (e corpo presente) ao Ministro Rosário Congro**

Estamos pranteando, neste momento, a figura inesquecível de Rosário Congro. Os seus familiares das mais dignas referências, todos, soluçam amargurados e irresistíveis; os seus amigos – a cidade inteira – não conseguem abafar as lágrimas doloridas; e nós, seus companheiros da Academia Mato-grossense de Letras, juntamo-nos para, nesta consagração póstuma, dizer o nosso adeus, a sombra de uma saudade que já nos parece tão distante, e a ser eterna, com uma saudade que já nos inabalável: a de que somos imortais, apenas, quando sorrimos às tristezas ou as quimeras embalamos para gáudio dos aflitos e sensação dos angustiados.

Rosário Congro quis morrer. Preparou-se para o infortúnio do desenlace. Despediu-se, deixando, ainda mais uma contribuição à história, às letras e ao nosso silogeu, venerando-o com a recente publicação de Últimos Caminhos. Seu propósito foi ser sempre útil aos seus semelhantes, à comunidade, à Pátria, ao nosso Estado, que adorou espiritualmente, aos seus entes queridos: e, na hora em que se julgou incapaz de servir, as mesmas cordas, sensíveis e sonoras, que entoaram tantos hinos de enlevo

a sua Musa embevecida, vibraram para nos estarrecer, na fatalidade que, em outros, também, os póstumos souberam perdoar...

Pontificando nos quatro quadrantes da sua existência, Rosário Congro traçou veredas e iluminou talentos. Na vida pública, dirigiu cidades e construiu progresso, de que se orgulham ufanos. Corumbá, Campo Grande e Três Lagoas; foi deputado, por mais de uma vez, do parlamento estadual: Diretor do Departamento de Terras e Colonização (em Campo Grande) e Secretário da Agricultura; Ministro do Tribunal de Contas do Estado, cargo em que arrematou suas atividades públicas, com merecida aposentadoria. Nas letras, foi uma das estrelas mais festejadas da nossa constelação: orador de estilo, poeta exuberante, jornalista atrevido. Como profissional, foi advogado zeloso e cumpridor das obrigações que lhe eram impostas pela ética e o mandamento dos Códigos. Na vida particular, útil e honrado; legou à sua comunidade numerosa e invejada prole, que, nos campos da Ciência do Direito, do amanhã a terra e da guarda da nossa Pátria, é exemplo e justo pretexto de orgulho.

Rosário Congro amou a cidade que tomou por berço espiritual: Três Lagoas.

Quando eu assumi as rédeas deste município, em trinta e um de janeiro de 1959, uma das primeiras visitas que recebi, em meu gabinete, foi a de Rosário. Aí, não se fez de rogado. Disse-me que fora, ali, mais do que para cumprimentar-me: era para notificar-me que se viesse a morrer enquanto eu fosse o Prefeito, queria que seu corpo fosse velado no Paço Municipal, obra que edificara com tanto carinho quanto seu alcaide, mesmo que a isso se opusesse a sua família. E, sempre, que o encontrava, reiterava-me o pedido, ao que, sempre, eu respondia: Não há de ser comigo, Dr. Rosário... E não foi!

A figura ereta e simpática de Rosário Congro, a sua maneira impecável de vestir-se, a gravidade com que se dirigia às pessoas e sua personalidade de nobre, muita vez, deixava a aparência de homem orgulhoso e autoritário. Mas, o seu coração era tão diferente... A sua alma era gentil e acolhedora... Nessa hora, temos a imagem mais viva da sua humildade: exigiu dos seus familiares, antes de expirar, que

desejava ser enterrado com os pés descalços. E esta sua decisão está sendo obedecida...

Receba, pois, Rosário, as despedidas dos seus confrades distantes, imortais na lembrança e na dor que nos unem em espírito, nesta hora de angustia, leve, também as saudades dos seus velhos companheiros da Assembleia Legislativa, onde sua imagem emoldurada está a simbolizar, ali, os anelos que todos nós sempre nutrimos pelo bem do nosso povo e a grandeza da nossa terra, que tem na sua figura o guia intemorato!

Adeus, Rosário.

*\* Três Lagoas, outubro 1963.*



## **Textos em versos (Leal de Queiroz):**

### **Contraste...**

Nunca se está só nas campas da vida,  
nos acompanha uma saudade amiga  
ou nos consola uma esperança antiga.  
Nunca só desenganos cunham nossa ermida,

a glória nunca insensa os nossos anos  
sem que tenhamos soluços diluídos  
em sorrisos...

De anelos redimidos  
deliram os sentidos cheios de enganos...

Vide a bastarda ironia do destino,  
o mesmo drama a todos perseguindo:  
solta-se a alma a buscar o gozo eterno

e ela se torna  
com um pouco de céu e inferno,  
ou, se lhe dita o espasmo que possui,  
escrevendo acordes fluentes de um hino...  
Como o dobre do sino  
num fim de dia  
chamando ao terço os fiéis,  
as pancadas do peito,  
os soluços,  
são o planger da saudade  
chamando à alma da gente  
quem de nós se esqueceu...

A alma da gente... Uma capela vazia...  
Flores... Chamas acesas...  
Silêncio... Murmúrio de rezas...

No bojo, o caramujo  
tem do mar a ressonância...  
No coração, caramujo do peito,  
a saudade é a ressonância  
de quem de nós se esqueceu...

## **Só a lembrança cura...**

Está entardecendo  
a minha louca existência...  
Nas folhas de outono  
dos meus dias bem vividos  
tropeço com frequência,  
chegando aos meus ouvidos  
um grito sonolento, em abono  
de que já estou me envelhecendo...

Juventude de amores, como todos:  
passatempos, ilusões, patriotismo,  
parodiei um samba, fiz poesia...  
Ternos engodos,  
que enchem uma alma vazia,  
buscaram com fanatismo,  
no infinito, os meus olhos sonhadores.

\* \* \*

Retorna aos sonhos, o poeta enquanto  
escreve os versos que seu peito dita,  
tece grinaldas,  
e em purpúreo manto embalo o Estro...  
E o rouxinol imita...

Vagando as nuvens na amplidão etérea  
que serenando a passarada cruza  
sua alma as segue...  
Na cúpula sidérea  
rútilos painéis lhe despertam a Musa.

No campo... No mar...  
No céu ou ta terra  
murmura cristalina a fonte do poeta...  
Nas horas cor de sangue, o pensamento,

em cismar, então se perde, vaga, erra,  
dedilhando a lira,  
a buscar alento,  
na natureza, que é a fonte do poeta!...

\* \* \*

Quando o sol acena os seus raios  
Ao poente, no fim de cada dia,  
E se recolhe,  
A tarde estira-se por sobre as serranias,  
Pincelando de rubro a barra do horizonte,  
Me da uma vontade louca de amar...

E quando o sol de novo cumprimenta  
o nascente, no romper de cada aurora,  
faz acordarem as sombras espreguiçantes,  
folhas secas num rodopiar constante  
dançarem na ronda dos ventos,  
as andorinhas deixarem o âmago das copas,  
me da uma vontade mais louca ainda  
de amar muito mais!...

\* \* \*

Fitando, saudoso, o infinito  
Em noites de lua cheia,  
Chorava por não ver estrelas,  
E a lua me vendo chorar  
Sumiu no seu manto, deixando  
O céu marchetado de estrelas  
E a mim marchetado de amores...

\* \* \*

Estava à beira da fonte  
molhando-a com minhas lágrimas  
e veio uma vaga e me disse:  
deixe a tristeza de lado,  
passa comigo a vagar,  
que o coração das mulheres

é como o vento que leva  
a branca areia da praia  
e sopra a espuma do mar,  
mora no peito da gente  
mas sempre, sempre está ausente...

## **Romance de uma Flor**

Foi uma linda borboleta,  
toda enfeitada de azul e de ouro,  
que me contou  
– e pediu segredo –  
o romance de uma flor abandonada...

Uma linda estória de amor...

Era uma campina verde.  
Tímida,  
entre os espinhos dos seus galhos,  
uma primavera  
seduzia os passarinhos peregrinos  
para as ceias de perfume,  
e carinhos,  
no leito de veludo  
forrado com pétalas de tantos troféus...

Um beija-flor,  
coitado,  
lá, foi ter-se  
beijando aqui, acolá,  
os lábios virgens das flores,  
beijou os lábios, também,  
da triste flor da novela.

Ela era mulher...  
Pedi-lhe o mar,  
ele deu-lhe a água do mar...  
Pedi-lhe um espelho encantado,  
buscou-lhe o espelho das fadas...  
Mas, o último desejo:  
(ela era mulher...)  
pediu-lhe uma estrela do céu.  
E ele voou... voou... sumiu...  
e, até hoje, não veio  
com uma estrela do céu...

## Dupla Ingenuidade

À tardezinha, uma calçada  
a passos curtos atravessava  
Sinhá, na bengala apoiada,  
pois, oitenta invernos contava.

Ali, entretida,  
uma loira criança brincava  
com uma bola apostando corrida,  
que com os anjos, a sós, disputava.

Mas, eis que ao bisar o brinquedo  
acerta em cheio a mendiga,  
que deu-lhe de novo o folguedo  
embalado num largo sorriso.

Dupla ingenuidade,  
Doce lembrança da idade...

\* \* \*

Os nossos sentidos são bancos públicos  
instalados  
num jardim qualquer de uma existência,  
em que descansam as almas desprendidas,  
embriagadas  
do sabor dos alecrins, do perfume das hortênsias.

E o meu peito,  
aberto ao mundo dos amores?  
É uma gaiola de alegres passarinhos  
cantarolando da tristeza uma partitura,  
por não deixar, também, de embriagar-se  
do sabor dos alecrins, do perfume das hortênsias,

As folhas secas de tantos sonhos  
o calor de um beijo fê-la cinzas,  
as cinzas um vento as carregou  
numa canoa feita de Saudade...

D'antes entoava a balada das miríades,  
ora, só me resta aos olhos cheios de pudor,  
no jardim plantado num quartel da vida,  
um corpo nu de um pé qualquer de alecrim,  
e a terra causticada  
de um canteiro de hortênsias!...

## **Tua sinceridade**

Enquanto voarem  
as aves no ar,  
enquanto bramirem  
as ondas do mar,

verás implicada  
tua sinceridade.

Ingênuo, a juraste  
por quanto sagrado...  
Confesso que erraste  
te ofenda, malgrado.

Ao ver lá no céu  
uma nuvem passar  
desceste teu véu  
com medo de olhar

por ela levada  
tua sinceridade...

# ANTOLOGIA



**Antologia em prosa  
e versos**

(Textos de Acadêmicos)

“A literatura é a expressão da sociedade,  
como a palavra é a expressão do homem.”

(Louis de Bonald)

“Nada melhor para representar a alma de um povo  
que a palavra de seus escritores.”

(Érico Veríssimo)



## ABÍLIO LEITE DE BARROS



*Nasceu em Corumbá (MS), em 1929. Advogado, professor universitário e pecuarista. Obras: Gente Pantaneira, Uma Vila Centenária, Opinião e Histórias de muito antes, Gente Pantaneira - Crônicas de sua história. Ocupa a cadeira nº 32 da ASL.*

### O livro do amigo

É claro que aos amigos só nos cabe a compreensão. Devemos a eles o apoio e, às vezes, o silêncio em seus desacertos e, com maior razão devemos a eles os aplausos em seus sucessos. Essas reflexões me ocorrem neste momento em que faço apreciações do livro “A Medicina que Vivi”, de Helio Mandetta, amigo certo em mais de 50 anos. Emocionado quero aplaudir ao amigo e o faço com a certeza de que, pela qualidade da obra, o aplaudiria ainda que inimigo fosse. Trata-se de um livro que fará parte dos documentos da nossa cidade.

O livro se divide em três partes, a primeira fala da história da família Mandetta. O autor não querendo dizer de si mesmo e, com pudor de se auto-elogiar, passou a função ao competente professor Hildebrando Campestrini. Mas, passo a passo, vê-se que é o próprio Helio quem dita as notícias e não podia ser de outro modo. Nelas estão destacadas as virtudes da família, que todos conhecemos e evidentemente admiramos. Lá está também o Helio, ele mesmo, desde menino, superando as naturais dificuldades da vida até voltar a Campo Grande, em 1956, com o seu diploma de médico, um ortopedista – o primeiro na cidade.

Devemos aos italianos muito do que somos. É o povo que mais se assemelha a nós, brasileiros, quer em nossas alegrias barulhentas,

como em nossas mostras muito fortes e silenciosas de afeição familiar. Assim o Helio fez destaque dos seus, com justa razão, pois ele só sabe ver o seu sucesso como um acontecimento familiar.

Além da família, o nosso autor traz, ao palco de seus sucessos, os colegas dos tempos difíceis da Campo Grande dos anos cinquenta, ainda quase sem luz e água e de isolamento total. O Helio pediu aos seus colegas e companheiros do sofrido pioneirismo da medicina daquele tempo, que fizessem o seu depoimento na terceira parte do livro e isso completa o caráter histórico e memorialista da obra.

Na segunda parte do livro, que ele chama “Histórias de Ontem”, está o Helio todo como ele é, cuidadoso e preocupado com o sofrimento alheio, fazendo da sua medicina um ato de amor ao próximo necessitado. Isso me leva a dizer que, além da narrativa histórica, há mais coisas nesse livro.

Literariamente o livro nos surpreende, pois se trata de um autor desacostumado ao ofício. Mas não nos surpreende de todo, pois sabemos que a inteligência é guia mestra em toda atividade intelectual. Guiado por ela e, superando a inexperiência, o nosso autor produz uma linguagem simples e agradável, sem preciosismo vocabular, sem afeição, com grande economia de adjetivações e sensível objetividade. O autor, junto aos fatos, nos comunica sensibilidade estética. Refiro-me, em particular, às narrativas de pequenas histórias de pessoas, quase sempre muito simples, que fizeram a riqueza da sua vida profissional do ponto de vista afetivo – são auxiliares, enfermeiras, atendentes, clientes mais necessitados e mais. Ninguém sai afetivamente incólume dessas leituras muito simples e tocantes. Essa comunicação estética poucos de nós somos capazes de bem fazer.

Parabéns ao autor que pode se aventurar pela literatura em outros voos.



## A comunidade dos macacos sem-rabo

Localizada em uma afastada região de um país muito grande e inventivo, era uma vez uma comunidade de macacos sem-rabo. Um deus os fez assim para uma experiência ético-social. Para isso, a sabedoria divina os criou dotados de vontade livre. O poder de escolher e decidir os fez superiores e orgulhosos. Mas, nessa prerrogativa, sem que os macacos percebessem, o deus estava lhes dando o caminho da perdição: isto é, o poder de decidir pelo mal. Esse pecado, quando dirigido ao bem público, seria punido pelo indesejável crescimento do rabo.

Viveram felizes por muito tempo em democrática convivência. Todos voltados para o bem comum e sem rabos. O respeito pelo outro era gratificado e, particularmente por razões óbvias, o respeito ao bem público era sagrado. Ninguém desejava o estigma do rabo. Mas, a ambição começou a minar os responsáveis pelo bem público e rabos nasceram. Logo, conhecendo a natureza símia, os sem-rabo criaram mecanismo de fiscalização e punição.

Afastava-se o rabudo flagrado. Entretanto, como o mal contagia, logo, rabos foram nascendo até mesmo entre os macacos responsáveis pela fiscalização e punição. E a história foi passando, até que apareceu um bando sem-rabo, tomando o poder pela proposta da moralidade. Mudança! Era preciso mudar. Todos os semi-rabo aplaudiram.

Foi rápido, tempo mais curto que alegria de pobre e rabos foram aparecendo entre os mutantes. De início esconderam entre as pernas ou sob as roupas. Ninguém via sinal, mas todos, decepcionados, começaram a perceber que tinham o rabo preso. Sem demora a nova gente moralizadora começou a aparecer de mãos dadas com velhos rabudos e sem disfarce ou temor passaram a exhibir as próprias majestosas caudas.

Os silenciosos membros remanescentes sem-rabo vivem a terrível preocupação de que possam ser vistos como anormais, além de idiotas como já são tidos. O rabo pode vir a ser a norma. Nas eleições que periodicamente acontecem, os candidatos sem-rabo decidiram examinar os candidatos passando a mão por trás, neles, na bunda, para ver se já aparecem protuberâncias.

## A mágica do Heliophar

Heliophar tem uma forma muito especial de conduzir o leitor. Invariavelmente seus títulos são como uma oração motivadora: - ora nos toca com uma expressão poética como *As Flores que não morrem*, ora com um surpreendente “Indiscrição” em definição de dicionário, ora com títulos enigmáticos como “O Homem legenda”, “O homem que passou por aqui” e outros mais. Assim motivado, o leitor já não o deixa e o acompanha pelo seu estilo sereno, sem arroubos, cativante e corrento. Muitas vezes poético também. Tudo é muito natural na sua maneira de contar, por isso nos agrada.

As crônicas são quase sempre o registro de um momento, de um gesto, de uma emoção, mas também de recordações. As crônicas do Heliophar estão claramente voltadas para o passado. Lá está a sua Aquidauana de longo e indisfarçável amor. Também seus amigos mais próximos como o velho Totó Rondon, lembrado pelo seu espírito comunitário de inequívoco desprendimento; o jornalista Barbosa Rodrigues e sua epopéia na luta pelo reconhecimento de seus talentos; não poderia faltar o Ulisses Serra, seu irmão e guia maior, e outros mais.

Muito presente está o personagem mais importante, ele mesmo, Heliophar, quer pelo seu penetrante espírito de observação ou pela bondade que comanda todas as descrições como se a maldade não houvesse na alma humana. Destaco como particularmente interessante a sua juvenil participação na revolução constitucionalista de 1932. Trata-se de uma crônica que mostra o quase menino em gestos patrióticos de destemor e espírito público em defesa de princípios morais, qualidades que desenham de forma muito nítida a figura de Heliophar de toda a vida.

Penso que o livro “*As Flores que não morrem*” é um livro de saudades, memorialista. Não poderia ser de outro modo, pois quando o futuro já nos parece menor, o que ficou é não somente maior, mas principalmente mais importante. Lá está a melhor parte de nós, os nossos amigos, a nossa comunidade, nossos amores, nossas vidas,

tudo ameaçado da terrível condenação do esquecimento. E o esquecimento é insuportável ao homem. Como já me encontro também memorialista, posso bem entender que escrever é como a busca de uma marca ou uma mágica pela permanência. Este livro e toda sua obra anterior são a mágica do Heliophar. Não lhe faltará arte e talento para ficar.

Precisamos ler “As flores que não morrem” sem pressa, pois sabemos que, neste caso, não morrerão.



## “Camalotes e Guavirais”

Ulisses Serra: disse-lhe em 1971, cumprimentando-o pelo lançamento do seu livro que, como ele, eu era um camalote desgarrado dos pantanais corumbaenses e ancorado entre guavirais deste planalto. Ele deu uma gargalhada que me facilitou os elogios devidos ao seu trabalho.

Daquela primeira leitura ficou-me a surpresa em relação ao talento do autor. Desta segunda, que acabo de fazer, fica-me a certeza de que se trata do nosso maior cronista, grande em qualquer lugar onde se saiba apreciar os valores literários.

A crônica pode parecer um gênero menor, pois, em geral, não ultrapassa o simples registro do cotidiano em sua frequente banalidade e às vezes frivolidade. Mas, essa banalidade é o retrato do homem, da vida, daquilo que somos. Os gestos heroicos são momentos, o frequente é o banal. Assim, ao cronista se exige o talento de tornar o banal heroico, ou mais exatamente, captar a grandeza humana nos seus gestos mais simples do dia a dia - costumes, aspirações, desejos e sonhos. Ulisses fez isso com maestria no seu Camalotes e Guavirais, registrando momentos históricos da vida da nossa cidade, na primeira metade do século XX. Ninguém escreverá a história de Campo Grande sem passar pelo seu trabalho.

Não exagero ao atribuir caráter histórico a esse livro de crônicas. Na realidade ele é um livro de memórias, não no sentido pessoal, pois raramente o autor é personagem; sua sensibilidade e discrição nunca permitiriam a exposição de si mesmo. É um livro de memória social de uma época e, nesse sentido, a memória é história. Sente-se, por parte do autor, uma necessidade forte de preservar lembranças e recordações de seu tempo.

No próprio estilo isso é visível pela carga emocional nas descrições. Sentia com clareza que descrevia um mundo já em processo de desaparecimento. Uma cidade que mal nascia e onde tudo parecia provisório. Ulisses foi tomado pela tentação de perenizar o seu tempo. Quem escreve não escapa dessa tentação. Ele conseguiu, pelo seu talento.

Vamos ao tempo do Ulisses. Começamos pela Rua 14, de tantas crônicas e declarado amor.

Confessa nunca ter imaginado ver essa rua com movimento de metrópole. Era assim: “Homens de bombachas, culotes, ponchos, revólver nas guaiacas cômodas e seguras. Outros de camisas de seda italiana e ternos de linho branco. Mulheres sertanejas, vestidas à moda do sítio, às vezes montadas a cavalo, chapelão de feltro e saias sobre calças de homem. Lindas mulheres trajadas elegantemente, enchendo a rua cabocla de “charme” e essências da França. Iam e vinham “trolleys” e “aranhas tirados a dois cavalos, com cocheiros japoneses à boléia”.

Essa descrição da Rua 14 traz a marca do estilo do autor. Ele usa a descrição por imagens, linguagem cinematográfica, e, ao mostrar seus personagens, nos faz senti-los em movimento, ao nosso lado, como se lá estivéssemos.

Também nessa fascinante Rua 14 ficavam as casas de comércio, as farmácias onde, tradicionalmente, se reunia a intelectualidade local e bares e casas noturnas que, ao anoitecer mudavam a pacata rua em área de turbulência e boemia. As guaiacas eram ajustadas e revolveiras desabotoadas para qualquer emergência. Quase todos os dias amanhciam cadáveres estendidos na areia vermelha. Mas era também na Rua 14 que acontecia o carnaval de rua, o famoso curso carnavalesco”.

Ulisses, por natureza contido, tomado de saudade e emoção, perde as medidas e nos assegura que “não houve no mundo todo curso mais vibrante e intenso que o da Rua 14 do meu tempo.

Também pela rua principal desfilavam os pobres coitados, dementes e outros, personagens que compunham a paisagem da cidade. Lá passava o preto Renovato, diariamente se dirigindo ao correio em busca de uma sonhada indenização. Passava o padeiro romântico anunciando sua presença pelo som melodioso de sua flauta. Maria Bolacha respondia com palavrões ao ouvir seu apelido. Pelos bares andava o estranho Josetti, de fina educação e gestos de nobreza, de quem se sabia que a demência originara dos enleios de uma “fronteiraçã salerosa” que o afagara e o envolvera no “nhanduti” sutil e perigoso dos seus encantos e, depois, com incêndios de sangue nas veias e alvoradas de mocidade, não quis mais a monotonia de um leito só”.

A citação acima abre caminho para apreciação do estilo do autor. Trata-se de um estilo elegante à semelhança do que ele sempre foi como figura humana. Leitura agradável, escorreita, cativante, no sentido de que sempre nos comunica sensibilidade e emoção.

Na citação acima vê-se que as palavras foram medidas e eleitas para evitar qualquer agressão de mau gosto e impropriedade. Assim era Ulisses. Mas, nessa ânsia da busca da palavra adequada, entretanto, ele não caiu na cilada da garimpagem vocabular, muito comum no seu tempo por influência dos Coelho Netos da vida, quando se postulava que escrever bem exigia o preciosismo vernacular. Esse pedantismo não atingiu Ulisses.

Para terminar e melhor avaliar o estilo do saudoso amigo, escolho outra citação.

Novamente vemos a busca da palavra certa, o comedimento da linguagem e a musicalidade da narrativa que sem uma única palavra chula nos enche de sensualidade e desejo. Vejamos: “- De porte esbelto, cor de malva, colo como de Inês de Castro, linhas e curvas bem definidas, boca, cílios, supercílios, tudo naquela mulher a natureza pusera esmêro. E toda ela, da cabeça aos pés era “charme”. Mais belos ainda,

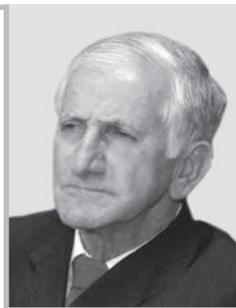
os seus olhos verdes, de cabra mansa, de mormaço, acariciantes e travessos. De seu sensualismo, não tinha culpa. Viera na sua formação embrionária, numa fatalidade orgânica irreversível.

Para traí-la, para denunciá-la, para levá-la mais rapidamente à cobiça dos homens, aqueles olhos sensuais”. Assim escrevia o mestre que teve seu livro reeditado nos 100 anos do seu nascimento.



## ABRÃO RAZUK

*Nasceu em Campo Grande (MS) em 1940. Advogado. Escreve para jornais do Estado. Publicou as seguintes obras: Enfoques do Direito Processual Civil, e Da Penhora. Ocupa a cadeira nº 18 da Academia, da qual é Vice-Presidente.*



### Acerca do livro “Rede de espera”

Foi uma honra ter sido convidado pelo escritor Renato Toniasso para apresentar seu livro “Rede de Espera”, o título é sugestivo. Pelo o que eu li e pelo seu conteúdo, por certo está fadado ao sucesso. A obra é composta por 26 crônicas e 5 contos.

“Rede de Espera” tem um cunho filosófico. O livro é endereçado ao leitor na direção dos princípios de vida e sempre lança mensagem de alto valor.

O colega Reginaldo Alves de Araújo, Presidente da ASL, resumiu o livro com o seu prefácio, dispensando-se qualquer outra apresentação. É evidente, por ser o autor magistrado, boa parte da mensagem do livro deve à formação de juiz e conhecedor da ciência jurídica. A publicação é de grande valia para todos os operadores do direito. O autor revela muita sensibilidade na observação dos fatos e da psicologia humana.

A mensagem proposta pelo autor é de fácil entendimento. Da mesma forma é a sua linguagem. As orações são claras, a concordância é impecável. Destaque-se que o autor tem o domínio do vernáculo e do português bem escrito sem ser rebuscado, tampouco de difícil entendimento. Ele alcança o objetivo proposto, ou seja, transmitir lições de vida extraídas da própria experiência vivenciada.

Os personagens são pessoas simples e pouco versados no idioma, o diálogo é escrito na maneira simples das pessoas e fala como eles e com maestria, tornando-se claro, por exemplo, o diálogo no conto “Serial Killer”. O autor relata, com competência, caso típico de erro judiciário

cuja condenação do réu de forma injusta. Quando o caso ocorre num clima de instabilidade emocional e isso é irrelevante quando se entra em uma espécie de histeria coletiva, onde os sensatos são olhados com desdém.

Nesse conto, lança uma oração irrefutável e com a sensibilidade de todo grande escritor, assim dito “acontece que os filhos de pobres também ficam doentes até de forma mais frequente em relação os filhos daqueles aquinhoados pela sorte, eis que ficam mais expostos aos rigores da vida”.

As crônicas “O intérprete Árabe” e “O Intérprete Indígena” são verdadeiras aulas de processo penal com linguagem compreensível para o leitor, denotando-se sua picardia de humor. A defesa, por questão de estratégia, às vezes precisa retardar o andamento do processo. Cabe ao magistrado ficar solerte para evitar-se o excesso de prazo. Nesses contos, o autor aborda esse aspecto de maneira patente.

Lendo o excelente livro “Rede de Espera” do conspícuo escritor Dr. Renato Toniasso, pelo seu conteúdo, podemos dizer que o autor produzirá outras obras para o enriquecimento da literatura. Induvidosamente, o livro ainda é um grande instrumento de cultura.

Por todos esses argumentos, o livro “Rede de Espera” está fadado ao sucesso. Meus parabéns ao escritor Dr. Renato Toniasso.

Nossas homenagens! E, pelo seu valor literário, o livro “Rede de Espera” está sendo bem recebido pela crítica e pelo público.



## **Piranha do rio de água doce e a do asfalto**

O nome piranha vem da composição tupi-guarani das palavras “pirá” significando peixe e “sanha” - dente. Trata-se de peixe voraz, predador e com mandíbulas fortíssimas. Ela possui comportamento agressivo. Fonte: Wikipedia. Para encurtar o assunto, a piranha é encontrada em rios de

água doce, mormente nos Rios Paraguai e Miranda, etc. Obviamente piranha do asfalto trata-se duma metáfora. Ambas são vorazes e de comportamento agressivo.

O que é piranha do asfalto? É a mulher, claro que não tem cunho genérico, de dupla personalidade. Aquela que não gosta de estudar, nem de trabalhar, nem de cuidar de seu marido ou parceiro ou companheiro ou qualquer denominação que se queira dar, desleal, finge que ama, mente e trai. Gosta de sugar seu parceiro e dissimula que ama e, silenciosamente, não pede, mas sugere para si carro, bens imóveis, conforto, finas roupas, bens de consumo, gosta de viajar, enfim, de desfrutar dos prazeres da vida. Via de regra, a piranha do asfalto usa de engodo, gosta de passar por vítima, é em sua essência infiel e, quando escuta a verdade, ela não se defende, enfim simula problemas de stress, depressão, dores etc. Consequentemente, ela usa sua grande arma, vale dizer – chora. Popularmente “são lágrimas de crocodilo”. Normalmente, traz à baila o assunto de seus ex-parceiros criticando-os veementemente, sem que esses tenham o direito ao contraditório, falando mal dos mesmos e ela que é santa e a dona da verdade. A piranha do asfalto tem vida curta, porque não existe mais parceiro bobo, ante a agressividade delas; ele usa da excludente de culpabilidade da inexibibilidade de Conduta diversa, como diriam os criminalistas, e afasta-se incontinentemente delas, para não sucumbir ou falir.

Normalmente, ela faz tudo para ser sedutora e, na maioria das vezes, não fica satisfeita com pequenos lambaris e seu olho cresce e começa a atacar com subterfúgios e aliciar novas vítimas em todos os lugares, mormente em shopping, boates, etc. E usa desse instrumento chamado celular. A maior arma da piranha do asfalto é o celular. Em regra, a piranha do asfalto é mau caráter.

A maior crueza para esse tipo de peixe encontra-se em todas as cidades é quando seu parceiro fica doente, aí ela revela sua personalidade, abandonando-o e saindo em busca de outras vítimas. Seu comportamento muda, não atende telefone fixo e nem celular. Ela vai para o fundo do rio até que seu suposto bobo sare. Ela não gosta de

problemas e, normalmente, gosta de vida fácil. Ela jamais colabora para que seu bobo cresça e compartilhe com o mesmo, no labor da vida a dois. Esse lado de seu perfil psicológico vem de seu berço, miséria, fome, ausência de estudo, falta de conforto e educação, carência afetiva, mas esses fatores não são preponderantes, porque há peixes que vêm desse quadro natural e são úteis, por exemplo, o pintado, pacu, dourado, piraputanga, curimatá, etc. Já o armau, embora pertença ao mesmo ecossistema, todavia é inútil, mas necessário para o equilíbrio ecológico. Essa é uma lei da natureza-mãe.

Enfim, o ser humano precisa tomar mais cuidado com a piranha do asfalto do que com a piranha do rio. A primeira é muito mais nociva e agressiva. A segunda, pela natureza, ela é agressiva e predadora, mas ela se esbarra no limite, pois existe o jacaré para comê-la, daí o equilíbrio do ecossistema. Concomitantemente, a piranha propriamente dita serve de caldo e é um grande alimento e ao pescador, não abusando, nada lhe acontece; é só respeitar algumas regras do Pantanal. Agora, a piranha do asfalto, essa sim, é uma grande predadora, quando rejeitada vira que nem o jacaré quando está com cria nova ou pondo ovo, fica feroz. A piranha age só pelo instinto e a piranha do asfalto pelo instinto e pela astúcia e a felonía, porque sabe raciocinar para o mal, eis aí a diferença filosófica de ambas. O autor desta crônica deixa para o paciente leitor o julgamento do acerto ou do equívoco dos perfis traçados desses dois entes.

Se o autor foi justo, ótimo; ao contrário, valeu o esforço e o artigo foi fruto da leitura da literatura universal e não tem nenhum escopo pessoal, e sim, de caráter genérico. São meras elucubrações filosóficas. Aqui fica a pergunta para o leitor: o que vale mais, a inteligência ou criatividade? O grande cientista Albert Einstein respondeu assim: a criatividade.

*Campo Grande/MS, 21 de novembro de 2011.*

## Os grandes oradores de Mato Grosso e MS

Lembrei-me dos oradores que atuaram nos Estado de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul de forma genérica, abrangendo tanto o orador parlamentar como tribuno do júri e da sustentação oral. A tribuna envolve muitos aspectos e cada orador com a sua característica. Alguém disse “*poeta nascitur et orator fit*” . O poeta nasce e o orador se faz.

Do meio forense, podemos citar alguns nomes: Argemiro Fialho, Nelson Trad, Carlos Sthefanini, Odir Vidal, Juvêncio César da Fonseca, David Rosa Barbosa, Jorge Antônio Siufi, Josephino Ujacow, Rene Siufi, Ricardo Trad, Hêlvio de Freitas Pissurno, Rêmoló Leteriello, João Frederico Ribas, João Lacerda de Azevedo, Nelson Mendes Fontoura, Leal de Queiroz, Anísio Bispo dos Santos, Norton Seabra, Carlos Bombadilha e outros.

O doutor Fauze Adri que na época de estudante de medicina fora locutor de radio e, ao depois de formado, presidente do Clube Libanês, das vezes que o vi falar, era orador lúcido e muito espirituoso e de muita clareza ao transmitir suas ideias.

O advogado Leal de Queiroz, emérito orador, estilo erudito e conhecedor de política e de muita visão, homem gentil e lhano no trato com as pessoas, tive o prazer de conviver com o mesmo em nossa querida Academia de letras.

Juvêncio César da Fonseca, na qualidade de excelente defensor público, onde defendia os pobres, tive também o prazer de conviver e aprender com ele os mistérios da tribuna, quando também exerci a função nobilitante de defensor público. Seu estilo combativo e muito objetivo, embora professor de Direito Penal, explorava principalmente o fato. Com estilo convincente e simples, obteve muito sucesso na tribuna do júri.

Nelson Trad, emérito tribuno. Orador de primeiro quilate. Vigoroso e intelectual. Assisti ao seu primeiro júri, aliás, sua estréia na av. Afonso Pena, onde fica atualmente o Bradesco, quando defendeu os

irmãos Abdulahad e deu verdadeira aula de religião, pois o crime fora motivado por questões religiosas, conseguindo à época, para um júri difícil, um bom resultado. O juiz ao interrogar um dos réus, que era um senhor já de idade, perguntou-lhe se ele conhecia aquela arma e o réu disse que sim. Pegou Nelson de surpresa. Nelson, preocupado, voltou a insistir com o juiz Dr. Gui de Mesquita, alma bondosa e homem íntegro, que perguntasse novamente ao réu se conhecia a arma e este árabe astuto respondeu novamente que sim: – “sim, conheci agora que o senhor me mostrou”. A razão da preocupação do tribuno Nelson é que sua tese era a negativa de autoria. Os réus, atenuadamente, foram condenados a oito anos e oito meses de pena de reclusão pelos crimes praticados. Cumpriram regularmente a pena e nunca mais reincidiram em nenhum crime. Curioso é que a cadeia pública ficava onde é o atual fórum e muito precária, dirigida pelo saudoso sargento baiano, meu amigo pessoal, homem enérgico, porém boa e correta pessoa. E estes réus, que eram libaneses, montaram uma cantina no presídio e, ali, ganharam sua vida honestamente, podendo levar uma vida condigna após cumprirem suas penas, nada devendo para a sociedade.

Tornaram-se amigos inclusive das autoridades do presídio e pelo trabalho honesto na cantina ganharam o respeito dos presos, inclusive das outras autoridades, com o comportamento exemplar. Eis aí o espírito empreendedor do libanês, pois tinham o dom para o comércio. Jamais se esqueceram do empenho e dedicação deste notável orador forense, Dr. Nelson Trad, devendo-lhe eterna gratidão.

Meu compadre Dr. Jorge Antonio Siufi foi orador brilhante, muito inteligente e espirituoso. Homem de muito talento e alma generosa, transparecia grande bondade de coração e era fiel amigo. Lecionou vários anos Direito Penal, mestre desta disciplina. O promotor de justiça que enfrentasse o advogado Jorge Siufi tinha que abrir o olho, porque o baixinho desmontava qualquer um, como orador espirituoso que era, além do dom de cativar os jurados e nisto ele era um mestre, além da substância de sua fundamentação, ganhando inúmeras causas, inclusive na justiça castrense, onde atuou durante vários anos, sendo talvez seu

maior defensor e um dos que mais conhecem direito penal militar. Fiz alguns júris com Jorginho Siufi (como o chamamos, informalmente) e lembro-me o de Fátima do Sul, onde dois réus respondiam por crimes de homicídio. Este júri foi presidido pelo juiz Dr. José Augusto de Souza, ainda magistrado em Dourados. Em certa altura do júri, aliás, pesado para defesa, pois a testemunha havia dado uma versão na polícia e em plenário mudou sua versão, o promotor raivoso e brabo virou-se para a testemunha e ameaçou de prendê-la por crime de falso testemunho e perguntou a ela “qual dos dois advogados a havia instruído”. Vez que constantemente olhava para tribuna de defesa, eis que o Dr. Jorginho respondeu ao promotor de justiça: – Doutor, não foi para o Dr. Abrão (referindo-se a mim, o outro advogado), porque ele é feio, e sim, pela beleza de meus olhos que são verdes... e arregalou-os ao mostrá-los aos jurados. O plenário veio abaixo de risada e o Dr. Jorge Siufi ganhou os jurados. Obtivemos excelentes resultados, sendo um absolvido e o outro, com pena atenuada, saindo em liberdade.

Depois falaremos de outros oradores, inclusive do Dr. Francisco Giordano Neto, meu querido amigo e inesquecível tribuno.





## ADAIR JOSÉ DE AGUIAR



*Nasceu em Cruz Alta (RS) em 1924. Professor e Advogado. Morou em Campo Grande, quando foi secretário de educação do município e também diretor-proprietário do Colégio Osvaldo Cruz. Publicou, dentre outros títulos: Sarabico e Tico-Tico (infantil), Crônicas de Ontem e de Hoje, Rimas e Ritmo. Ocupa a cadeira 26 da ASL.*

### Carta a uma Poetisa

Poetisa sim, porque, antigo e tradicionalista, não concordo que o feminino de poeta não seja poetisa.

Respeito, que os gramáticos modernos referendam poeta para os dois gêneros. Mas não uso.

Depois, acredite, poetisa parece mais feminino, com um excepcional toque de beleza e sensibilidade, o que se ajusta muito bem à inspirada autora de “CARAGUATÁ”, essa bromeliácea de aparência rústica, porém, capaz de despertar imensa sensibilidade.

Foi com essa perspectiva, prezada colega, que recebi o “CARAGUATÁ”, seu livro de poemas, a respeito do Contestado, mas de conteúdo poético incontestado.

Ainda, há pouco, indo para meus pagos, o Rio Grande do Sul, subindo a Serra da Santa, atravessando os campos de Lages e descendo para o Vale do Rio do Peixe, eu memoreava a Guerra do Contestado.

Agora, entretanto, ao cruzar por Curitiba e rever em sua Praça o monumento comemorativo da paz no Contestado, tenho mais um motivo de recordação: os seus bonitos poemas!

Quero, através desta, além de lhe agradecer a fidalguia da obra autografada, parabenizá-la pela felicidade do tema e pela alcandorada inspiração, duas referências que valorizam sobremodo o seu livro.

Julgo que o episódio do Contestado já foi escrito e descrito em história, romance e crônica. Em poesia, contudo, parece-me ser o seu livro pioneiro.

Pelo sim ou pelo não, a literatura do Contestado ganhou mais um título de inconfundível mérito: CARAGUATÁ!

Realmente, a fome, a ignorância e, quiçá, o abandono do poder público deram causa ao messianismo que se transformou num lamentável episódio de sangue.

Pois, atualmente, ao menos boa parte do antigo território do Contestado, está novamente insatisfeita com o descaso dos governantes e tenta um movimento para a criação de um novo estado no sul do país, o estado Iguaçú.

Enquanto isso, continuo a leitura de seus poemas, cara poetisa, e confesso que me delicio com o seu jeito pessoal, sincero e místico de cantar os assuntos.

A poesia não pode ser a expressão da vulgaridade. Ela é o requinte da bondade bonita que há nos seres e o bom senso subjetivo do poeta. A arte de poetar equipara-se à magia que o Criador colocou em a natureza, nos seus luzeiros no entardecer, nas suas auroras, no rebentar das flores, no canto dos pássaros, até no fragor das tempestades e, por que não, na soberana majestade do amor e da personalidade de seus filhos!

Daí, dizer-se que ela é filha dos deuses. Daí, o afirmar-se que é um dom natural: “Orator fit, poeta autem nascitur”.

Releve-me, poetisa de CARAGUATÁ, a prolixidade destes devaneios. É que ao ler as suas obras, defronto-me com a genuína poesia, mesmo branca, sem rigor da métrica e da rima, mas poesia com mensagem do coração para o coração e para a inteligência. Então, acontece o entusiasmo responsável pelas digressões!

Com minha homenagem a fraterna saudação.



## A Freira

Sozinha, de joelhos, na capela silenciosa e colorida pelo sol nos vitrais, ela medita e reza diante do tabernáculo de Jesus Eucarístico.

Ainda é jovem e bonita e, emoldurada pelo véu religioso de Irmã, parece uma santa que desceu do altar e se prostrou em oração.

No pátio do internato, em recreio, as alunas se misturam com flores e borboletas, naquele dia de primavera. O sol aquecedor abençoa a todos e a tudo.

Somente quando a sineta soa chamando de volta às salas de aula, a fila se forma e a calmaria volta a reinar no grande e antigo edifício do Colégio.

Sempre fora irrequieta, fantasista, sonhadora, imaginando viagens por mares desconhecidos. Amava a beleza das montanhas azuis do lugar onde nasceu e a música dos pássaros na floresta, com musgos e orquídeas meditativas.

Quando a mãe faleceu, o pai a levou, menina ainda, para o colégio das freiras. Logo foi admirada pelo talento musical e artístico e pelo gosto das coisas bonitas em geral.

Alegre, criativa, meio líder no meio das colegas, o olho clínico das Irmãs não deixou escapar.

Assim, Irmã Felicidade começou a lecionar sem monotonia, sem carranquice e sim sorridente, quase festiva. Aulas agradáveis. Os alunos, principalmente os menores, apegavam-se mais e mais a ela, porque era excepcionalmente maternal.

Muito ativa, recolheu meninos pobrezinhos e até de rua, arrumou trabalhos manuais com uma empresa e eles, depois das aulas, na parte da tarde, ao redor de grandes mesas, trabalhavam sob sua direção.

Depois, foi a vez das mães solteiras, iniciativa dela. Durante a gestação e até seis meses depois do parto, dirigidas por ela, ficavam na grande casa das Irmãs, sob os seus cuidados.

Quantas vezes, ela se demorou, solitária, em concentração, olhando as distâncias, na grandiosidade da natureza!

“Meditando, Irmã!”. Diziam-lhe outras freiras quando passavam por ela.

Entre piedade, oração e seus bonitos e longos devaneios, cumpria pontualmente suas obrigações religiosas e seus trabalhos.

Formou-se farmacêutica e fez curso de enfermagem. Poderia ser útil para a própria comunidade, onde vivia.

Mas não ficou nisso. Começou a percorrer os casebres, os barracos da pobreza das adjacências, dando orientações de vida saudável, conselhos e, com palavras, ia semeando a boa semente da fé e do amor a Deus.

Muitas vezes, no seio da comunidade, foi chamada à portaria, porque havia alguém pedindo um conselho, uma palavra de conforto, um alimento.

Já sexagenária, mas ainda forte e laboriosa, a Superiora achou que seria mais necessária na maternidade do grande hospital da cidade.

Lá, o seu carinho e solicitude se multiplicaram para com mães e seus bebês.

Exercia um poder mágico sobre as parturientes. Na Missa dominical, na capela que estava aberta ao público, ia de banco em banco cumprimentando e sorrindo bondosamente a todos.

Como auxiliar de cirurgia, era prestimosa e rápida, a ponto de os cirurgiões darem preferência a ela.

Naquela noite, após a cirurgia demorada, posta em ordem a sala cirúrgica, desceu e ficou mirando encantada a lua cheia. O médico, diretor do hospital e que fora seu aluno, encontrou-a: - Olá Irmã, como está bonito o luar!

- Uma beleza, quase divina, parece que está nascendo da montanha!

O médico deu-lhe o braço e, passo a passo, a foi conduzindo pela calçada.

- Sabe, doutor, quando eu era moça, queria muito ir à lua. Não estranhe, eu fui e muitas vezes, em sonho. É, em sonho, pode acreditar. Também viajei por mares e mundos desconhecidos. Como viajei! O que é a vida sem sonhos! Acredite que vencem os que sabem sonhar!

De braços dados, caminhando lentamente, como que navegando no luar, dirigiam-se para a casa das Irmãs. Na porta, o médico falou:

- Está entregue, Irmã. Beijou-lhe a mão delicada e disse: - Boa noite. Ela traçou sobre ele o sinal da cruz e entrou.

A noite era um banho de luz prateada. Na torre da matriz, o carrilhão badalava as horas.

Hoje, na porta da frente da maternidade, a placa de bronze diz: "Em memória da Irmã Felicidade. A Sonhadora".



## AMÉRICO CALHEIROS

*Nasceu em Goiana (PE), em 1952. Professor e teatrólogo, criou o Grupo Teatral Amador Campo-Grandense (GUTAC). Atual diretor-presidente da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul. Dentre suas obras literárias, destacam-se: “Memória de Jornal”, “Da Cor da sua Pele”, “A Nuvem que Choveu”, “Poesia pra que te quero” e “Na Virada da Esquina”. Ocupa a cadeira nº 7 da ASL.*



### Trilogia das meninas I

#### A menina que passava

Ela passava em frente a minha casa, e ao meu olhar de treze anos, de segunda a sexta-feira às 6 horas e meia da manhã, impecável em seu uniforme de saia cinza, blusa branca, sapatos pretos e meias brancas. O rosto minimalisticamente arrumado era bonito o suficiente. Os cabelos castanhos cor de mel, lisos que caíam aos ombros irretocavelmente penteados, completavam a imagem perfeita da estudante aplicada. A adolescência viçosa tornava sua irritante discrição, ela não olhava para nada e ninguém, apenas para a frente, um convite aos perscrutadores olhares.

Os livros colados aos seios, sustentados com firmeza pelo braço direito, detinham o privilégio de acompanhar, bem de perto, as batidas do seu coração de dezesseis anos, não mais que isso, até o ginásio das freiras vicentinas.

Para chegar até lá, a menina atravessava a cidade toda e sabe lá nesse percurso, quantos olhares sorviam como eu, a sua imagem. Fantasias também, imagino, muitas, rolavam no íntimo dos homens, esses ambulantes caldeirões de desejos, que a encontravam nesse trajeto. Não

me lembro bem, mas acho que sentia ciúmes dessa imagem. Acho até que amei assepticamente aquela menina estudante. Suponho até que a desejei da mesma forma que eles e cravei a sua imagem daquele tempo em minha pulsação mais pura e mais febril. Mas ela, inatingível passava.

Com certeza, seus sonhos tinham dono, embora nunca a tivesse visto com namorado, ainda que estudássemos na mesma escola onde parece que ela fazia questão de ser anônima.

Desapercebidamente como que se escondia entre as outras saias e blusas que se entrecruzavam com os meninos na entrada ou saída da escola, sumindo no emaranhado feminino como um batom que não chegou à boca.

Mesmo quando tudo fervia nas festas tradicionais, daqueles anos sessenta, na pequena cidade puritana para valer no rótulo, mas com muitos honrosos excessos por fora, ela passava pelo meio de tudo sem incomodar, sem incomodar-se e ia. Na ressaca dos festejos não havia sinal de seus rastros, do perfume de sua pele, de seu gosto.

Para mim ela era um buquê de mistérios. Seus pais quem eram, de onde ela tinha vindo, porque era tão sozinha, tão limpinha, tão arumadinha, tão.... Essas perguntas caminhavam junto com meu olhar quando ao meio dia ela passava de volta da escola em frente a minha casa. Lá da janela eu a via sumir na estradinha que seguia ao lado da colônia japonesa, primeiro lugar dedicado ao plantio de verduras na cidade e quase fim do perímetro urbano, até ela sumir como em túnel que a tragava, até as seis e meia do dia seguinte.

Assim como apareceu na cidade ela sumiu sem alarde, sem despedidas, sem traumas. Passou sem machucar os espaços por onde transitou.

Naquela mulher que passou à frente de meu olhar adulto reconheci uma leve sombra de alguém familiar. Era ela, cabelos esvoaçantes, maquiagem forte, roupas alegres. A menina tinha passado para mulher. Vivida, marcas da caminhada na face, falante, mostrando com mais clareza sua origem fronteiriça. Uma filha na bagagem, marido, currículo extenso no âmbito profissional e estada em países de primeiro mundo. A menina recatada saiu da casca e viveu. No fundo de seu olhar ainda

vejo, quando ela raramente passa por mim, aquela menina que passava e continua pela vida afora fazendo sua história, firme, e o mundo saindo da sua frente para ela passar.



## **Trilogia das meninas II**

### **A menina e o acordeon**

Cidadezinha quieta. Anos sessenta. O imenso calor brotava do sol, sempre a pino das aquecidas águas do caudaloso rio que margeava o local, ou melhor ainda, da união dos dois, sol e rio. E a gente já acostumado, mal percebia os quase quarenta graus que cozinhavam a nossa alma. A rotina teimosa acontecia assim mesmo.

Entre um dia e uma noite, com um meio-dia em que só se ouvia o nada, a pequena cidade cumpria seus dias. Nada mais, do que quem como eu tinha apenas quatorze anos, restava a fazer senão estudar, inventar brincadeiras e sonhar olhando, à noite, o céu carregado de estrelas pensando em como seria bom pegar carona na cauda de uma delas e conhecer o mundo lá fora. No entremeio desses sonhos, aconteciam aqueles que viravam verdade e a idade favorecia as descobertas do coração também.

Ela não tinha mais que doze anos, não era o meu protótipo de beleza (que incluía sempre cabelos longos), os seus eram curtinhos, mas ela, bem mignon, se encaixava no meu vazio afetivo e fez morada ali durante longos anos. O primeiro amor tem sabor de vinagre é necessário e gostoso na salada, mas arde também. Nem sei porque fui contemplado por seus olhinhos dissimulados. E mais, ela dentre as outras destacava-se pelo conjunto de obra. Tudo era proporcional e harmoniosamente edificado. A graça maior ficaria por conta de não

olhar os objetos de desejo de frente, mas sabendo atraí-los para seus fins planejados com precisão.

O garoto insosso e sem pegada, atordoado com a escolha, ficou no mundo da lua. Só de pegar na mão dela estremecia todas as estruturas hormonais e perdia a fala. Podia até haver aquele amor que brota sem avisar nos dois lados, porém com uma diferença muito grande entre lá e cá. Ela com aquela idade já pensava como uma mulher e eu apenas como um menino, bobo nas artes do amor, com o bolo e a cereja na mão, sem saber direito como saborear tudo aquilo.

O ritual do namoro incluía cartinhas de amor, passeios no jardim nas noites de domingo, olhares na hora do recreio, no pátio, embaixo dos pés de água pomba, onde meninos e meninas controladamente, circulavam na escola comandada pelas freiras vicentinas. O diferencial ficava em esperá-la na saída das aulas de acordeon que aconteciam, uma ou duas vezes por semana, não me lembro bem, e acompanhá-la até perto de sua casa. A felicidade se misturava com o calorão da tarde, com o medo de encontrar seu irmão fuxiqueiro no caminho e com o medo do mundo acabar de repente.

Naquele tempo toda menina que pretendia ser prendada, creio que de norte a sul do país, se tivesse posses para isso, devia tocar um instrumento. A maioria quase em sua unanimidade, buscava ou era obrigada a buscar pelo piano, instrumento clássico, portentoso e respeitado. Não sei como ela optou pelo acordeom, na verdade, eu não tinha notícia de que alguma outra menina tocasse esse instrumento e que na verdade em quase um ano de namoro, nunca a vi tocar, como também não tinha visto antes e muito menos depois. Me intrigava sempre, como aquela menina delicada sustentaria um enorme acordeon e como se movimentaria numa apresentação. Nunca conversamos sobre isso, mas o desejo de vê-la tocar ficou na minha cabeça inconsumado.

A minha inexperiência teve como preço o amargo do vinagre. O mundo acabou. Levei um fora comunicado por terceiros e ela, logo depois de um outro namorado veio a casar-se com o próximo da fila. Afinal naquele tempo a fila já andava.

Nos meus arquivos emocionais mais sensíveis ela ainda está lá. Sempre ao lado de sua lembrança vem o acordeom que por sinal não fez a trilha sonora daquele primeiro amor.

Meu despertar para o mundo do amor, foi ali, na cidadezinha que ainda continua quieta, dominada pela temperatura vulcânica e perdida no tempo. Eu peguei carona nas estrelas e conheci lá fora tudo o que queria.



## **Trilogia das meninas III**

### **A menina e o chiclete**

Eu era um garoto que amava os Beatles e os Rolling Stones, mas acima de tudo e principalmente a jovem guarda brasileira, e ao som dela embalava minha porção romântica. Foi num show com o conjunto Os Incríveis que nos vimos pela primeira vez.

Incrível que me lembrei dela quando voltando de Buenos Aires, um pedaço de chiclete usado, grudado estrategicamente num dos assentos do aeroporto de Guarulhos, abraçou na perna de minha calça e me deu raiva e prejuízo.

Desde que ela me conheceu, grudou. Na verdade nunca cheguei a sentir nada muito especial por ela. Mas estava sob seu controle de pitonisa que encanta seu objeto de desejo por todos os lados e não deixa tempo, nem espaço para que ele escape do seu encantamento, ou melhor, enfeitiçamento.

Mesmo assim, às vezes eu fugia daquele permanente nocaute e navegava em outros rios. Logo, entretanto dominado pela rede das mais de dez amigas que ela possuía, todas comandadas por suas vontades e

desejos, era enrodilhado pelas tramas, por elas urdidadas e voltava quietinho, ao comando da dominadora de serpentes.

Na ordem cronológica que todo adolescente faz quando começa sua jornada amorosa no universo, ela foi a segunda namorada, entretanto valeu por dez no sufoco que me proporcionou. Foi também o meu primeiro beijo de língua, com direito a um mar de saliva, que limpei disfarçadamente, e com certo nojo, na manga da camisa, no útero do cinema, em uma matinê em que o Tarzan desafiava o espaço em seus cipós, floresta adentro.

Em seus treze anos, bem resolvidos, ela dava um banho de astúcia nos meus dezesseis, pouco vividos. Ela não estudava no colégio das freiras vicentinas, era na rede pública. Era atirada, não media desafios e controlava mesmo à distância todos os meus passos.

Nas brincadeiras dançantes, muito em voga nos anos sessenta, naquela cidadezinha modorrenta, ela tinha todo o clima propício para eu voltar aos seus braços quando por ventura num ímpeto de auto abolição eu havia saído de seu grude dias antes. Ela simulava que se engraçava com um dos meninos presentes, dançava de rosto colado e logo na outra música eu já estava sob suas ordens. Eu não te quero mais não te largo, era mesmo assim. Eu não a amava, mas não suportava vê-la nos braços de outro. A menina chiclete sabia o que fazia.

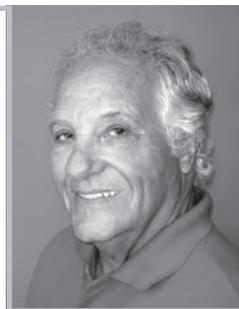
De estratégias como essa, à cara de muito sofrimento, ameaças de suicídio, pequenas e grande chantagens, ela usou todas, além de, não sei como, tornar-se amiga de minha mãe, que nunca deu mole pra menina nenhuma e passou a ser sua defensora. Um dia, em total estado de susto, cheguei em casa e flagrei as duas em pleno e amigável conluio, contra quem seria? Eu nem sabia que elas já se conheciam.

Eu só me livrei definitivamente dela quando mudei de cidade. Assim mesmo às vezes tinha pesadelo com aquela menina determinada, até demais para o meu gosto.

E olha que naquele tempo nem tinha chegado às paradas de sucesso as músicas similares a ela, as chicletes.



# AUGUSTO CÉSAR PROENÇA



*Nasceu em Corumbá (MS), em 1940, filho de família tradicional do Pantanal da Nhecolândia, universo que explora em seus livros. Dentre suas obras, destacam-se: “Pantanal - Gente, Tradição e História”, “Memória Pantaneira”, “Corumbá de todas as Graças” e “Rodeio a Céu Aberto”. Ocupa a cadeira nº 28 da Academia.*

## A Comitiva

Amassando macegas, chapiscando a cascaria nas águas das vazantes, rasgando “pirizeiros” amolecidos, meio sonolenta – lá vai ela.

Pelo silêncio intercalado de berros, um ou outro aboiar de vaqueiro, a gente nota que se acomodou pelos caminhos, perdeu a esperteza de querer “furar” e agora segue tranquila, acovardada debaixo do sol quente, obedecendo o chamado do som das buzinas e das sinetas penduradas nos pescoços erados dos “sinuelos”.

De vez em quando um esparramo. Barulho de cascos, abanar de rabos, roçar de chifres – corpos que se espantam assustados com o assanho dos marimbondos e das abelhas aninhadas numa moita de capim. Mas logo se sossega e retorna à marcha aborrecida de quem se distancia da querência e vai triste, berrando um berro doído, cansada de tantas laçadas, de tantos gritos, de tantos atropelos de patas de cavalos, forçando-a para que saia das sombras dos campos onde, inutilmente, tenta se amoitar – lá vai ela, a boiada.

É importante o porte do condutor. Homem prático, perdeu a vontade de ter pressa e se resignou com a paciência. O pala enrolado na cintura por cima da “guaiaca”, chapéu de carandá, bota sanfonada, bem apumado – lá vem ele.

Semelhante a um andarilho, traz na alma a cadência das vaquejadas, o desejo dos errantes e a responsabilidade dos homens sérios. Sabe que está conduzindo uma riqueza, então se esmera. Como um cavaleiro andante tem a amplidão do espaço sob as patas do cavalo. O comando das rédeas é dele e faz disso a razão do seu existir. De longe, desaparece no “entrevero”, de perto parece espantalho forrado de poeira: rosto vermelho do sol, barba por fazer, olhar cismado nas estradas por onde passa, garganta ressequida, guardando ainda o gosto amargo dos tererés.

Não se esqueceu do laço, do “guampo”, da bombinha prateada, da cabaça do mate, do “alforje” na garupa com os “pareios” das roupas, do “sapicuá” que “estrala” com a farinha e a rapadura, do “maneador” comprido, do “piraim” que “estrala” como soberano. Diferente dos bois, ele não tem nenhuma querência. Seu lugar é o mundo, seu mundo é o vagar. A modéstia de ser e de sentir fez dele um instrumento sem ambição. Divide com a natureza o despojar e em cada sombra de capão desanda a filosofar.

Independente e livre, ele segue a própria trilha. E no orgulho dos caprichos consegue ter pose de varão. É fruto da terra, é paisagem da terra, é a própria terra. Confunde-se com ela e faz parte da sua canção. Decanta-a nos escuros da noite enquanto o churrasco se assa, a roda se forma nos galpões e de cada peito nasce uma estória pra contar-recontar – lá vai ele, o condutor.

Na frente dele segue a comitiva, lenta, como os passos dos bois. É formada de gente “famaná”, que o acompanha nas andanças, escolhida a dedo, boa de laço, “guapa”, não se “aguacha” assim à toa, tem fibra, tem orgulho, divide com ele as serventias, enquanto uns seguem na cabeceira e nas laterais, outros vão na culatra, cada qual com jeito próprio de aboiar, criando uma sinfonia.

Manejadores de laços, esses vaqueiros trazem nas palmas das mãos as marcas dos “telegramas”. Nos dedos, a magia de trançar os “tentos” e amarrar o nó falso das “ligeiras”. Entram no mato feito heróis, desbravam capões, atropelam reses e, já no largo, em plena corrida, a laçada

se abre no ar para se cerrar nos chifres sem morder as orelhas. Então gritam gritos de velhos ancestrais, comemorando façanhas de bugres.

Quando em roda são alegres; sozinhos, meio que cismam. Cismam em cima dos cavalos, nas sucessivas andanças, olhos atentos na marcha da boiada. Qualquer “estouro” já levou, qualquer extravio de animal eles percebem e são capazes de afirmar até a era do “caborteiro” pela contagem dos anos nos anéis dos chifres. Fazem da profissão um exercício de lazer. O trabalho os conduz à diversão. São livres que nem pássaros, andeijos como bichos, alegres feito a natureza – lá vai ela, a comitiva.

Há de parar antes do sol morrer. Há de encerrar a boiada ainda com o cantar dos pássaros. Há de chegar com estralos de pirains, gritos, gauchadas, entreverada com os animais e no meio da poeira que se levantará da “encerra”, cobrindo o espaço do mangueiro, filtrando os raios do sol com as cores dos arco-íris.



## O Passo da Lontra

Generoso Dias Lemos fundou a Fazenda Abobral em 1898. Até 1920 só ele e seus familiares viviam nesse quadrilátero formado pelos rios Vermelho, Miranda, Paraguai e Abobral. Utilizando canoas, caçando onças e comercializando as peles, vencendo todas as adversidades de um sertão bruto, isolado entre rios ainda pouco conhecidos, enfrentando secas e enchentes, frios, chuvas, mosquitos e outros incômodos, ele conseguiu desbravar essa fatia de Pantanal, ampliar a área dos seus domínios e povoá-la de gado, dando nomes a diversas paragens por onde passava durante as suas costumeiras caçadas, inclusive ao Passo da Lontra, local onde sempre encontravam uma quantidade enorme de lontras, nadando de margem a margem do Rio Miranda.

Em 1902, requereu ao Estado de Mato Grosso uma área conside-

ravelmente grande de terras, mas somente em 1903 conseguiu medi-la e demarcá-la, passando a ser um próspero fazendeiro, deixando um pouco de lado as caçadas de onças, que por tantos anos fez parte do seu universo e lhe encheu a vida de aventuras pelos pantanais do passado.

Aliás, segundo o historiador Renato Báez, no seu *Nótulas & Depoimentos*, na página 36 através de um depoimento colhido do Sr. Tertuliano Dias Lemos, um dos filhos do seu Genú, que acompanhou o pai nas célebres caçadas, nos cinco primeiros anos da fundação da Fazenda Abobral, mataram cerca de 716 feras. Cada um deles possuía doze cachorros onceiros, mestres de onças, armas de cartuchos municadas por eles mesmos e zagaias para a defesa pessoal. Entravam muitas vezes em luta corporal com as feras e as capturavam também vivas, armando arapucas que prendiam as onças antes que elas entrassem num cercado, onde havia sempre uma isca apetitosa.

O Comandante Pereira da Cunha, oficial da Marinha e caçador nas horas vagas, que serviu em Ladário durante algum tempo, na página 86 do seu livro *“Viagem e Caçadas em Mato Grosso”*, (4ª Edição, Livraria Franciso Alves, RJ 1949), também faz referência ao seu Genú: “Esse homem rude e trabalhador, tinha uma fazenda entre os rios Miranda, Paraguai e Abobral, num confim longínquo e deserto dos pantanais que se estendem até a margem direita do Rio Miranda: e, nessa fazenda, constantemente, com auxílio dos filhos e dos cães, matava onças, cujos couros vendia em Corumbá. Era, pois, para ele, uma indústria extrativa as caçadas de onças em suas terras(...)”.

Para completar esta simples crônica da vida do seu Genú, que daria um grande filme ou excelente romance, três coisas foram necessárias para que tudo isso se concretizasse e permitisse que, agora, com as teclas da sensibilidade batendo na memória, pudéssemos narrar esta história de amor e encantamento. Três coisas apenas que fizeram o seu Genú passar para a história da região como um pioneiro: a presença de uma companheira, a confiança na terra que desbravava e a inquebrantável fé em Deus.

## **Eu quero passar com a minha dor**

### **“Nelson Cavaquinho” – um gênio/boêmio da MPB**

O seu legado material foi quase nada, apenas uma pequena pensão no antigo INPS e uma casa modesta da Cohab em Vila Esperança, subúrbio carioca. O espiritual, no entanto, foi vasto e produtivo, com centenas de produções musicais que enriqueceram a Música Popular Brasileira. Estamos falando de Nelson Antônio da Silva, o Nelson Cavaquinho, que nasceu no Rio de Janeiro, ali pelas imediações da Praça da Bandeira, no dia 28 de outubro de 1910.

Filho de tocador de tuba da banda da PM e de mãe paraguaia, de quem herdou os traços e a cor marcante da herança indígena guarani, Nelson Cavaquinho começou a vida no duro batente de uma fábrica de tecidos, até entrar para o Batalhão de Cavalaria da PM e poder, com menos sufoco, ajudar no orçamento da família.

Ele mesmo dizia, que se não fosse o “xadrez” do batalhão do qual era assíduo frequentador, não teria feito muito samba de sucesso. É que, boêmio como era, muitas vezes desistia da ronda que fazia, montado num garboso cavalo, para tomar uns tragos com amigos, futuros parceiros como Cartola, Carlos Cachça, Zé com Fome e outros. O cavalo, que ficava amarrado numa cerca do Morro da Mangueira, sabe-se lá como, conseguia fugir e voltar certinho para o quartel e ele, Nelson, ia direto para o xadrez do batalhão, onde aproveitava para compor seus sambas memoráveis. E quem ganhou com isso, com certeza, foi a MPB, até hoje agradecida.

Mas não parava por aí as gandaias do nosso compositor. Além dos bares da Mangueira, frequentava os da Praça Tiradentes, na época, também um reduto de gente sensível como ele, repleta de artistas e de boêmios compulsivos. Num desses botecos, cujo nome era Cabaré dos Bandidos (que de bandido não tinha nada) costumava se encontrar com Guilherme de Brito o qual, depois do expediente da famosa Casa Edson (uma casa de disco), partia para o botequim a fim de se

encontrar com o parceiro de tantas músicas inesquecíveis: A Flor e o Espinho, por exemplo.

Nelson tocava cavaquinho e violão apenas com dois dedos, o polegar e o indicador. No tempo das vacas magras, para pagar as dívidas acumuladas, vendia sambas e, quando a situação melhorava dava parceria a quem se encontrava em necessidade. Foi uma das atrações do lendário Bar Zicartola, na Rua da Carioca, bar que ficou famoso na década de 60, de propriedade de Cartola e da dona Zica, sua esposa. Tinha uma voz rouca, inconfundível, um coração grandioso.

Deixou centenas de músicas gravadas e de excelente qualidade. Em 1946, Cyro Monteiro gravou duas de suas composições: Rugas e Degraus da Vida (de parceria com César Brasil e Antônio Braga) mas só se tornaria famoso em 1965, ao participar do show Rosa de Ouro, tendo como intérprete a saudosa Elizeth Cardoso.

As suas composições estão recheadas de frases lindas e líricas, como estas: “nossos barracos são castelos na nossa imaginação”, “quando eu passo perto das flores quase elas dizem assim: vai que amanhã enfeitaremos o seu fim”, “as rugas fizeram residência no meu rosto”, “tira o teu sorriso do caminho que eu quero passar com a minha dor”.

Entre cigarros e bebidas, varando madrugadas, compondo em mesas de bares, Nelson viveu até o dia em que foi encontrado morto em sua cama, ao lado do inseparável violão, aos 75 anos de idade, pela companheira com quem viveu seus últimos momentos. Era o dia 18 de fevereiro de 1986.

Tirava o seu sorriso do caminho e entrava para a história da Música Popular Brasileira.



## EDUARDO MACHADO METELLO



*Nasceu em Campo Grande (em 1930), cidade onde também faleceu (em 2000). Advogado, professor, escritor, pecuarista. Publicou as obras intituladas: “3 Casos” e “Meu Amigo Autonomista”. Ocupou a cadeira n° 32 da ASL.*

### 3 casos de operação

Na primeira vez que fui operado, me levaram de maca à sala cirúrgica, já meio tonto, por algum sedativo que tinham aplicado. Ali acabaram de fazer a anestesia geral.

Mas cheguei a ver as luzes fortes acesas, direcionadas ao meu corpo, os médicos de uniforme verde-claro, com gorros e máscaras da mesma cor, olhando lá de cima para mim, deitado na mesa, indefeso, pobre coitado.

Impressão horrível que guardo como péssima recordação. Mas o pior foi a última frase que ouvi, antes de adormecer de vez, pronunciada, certamente, pelo chefe da equipe.

Será que não sabiam que eu ainda estava meio acordado?

O que foi dito me traumatizou bastante e ainda causa arrepios até hoje. Eis a frase sinistra: - Passe-me o bisturi elétrico!

\* \* \*

Na última operação, foi diferente. À noite, o médico, profissionalmente competente e atencioso, me falou: - Vou lhe dar um tranquilizante agora. Amanhã cedo o pessoal vem lhe pegar para fazermos a

operaçãozinha. (Tudo na barriga do outro é diminuto...)

- Esta bem - respondi.

Acordei de manhã, com o mesmo operador me falando: - Vire para lá, Eduardo. Eu quero ver os pontos.

Sonolento, respondi assustado: - Que ponto, doutor? Eu ainda vou ser operado, agora de manhã!

Engano meu. Já fora operado na manhã anterior, sem que nada visse ou sentisse.

Minha alma tinha passado trinta e seis horas descansando...

\* \* \*

Quando me restabelecia da última operação, recebi a visita de vários amigos. Todos procuram - numa hora dessas - contar casos para animar a gente, minimizando o nosso sofrimento.

Foi o que fez o visitante: - Isso não é nada. Pior foi comigo, já fui operado sete vezes!

- Sete vezes! - exclamei, para rematar brincando: - A extração dos testículos, você conta como duas?



### **3 casos de barbeiros**

A Jane, minha secretária na época, estava aprendendo a guiar. Sem jeito, sem reflexos, ela realmente não dava para a coisa.

- Estou encontrando a maior dificuldade. Quando se vira a direção para o lado direito, eu pensei que o carro virasse para o lado contrário. Mas não é assim. Não consigo acertar - dizia.

- Mas você não sabe andar de bicicleta? É a mesma coisa, Jane.

- Não. Nunca andei de bicicleta.

Nem de bicicleta, nem de automóvel, nem de avião. A Jane, eficientíssima funcionária, não nasceu para pilotar...

\* \* \*

O nosso vizinho havia comprado um carro novo. O Pontiac azul-marinho, zero km, era o seu dodói.

A garagem ficava no fundo de um corredor estreito, de mais ou menos vinte metros de comprimento, na divisa, ao lado do nosso quarto de dormir.

Barbeiro, sem jeito para a coisa, era um número ao volante do automóvel. Engatava marcha ré quando queria ir para frente, inclinava o corpo para a dianteira, pensando modificar a marcha do carro. Um gozo!

Com dificuldades para guiar, deixava para treinar de madrugada, quando o movimento era menor.

Para sair, de ré, no corredor estreito, no entanto, movimentava a família inteira: -Cuidado, vai bater, papai!

- Mais para lá, mais para lá. Vire a direção! – dizia a esposa.

Foi quando dei a idéia ao vizinho: - Fulano, por que você não manda fazer duas calhas fundas, no corredor, para embicar as rodas do carro e conseguir sair, sem bater nas paredes?

Achou ótimo o conselho.

Depois que construiu o trilheiro para o carro, seus problemas deixaram de ser o corredor, transferindo-se para as ruas.

Mas, pelo menos, passei a poder dormir de madrugada!

\* \* \*

O Amaro era o encarregado da lavoura de soja na fazenda Eldorado, localizada em Dourados.

As terras férteis da fazenda se cobriam de um verde esperançoso colossal, sob sua administração. Que beleza!

Experiente, cuidadoso, extremamente severo na escolha dos funcionários, mereceu sempre minha confiança.

Certa vez, foi fazer um teste num candidato a tratorista.

- Tome a chave, rapaz. Movimente esse trator!

O candidato deu a partida no CBT e passou a fazer manobras no pátio.

- Chega, meu chapa, pode parar. Você não me serve - sentenciou o Amaro. – Não estou aqui para ver se é ou não barbeiro na direção, detalhe esse secundário no campo, mas o que estava testando é se você sabe cuidar da máquina, da sua manutenção. Antes de dar partida, tinha que verificar nível do óleo do cárter, ver a água no radiador, examinar os pneus, etc. Nada disso foi feito. Pode ir embora!

O Amaro estava certo, os tratores custam um dinheirão!



## GERALDO RAMON PEREIRA



*Nasceu em Maracaju (MS), em 1939. Professor universitário (área biomédica). Dedicase também à música regional. Autor de “Poemas Íntimos”, “Estrelas de Sangue”, “Caroço de Manga”, “Álbum de Sonetos”, e “Auroras e Crepúsculos”, entre outras obras. Ocupa a cadeira nº 39 da Academia.*

### Contrastes da vida

*“Sou como um caminho noturno  
que escuta, em silêncio,  
os passos de suas recordações.”*

*R. Tagore*

Zé Mocotó nasceu em casa mesmo. Sinhá Mariazinha, que nunca ouvira falar em *pré-natal*, fora assitada por uma vizinha, pois não dera tempo de a “parteira” chegar. Entretanto, a sorte ajudou, Nossa Senhora do Bom Parto também, logo a mãe estava de pé, o bichinho não demorou a correr nu pelo terreiro...

Júlio César foi aguardado na melhor maternidade da Capital. Gente-bem, dona Elizabeth engordou sob os cuidados do mais conceituado especialista que, além de professor de Ginecologia e Obstetrícia, era amigo da família. Porém, a coisa complicou, instalou-se um quadro de pré-eclâmpsia, recorreu-se à cesariana, houve acidente de anestesia, mãe e filho quase morreram. Enfim, Júlio César, após escapar às garras da paralisia infantil, já podia também caminhar, pelo pátio de mármore...

Zé Mocotó cresceu forte, mamando no peito, brincando descalço

no terreiro, tomando sol, jamais chorara uma injeção, aprendera alguma coisa com a escola do mundo.

Júlio César tomou vacinas, mamou em mamadeiras sintéticas, usou botina ortopédica, aparelhos ortodônticos, fez jardim, prezinho, cursos regulares, além de estudar música e inglês... Por fim, formou-se em medicina.

Zé Mocotó nunca passou de um caboclo lá da roça.

Contemporâneos na vida, divergentes na sorte, Júlio e Zé casaram-se na mesma época, por coincidência no mesmo dia...

O casamento do Zé foi singelo, no povoado próximo. Cartório, igreja, a volta a cavalo, um animado arrasta-pé – em que ele tocou viola e cantou para sua amada . Depois, a lua-de-mel ali mesmo, no seu rancho novo, felicíssima, cheia de curiosidades e emoções jamais sentidas. Rosinha, que nunca “ficara” com ninguém, gostou demais de se entregar a Zé Mocotó.

No seu casamento, Júlio César teve um dia agitadoíssimo. Fora, inclusive, chamado a fazer uma complicada cirurgia, que terminou pouco antes da cerimônia religiosa... Padre neurótico pelo atraso exagerado da noiva, flashes e refletores a judiarem dos seus olhos míopes, enfim, a constatação de que seu carro fora roubado de frente da igreja... Depois, a festa no salão abafado (o aparelho condicionador de ar enguiçou), abarrotado de gente, fumaça, a música ruidosa da banda jovem... sugestão da sua irmã caçula.

Domingo, enquanto Zé Mocotó e Rosinha se deleitavam, Júlio César e Lucimary suportavam a tensão de um trânsito tumultuado, a caminho do aeroporto. Furou um pneu. Engarrafamento e buzinas desesperadas. Mãos delicadas de médico, porcas apertadíssimas, esposa fatigada e impaciente... uma vontade incontrolável de ir ao banheiro.

Naquela segunda noite de casados, no sossego do campo, Zé Mocotó conseguia a sublime ventura de transformar a pura Rosinha em sua ardente mulher.

Júlio César, que julgara aceitar a evolução social, sentiu-se frustrado numa noite de núpcias tão sem novidades, a não ser o barulho irritante em torno do hotel em que se hospedaram....

Passaram-se duas semanas: Zé Mocotó, no aconchego do seu rancho de palha; Júlio César, no conforto da sua nova mansão.

Quando o Zé voltava, assoviando pelo trilheiro, a pé, com a enxada no ombro, encontrava Rosinha ansiosa, sempre a esperá-lo, para devorá-lo com seu amor...

Quando Júlio César regressava do consultório ou do hospital, no seu carrão último tipo, nem sinal de Lucimary: ou estava no cabelereiro, ou visitando uma amiga, ou numa reunião social... ou sei lá onde!

Zé Mocotó tinha a noite para o amor e o descanso... com Rosinha!

Júlio César a tinha para os tefefonemas, as saídas apressadas, o regresso fatigado para a esposa que já dormia.

Rosinha era fértil. De repente, daí a sete meses nasceria um Zé-Mocotozinho...

Lamentavelmente, constatou-se que Lucimary era estéril. Tão estéril quanto a vida do casal.

Ah!... Essa vida de contrastes!



## **Carta a um amigo da adolescência**

*Campo Grande-MS, 10h34m, 20 de junho de 2004.*

*Inolvidável amigo, Prof. Dr. Adão Ferreira de Freitas:*

O tratamento ‘inesquecível e diletto amigo’, assinalado na sobre-carta inesperada e carinhosamente a mim dirigida, percutiu agradável eco em meu coração, de vez que, segundo Milton Nascimento, ‘amigo é coisa pra se guardar do lado esquerdo do peito’ da gente. E você, não obstante a imposição inevitável do tempo e do espaço, esteve, está e estará sempre presente, indelevelmente inscrito em todos os planos do meu senso de existir, sentir e viver. Pois, mais que amigos, crescemos juntos, irmanamo-nos nos recônditos da adolescência, em suas primei-

ras emoções, e nossas almas, geminadas, entrelaçadas, aprenderam a trilhar as mesmas sendas do ideal, da esperança e do sonhar. Tanto que amávamos e amamos as mesmas coisas, experimentamos da Ciência à Literatura, do Concreto ao Abstrato, do Relativo ao Absoluto (se é que este existe), na ânsia indômita de conhecimentos e do aprimoramento do saber, elevando-nos bem acima do padrão comum.

Adão prezado, não imagina você – mesmo recrutando todos os seus neurônios, ativando tudo o que há de cognitivo na esfera do seu magno entendimento neuropsíquico – a alegria e emoção que senti ao receber o telefonema de D. Rosa, dizendo do presente que você havia me enviado. E foi mais emocionante ainda quando, ao abri-lo, vi tratar-se de um compêndio de sua tese de doutorado, idêntico ao que, tempos atrás, me havia suscitado uma espécie de fraternal ciúme ou despeito, quando chegou, primeiramente, às mãos do mano Jaci – também seu amigo. Contudo, fiquei na expectativa de que o meu logo chegaria... Demorou um pouco, mas chegou, vindo a confirmar o sábio dito popular: “Um verdadeiro amigo pode tardar, mas não falta.”

Após este desabafo, que usei fazer até porque o preservo como amigo confidente, entre os quais segredo não procede, vamos ao que mais desejo aqui externar: um incomensurável sentimento de gratidão, alegria e orgulho, por ver meu nome e o do meu irmão inseridos no preâmbulo de tão magnífico e honroso registro de um trabalho de pesquisa médico-científica – quanto mais assinado por um Adão Ferreira de Freitas. Obrigado, irmão!, pela deferência.

Parabenizo-o pela tese. Já a li e nela senti, tanto nas frases como nas entrelinhas, todas as virtudes e qualidades inerentes à sua formação, senso de estética e perfeccionismo, características singulares que marcam meu insigne companheiro de remotos tempos... Tempos dos quais guardo gratas lembranças, sublimes lampejos que se enroscam nas névoas do passado, mas que jamais se apagarão nas espirais divinas da saudade onipresente.

Adão, onde estivermos, sou grato ao Criador por fazer-nos contemporâneos na existência e na vida, e por criar o sentimento de amizade

entre os humanos, o qual, quando sincero e verdadeiro, é invulnerável  
ao tempo e ao espaço.

Arrochado abraço do amigo-irmão,

\* \* \*

## **Analogia**

De capim em capim, um passarinho  
Foi tecendo o seu ninho em alvorada...  
Também, de sonho em sonho e com carinho,  
Construí, com amor, nossa morada.

Pôs a ave, ovo a ovo, no seu ninho,  
A vida pelo instinto eternizada...  
Fé e esperança em nosso lar alinhado,  
Na bíblica missão por Deus traçada!

Mas, de repente, um tiro inconsciente  
Calou a vezinha tão contente,  
Qual tu meu canto de felicidade...

E agora, ao invés de arrulhos de prazer,  
Lá no ninho há filhotes a gemer  
E em meu leito só uivos de saudade!

\* \* \*

## **A caminhada**

Na pista circular de caminhada,  
Ei-la formosa andando em minha frente...  
Shortinho branco e a blusa nacarada  
Ondulam sequestrando a minha mente!

Aves... flores... e a tarde perfumada  
São testemunhas do meu ser demente  
No intento de alcançá-la... Mas que nada!  
Mais rápida que eu, some de repente,

E nunca, jamais põe-se em meu caminho!  
Hoje, porém, na pista do destino,  
Inda às vezes a busco com carinho...

E eis a cena em saudade vislumbrada:  
Sem a dona, só vejo, em desatino,  
Branco shortinho e a blusa nacarada!

\* \* \*

## **Sonhos de primavera (Num dia de ausência)**

Solitário, sentado na varanda,  
A vislumbrar-te em *nossa primavera*,  
Cada flor, rósea e linda, pra mim era  
De ti a miniatura veneranda!

Vi-te, Amor, qual num sonho de quimera,  
No Belo que voeja, ou voga, ou anda...  
Eras do cosmo a alma santa e branda  
Com que a vida, num sopro, Deus me dera!

Ouvi, em tua voz, um bem-te-vi...  
O vento respirou no teu suspiro...  
O sol iluminou-se em teu olhar...

E foi tanta a saudade que senti,  
Que concluo, no ardor do meu delírio,  
Que igual a mim só Deus te pode amar!

\* \* \*

## **Antítese**

Aves migrantes, com destino incerto,  
Que em mim pousavam sempre de passagem...  
Breves sonhos que aguavam meu deserto,  
Para então voarem a qualquer paragem!

Amei a todas elas, estou certo,  
De uma por uma guardo a santa imagem:  
Diabólicas visões das quais desperto  
Com mágoas e saudades que me coagem!

Mesmo assim, esta sorte eu não lamento:  
A de toda mulher, de quem fui rei,  
Tornar-me escravo e rei do sofrimento...

Se arrependido choro derrotado,  
Não é por quem sofri porque já amei,  
Mas por quem sofro por não ter amado!

\* \* \*

## **Flor da vida**

Embora ciente que o futuro é o nada,  
Que a negra morte é a terminal certeza,  
Se aspira sempre à vida eternizada  
Em telúrica forma de beleza!

Linda roseira-em-flor à cruz plantada  
Há de ser minha última riqueza...  
Em folha, espinho e rosa transformada,  
A vida após a morte é treva acesa!

Assim, serei nas folhas a esperança,  
Nos acúleos as dores que sofri,  
Nas rosas a emoção que ao céu se lança...

E hás de vir, nas visitas de ansiedade,  
Beijar-me em cada flor que espera a ti  
A sonhar entre espinhos de saudade!

\* \* \*

## **Integração – II**

Esta força fantástica e divina  
Que nos atrai eterna num instante,  
Ou faz a ti mulher ou faz menina  
E a mim um teu menino ou doido amante...

Pois como a luz que no Universo mina  
E singra à cauda de um cometa errante,  
Também nos vem do cosmos esta sina  
Que tange em luz a nossa vida avante!

E nos abismos siderais do espaço  
— Ó bela Vênus que amas o Eros teu! —  
Tanto fazes comigo o que a ti faço

E tanta integração em nós se deu,  
Que o próprio Deus, em gênico embaraço,  
Nem sabe qual de nós és tu ou eu!



## GUIMARÃES ROCHA

*Antônio Alves Guimarães nasceu em Quixeramobim (CE) e reside em Campo Grande (MS) desde 1980. Poeta, professor de literatura brasileira e regional e produtor cultural, é major da reserva da PM/MS. Escreveu 22 livros, dois deles inéditos. Está em busca do reconhecimento pelo Guinness Book pelo recorde poético – [www.guimaraesrocha.com.br](http://www.guimaraesrocha.com.br). Recentemente lançou “Coronel Adib – A História” e “Grandezas da Literatura Sul-Mato-Grossense”. Autor do CD “Encanto”. Ocupa a cadeira nº 4 da Academia.*



### Em pleno mar

Seguimos a pleno espaço  
Com o luar dourado de Castro Alves

Com o nosso mar  
De tantas novas ondas  
— Por onde andas?

Saiba,  
— Verso!  
A quem serviremos no nosso dia-a-dia?  
Para toda a humanidade serve a poesia

Com ou sem rima  
A poesia vagueia por todos os pontos  
Entre escravos e senhores  
Escravos de sentimentos  
Senhores em tantos momentos  
Autores de muitos tormentos

— Eu declaro  
Neste dia soberano da poesia  
Que a vida é fruto poético  
Do divino “Faça-se”  
E “Dar-te-ei a Mulher por parceira!”

Em pleno mar  
O nome do poeta é multidão  
O nome do poeta é homem único

A todo coração  
Vamos com Castro  
Quintana  
Cecília  
Bilac  
Gullar  
Coralina  
Anjos e Andrades  
Vamos para o infinito  
Com tantos outros vates  
Pois é lá que estamos com a poesia

— Acordem!  
Homens do novo tempo...  
O nosso navio é frágil  
Imprevisíveis são os nossos mares  
E a vida nos espera em cada verso  
Coragem é o nome do eterno  
Desapego será o senhor do coração  
As nuvens entregaram a Sócrates  
A filosofia  
E fazem brotar a todo instante  
Uma nova poesia

## Filosofia da bola

Bola representa inteireza  
Pertence à vida real

Rainha de todos os campos  
No círculo dos tempos

Dona dos círculos  
Senhora dos movimentos  
Nada se move sem redondezas

O círculo simboliza  
Amizade amor e paz

No infinito  
Antes de se chegar a quase nada  
Tudo será ponto

O ponto maior será o universo  
Bola

A filosofia ao descer das nuvens  
Esparramou gotículas de luz  
Matando a sede  
Matando a morte  
Virou brincadeira  
Alegria da vida

Em nosso Brasil chegou junto com a bola  
Formou reis e reinados  
Alegrou nossos filhos

Entender o esporte  
E a psicologia da bola  
É promover higienização

Do estímulo da mente  
Ao exercício do corpo  
A filosofia da bola prospera

A tomada dos campos  
Dá ligação eletromagnética

Vive o torcedor  
Vive o jogador  
Vivem as equipes técnicas  
Transferindo e promovendo vida

Eis o milagre  
Transformando pedras brutas  
Em pássaros radiantes  
Pelos caminhos da liberdade

## **O Grande Elemento** **(Dia Internacional da Mulher)**

Alegria e razão do enternecer  
Assumindo secretamente  
O peso do mundo  
Senhora dos sonhos  
Mãe da realidade  
Colo e carinho pra toda gente  
Visão e ação de cuidados  
Acolhimento universal

O elemento feminino  
Mais que complemento  
É completude de todos os seres  
Amor que rege todos os tempos  
Deus propiciou a mente humana  
Que só encontrou livre pensar  
Pela vibração materna  
Mente materna acolhedora  
Tateando pelo mundo  
Lembro ainda o engatinhar  
No chão da minha infância  
Acariciado pelo olhar amoroso  
Daquela que me trouxe à luz  
Daquelas que me mantêm na luz  
O Sol é senhor das estrelas  
E este mesmo Sol é uma estrela  
Poder e virilidade masculina  
Têm razão de ser  
No encanto da mulher  
Feliz daquela  
Que possa compartilhar  
A realização do homem  
E com ele viver a tão sonhada  
Unidade com Deus  
Música suave das divinas esferas  
Sublime sustentação de todas as eras.

## **Psicologia da bola**

O deslocamento da bola  
Explica o ânimo  
Daquele que arremessou

O movimento inercial  
Mostra raiva  
Malícia  
Destreza  
Malandragem  
Humores totais  
De quem chutou

Rola a bola

No futebol  
Preferência pelos pés  
Quando a maior destreza  
Costuma estar nas mãos  
O desafio é a dificuldade

Peça central em muitos esportes  
Porém a bola não pode  
Tomar conta de nenhum jogo

Assim  
Quando alguém parece  
Psicologicamente avariado  
Desentendido no mundo social  
Logo se costuma dizer  
Que o sujeito está “bolado”

## Luminosidade

A muitas coisas chamam luz  
Chama  
Foco

Raio  
Sorriso  
Luz é chão  
Terra  
Clareza  
O sangue a carne e o pó  
Têm soluções divinas  
Desde o princípio de tudo  
Disse  
— Faça-se!  
Deus é Luz  
A luz resplandece nas trevas  
A treva tem razão evolutiva  
Da escuridão à luz  
A criatura cresce.

Da terra ao céu  
Uma dor  
Mãos e pés ensanguentados  
Corpo perfurado  
Cresce a cruz  
Jesus chorou  
Voltou à luz  
Deixou luminosidade  
Diante da luz tateamos nas trevas  
Escondida em nós  
A luminosidade aguarda  
O momento de ressurgir  
A hora é sempre agora  
Um ponto insistente fulgura  
Na mente que procura  
Uma razão de ser  
Nada a procurar

Tudo a encontrar  
O mundo novo permanece aqui  
Na interioridade ignorada.

## **A prática do bem**

Necessidade maior

Deus  
Por definições  
É o Sumo Bem

Viver é buscar o Bem  
Ainda que tantos se percam  
Na prática do mal

Ainda os maus querem o Bem  
Mesmo a tudo malversando  
Eles desejam felicidade  
Para si e para os seus  
Os que se comprazem no mal  
De maneira invertida  
Pensam encontrar um bem

Amor é a boa construção  
Mas aquele que destrói  
Inadvertidamente  
Sonha construir o bom  
Tendo por herança destruição má

A boa destruição  
É aquela que mata o medo

O egoísmo  
A má vontade  
A ambição louca  
O orgulho malsão

Sonhando o Bem  
Entrei a caminhar e viver

Descobri que o mal  
Não resiste indefinidamente  
Ao poder da virtude humana

Mesmo após a derrocada  
Do nosso frágil corpo  
A centelha sublime do bem-fazer  
É boa herança nossa  
Repercute no Mais Além  
E vai somar-se ao Todo  
Em nome do Sumo Bem

## **Deus, Família e Amigos**

Pensava em Deus  
E ele me parecia insondável

Com a graça divina  
Transcorreu o tempo  
Chegaram os amigos  
Floresceu a busca  
E o amor se instalou

Colhendo nos campos da amizade  
Meu coração elegeu um grande amor  
E a família surgiu  
Multiplicando sementes  
Da vida que frutifica  
Pelas veredas das bênçãos sem fim

Vivendo em família  
Pude ver e sentir com segurança  
O verdadeiro Deus  
Que não nos abandona  
Por benefício do Coração



## HILDEBRANDO CAMPESTRINI



Nasceu em 6 de maio de 1941, em Rio dos Cedros (SC). Diplomado em Filosofia e Pedagogia (Seminário Maior Salesiano), em 1962, Licenciado em Letras com Francês. Especialista em Língua Portuguesa. Licenciado em Filosofia Pura. Publicou diversas obras nas áreas didáticas, de linguagem, de história. Na área de literatura publicou: *Cartas a Sara*, 1990; *Cantares de Menestrel*, 1995 e *O Trilhador de todos os caminhos - Vida e obra de Hélio Serejo*, 2008. Ocupa atualmente a presidência do IHGMS e na ASL ocupa a cadeira n° 31.

### Nélson – e os pequis?

Machado de Assis, no cap. VII de suas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, relata que, no limiar da morte, foi arrebatado por um animal, que o levou à origem dos séculos, que, “velozes e turbulentos, desfilavam num turbilhão”, com seus “flagelos e delícias”, quando viu, “com olhar enfiado e distraído”, chegar o século presente e “atrás dele os futuros”. Naquele turbilhão, tudo se confundia e um “nevoeiro cobriu tudo”, menos o animal que o conduzia, que foi diminuindo até “ficar do tamanho de um gato”. Voltara Brás Cubas à razão.

É razoável *o delírio* (este é o título do capítulo), pois existe a crença (possivelmente universal) de que o ser humano, nos últimos momentos de sua vida, repassa, “num turbilhão”, toda a sua jornada. Foi o que aconteceu. No dia 7 de dezembro, às nove horas da manhã, estava eu recolhendo pequis para o meu amigo Nélson Trad. Era falar em pequis e ele já os “requisitava”: são meus. Certo dia, contei-lhe que fora buscar em Goiânia mudas de pequizeiros oriundos do Pará. E ele: – quando frutificarem, quero experimentar.

Passaram-se os anos (uns oito talvez) e, nesta primavera, aqueles pequizeiros frutificaram. Estava recolhendo aquelas frutas – as poucas que escaparam à voracidade das barulhentas e perdulárias araras. Quando estava com elas (as frutas) na mão, imaginando a alegria do meu amigo, senti uma reação estranha, como um calafrio, que me arrebatou: era Néelson Trad, figura serena e confiante, comunicando-me que estava de partida – não mais sairia do leito. E eu, ali, com os pequis na mão.

Como Machado, numa viagem vertiginosa, de verdadeiro turbilhão, tão rápida que imensurável, repassamos momentos importantes de nossas vidas: primeiro, quando, perdido eu na multidão, o conheci, como candidato a vice-prefeito de Campo Grande (1962), ao lado de Antônio Mendes Canale, dois ardorosos moços que prometiam renovação (era tempo de Kennedy, o líder jovem, semeador de esperanças); depois, quando tive notícias de sua incompreensível prisão pelos revolucionários de 1964; três anos depois, preso era eu e você, atendendo a pedido de Antônio Lopes Lins, veio pressuroso me defender (arriscando-se seriamente, porque estava com direitos políticos cassados e sempre monitorado). Marcou-me aquele encontro, sincero, decidido: ali começava uma amizade, ou melhor, uma fraternidade que duraria, muito sólida, para sempre. E os fatos se sucedem.

Está inapagável e nítida em mim a cena de sua chegada à Clínica Campo Grande, vítima de um capotamento na estrada de Maracaju (arremessado pelo para-brisa da Rural Willys): você estava inchado, o rosto cheio de hematomas, em estado crítico. As pessoas, ao seu redor, atentas e estupefactas; sua esposa, Therezinha, sob efeito de calmantes, olhava fixa e ternamente para você, rezando baixinho com seus parentes. Não era, contudo, o fim. Você resistiu bravamente e voltou ao trabalho. Recordo que, com humor machadiano, comentava que o acidente até fora bom: acabara com a impertinente úlcera gástrica que o atormentava.

Quando você estava refeito do acidente, ocorreu meu julgamento na Auditoria Militar. Lá estava você, impávido, como um Cícero no fórum de Roma, para vibrar a palavra contra a injustiça e arbitrariedade. Incisivo, empregou-a com generosidade, sem temor, exigindo o respeito

ao cidadão e suas ideias. Fui absolvido. Um abraço de lutadores, que a posteridade há de reconhecer, pois, naquela época (aliás tão próxima ainda, vítimas da hedionda lei de segurança nacional), enfrentamos os extremistas da direita com ideias, não com armas; não fugimos, não buscamos o exílio, não nos acobardamos e, sim, os enfrentamos galhardamente; sobraram-nos a perseguição, o cárcere, o patrulhamento ideológico – mas não esmorecemos, não nos entregamos. Sobrevivemos. Tardamente embora, as ideias que defendemos vão sendo implantadas na democracia brasileira.

Na viagem alucinada, paramos, na Rua Barão do Rio Branco, onde sua casa foi cercada e invadida por quase duas dezenas de militares, que, cumprindo ordens covardes, o tiraram do convívio da família e o levaram para o cárcere, fato que, anos depois, levaria o Nelsinho, quando aluno do Dom Bosco, a negar-se a fazer um trabalho escolar sobre a revolução de março, porque (confessara-me ele) não podia, não devia escrever sobre quem arrancara seu pai do convívio, sem qualquer respeito à família, como se bandido fora.

Depois, Néelson, você me mostrou as crônicas que escreveu sobre futebol, de forma enigmática (para ludibriar a burra censura), sob o pseudônimo Heleno Goiano.

Tivemos tempo, ainda, para refletir como o tempo nos aproximou, tornando-nos reciprocamente cúmplices, em longas conversas, quando trocávamos conselhos e opiniões. Conversas longas, que provocaram, certo dia, sua amorosa Therezinha: – Onde é que vocês encontram tanto assunto?

E nessa viagem frenética, ao se despedir, você ainda me avisou: – Não deixe de pedir à Therezinha o processo do Gentel, que deve ficar no Instituto Histórico.

Tínhamos outras cenas a rememorar. Não foi possível, porque, como Machado, chegamos ao tempo presente e você devia partir. Você se afastou, perdido na névoa, permitindo-me ver ainda seu gesto de despedida. Que não respondi, porque para mim não houve despedida. Acordei. Estava com os pequis na mão. Que fazer com eles?

Resolvi plantá-los. Para, Néelson, lembrar sempre a sua figura, o seu carinho e, acima de tudo, esta nossa imorredoura fraternidade. Vá, irmão. Irei mais tarde. Agora dos pequis cuido eu.

Vá, irmão, que, todavia, viverá, porque não se morre quando se perde a vida, mas, sim, quando se perde o significado. E o seu significado, Néelson, na minha história e na desta terra, ficou, com sua partida, muito mais brilhante e imorredouro.



## Da casa de taipa à Universidade

*No dia 7 de novembro/2011, foi lançado o livro *Da casa de taipa à Universidade – memórias de um médico*, cujo prefácio a seguir se transcreve.*

História é passado. Não necessariamente um passado distante, já perdido nas névoas do tempo. Também é passado bem próximo, que vivemos e testemunhamos. Para que estas memórias recentes não se percam (e não sejam sonegadas aos descendentes), o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul tem incentivado, como programa institucional, os agentes da história regional a registrar não só a própria trajetória mas também descrever os cenários em que ela se desenvolveu e realizou.

Nesta esteira nasceu *Da casa de taipa à Universidade – memórias de um médico*, de João Pereira da Rosa, figura sempre presente e participante, que dignifica os quadros deste Instituto Histórico.

O leitor se deparará com a história de um menino nascido nos arredores da então pequena cidade de Campo Grande, numa casa de taipa, descendente dos mineiros que fundaram o arraial de Santo Antônio do Campo Grande, menino que teve uma infância sadia e responsável, estudando (e, já adolescente, trabalhando), cujo sonho era ser médico.

Com o apoio da família foi para a Cidade Maravilhosa e voltou

anestesista, o primeiro de Mato Grosso (então uno). Podia radicar-se naquela cidade (onde já estava empregado e bem relacionado); todavia, sentindo-se responsável por sua gente, retornou à terra natal, onde, à frente de significativas empreitadas, ou participando delas, João Pereira da Rosa se envolveu nos momentos mais importantes da Medicina e da Educação superior do Estado.

Fala mansa de mineiro, decidido nos seus propósitos, generoso e solidário, dr. Joãozinho (como ficou conhecido) foi impelido a escrever suas memórias, sua trajetória, para que fique perenizada sua vida, exemplo de perseverança (às vezes, de abençoada obstinação), de caráter retilíneo, zeloso na administração da coisa pública, fervoroso pregador do civismo e da cidadania, bem como decidido líder da família Pereira, cuja união vem promovendo, no propósito de conservar nela a responsabilidade de ter iniciado esta vila.

Nessa sua simplicidade e desprendimento, dr. Joãozinho, que podia preencher muito mais páginas com suas iniciativas, andanças e realizações, preferiu omitir tantas delas e colocar a biografia de colegas que lhe foram caros e são importantes na história humana de nossa terra. Assim, ler estas memórias é transitar pela história de Campo Grande e ser apresentado a pessoas que nela deixaram sua indelével marca de competência, solidariedade e humanismo.

Resta-nos, por fim, em nome dos associados do IHGMS e dos campo-grandenses, agradecer ao dr. Joãozinho por ter escrito um pouco de sua vida, gesto ímpar de generosidade, porque não lhe é dado, de forma alguma, sonegar aos seus e a nós sua trajetória de tantos méritos.



## Representante de laboratório

Ao percorrer os dois últimos séculos da história do interior do Brasil, o leitor encontrará, por certo, em hospedarias, pousos ou fazendas, o vendedor de remédios. Para exemplificar, vale o registro de Taunay, que em 1867, atravessando o sertão de Santana de Paranaíba, encontrou, no rancho do José Roberto (perto de Cassilândia hoje), um “doutor, médico que vinha da vila com remédios para todas as moléstias, e que já tinha feito grandes curas em feridas gravas e maleitas”.

Há, na história sul-mato-grossense, dois exemplos emblemáticos desses vendedores de remédios.

O primeiro é Cirino, o Romeu de Inocência, romance todo ambientado no então sertão de Santana do Paranaíba. Como quase todo vendedor de remédios, Cirino iniciou-se como balconista de farmácia. Foi aprendendo os segredos da botica, foi criando confiança e, com o inseparável Chernoviz, começou a percorrer o sertão, até encontrar Pereira, que o convida a passar por sua morada para tratar de sua filha, Inocência, atacada de sezões.

Aí Cirino, bem recebido, angaria a confiança do desconfiado Pereira, atende a doentes, receita, cura, conforta. De fato, como escreveu Taunay (em 1871), “por toda parte entra, com efeito, o doutor; penetra o interior das famílias, verdadeiros gineceus; tem o melhor lugar à mesa dos hóspedes, a mais macia cama; é, enfim, um personagem caído do céu e junto ao qual acodem logo, de muitas léguas em torno, não já enfermos, mas fanatizados crentes, que durante largos anos se haviam medicado ou por conselhos de vizinhos ou por suas próprias inspirações e que na chegada desse messias depositam todas as ardentes esperanças do almejado restabelecimento”.

É bem verdade que alguns foram pretensiosos, quase grosseiros e supinamente ignorantes, viajando com um mundo de drogas para impingi-las, a torto e a direito, aos incautos, como lamentava Taunay. Constituíam, felizmente, a exceção.

O segundo exemplo é José Ribeiro de Sá Carvalho (1888-1967).

Vendedor muito bem informado, com uma cultura geral respeitável, foi atravessando estes nossos sertões ouvindo seus habitantes e suas histórias. Acabou por escrever três pequenas e valiosas obras: Como era lindo o meu sertão (narrativas do povoamento do sertão dos Garcias, no Sul de Mato Grosso, publicado em 1962), Reminiscências dos sertões dos Garcias em memória do cel. Alfredo Justino de Sousa (também publicada em 1962) e O povoamento do Sul de Mato Grosso. Os Garcias, os Lopes, os Barbosas e os Pereiras. A influência de Franca do Imperador (obra ainda inédita). Sá Carvalho era interessado nas coisas da terra. Aproveitava suas viagens para colher ou completar informações. Certa vez, viajando pela região de Londrina, dirigiu-se a São Jerônimo da Serra, só para conferir se o sertanista Joaquim Francisco Lopes fora enterrado naquela localidade.

Outros exemplos poderiam ser arrolados. As pessoas mais antigas certamente tiveram sua infância ligada à figura do vendedor de remédios, ou boticário ou mesmo um doutor ambulante, como lembro um deles fazendo (na casa de minha família, sem qualquer recurso), no pé muito inchado e com início de gangrena de meu pai, delicada intervenção cirúrgica. Com duas semanas papai estava sarado.

Hoje, com a regulamentação das profissões e a presença sempre maior do médico, o vendedor de remédios desapareceu, sucedendo-o o representante de laboratório, cujo dia comemorativo é 14 de julho. Incansável, com sua pasta recheada de literatura e amostras, atravessando apressado consultórios e corredores de hospitais, divulga o que há de mais moderno no campo da ciência farmacêutica.

Se não bastasse, enfrenta às vezes a incompreensão de alguns – o que não o desestimula, mesmo que encontre pela frente um dr. Argus.

Dentre esses representantes de laboratório, um deixou fama, embora não tenha o nome registrado pela crônica.

Representando, na primeira metade do século passado, um laboratório francês, era ele obrigado a dominar corretamente o idioma de França. Isto lhe permitia criar amizades com pessoas do interior que conheciam a língua francesa e não tinham com quem praticá-la.

Um desses praticantes era o juiz de direito de Nioaque. Toda vez que passava por aquela vila, o representante do laboratório francês tinha que dedicar algumas horas para conversar, em francês naturalmente, com o meritíssimo.

Tempos depois, o representante, atravessando uma praça em Paris, encontrou, sentado num banco, o juiz de Nioaque. Entre entusiasmado e surpreso, saudou o amigo, que tranqüilamente, como que para se justificar, lhe respondeu: – Para mim, mon ami, é Nioaque ou Paris.



## HUGO PEREIRA DO VALE



*Nasceu em 11/01/1918 em Campo Grande/MS e faleceu também em Campo Grande em 20/01/1982. Ocupou a cadeira 09 da ASL. Poeta escritor, jornalista cronista, ensaísta, conferencista, biógrafo, médico e advogado. Publicou diversas obras, dentre as quais: "Atrás das Muralhas da Razão", "Areia do Deserto", "A Glória de Cem Anos" e "Discurso de posse na Academia Mato-Grossense de Letras" e deixou preparados vários livros inéditos.*

### Flores da noite

Na floresta oculta e sombria  
Do oásis da minha alma de artista,  
A luz lunar  
Desce entre as montanhas da sensibilidade  
E vai pratear o rio  
Da mágoa humana;  
Onde floresce, à margem,  
A árvore da esperança...  
Neste lugar sagrado  
O sol doura a paisagem  
E tece a poesia mágica da luz  
Nas manhãs plenas de vida!  
E há melodias bárbaras,  
E há romances selvagens  
Até ao cair da tarde silenciosa...  
Daí a lua – noiva do sonho,

Enternece na doçura da penumbra  
As águas do rio...  
Tudo adormece...  
E as flores nascidas  
Ao cair da noite  
Despetalam-se ao vir da aurora.  
São lágrimas da árvore da esperança  
No rio da vida.

## A tristeza

Está tão triste  
Como nebulosa manhã de naufrago  
– Na mais profunda solidão.  
A expressão dos teus olhos

Traz melancolicamente  
As mudas sombras do deserto.  
Dentro do teu peito há o vazio  
Das estepes geladas  
Nas noites de inverno.  
Tuas lágrimas são rios  
Tão mansos como a resignação.

Não gosto de ver ninguém  
Que esteja triste.  
A angústia me sufoca  
E um amargo desalento  
Fere meu coração com rude aspereza...  
Eu que só vivo  
Na casa da amarga tristeza.  
Tens na face

A expressão ignota  
Dos que marcham perdidos.  
Como os que perdidos  
Na viela da vida  
Procuram a vida.

No teu pranto  
Há o horror dos vencidos,  
Dos que tombam feridos.  
Não gosto de te ver  
Assim tão triste  
Como tarde sem sol.  
A tristeza  
Enche a minha vida de rude aspereza,  
De amarga tristeza...

## Beduína

Trazes na luz  
Dos teus grandes olhos negros  
Crepúsculos  
E romances de amor ardente.  
No corpo moreno  
– Ânforas da vida –  
Há a placidez lasciva do Nilo...  
Teus seios têm a beleza  
E a maciez das dunas do deserto  
Ao nascer das arvoradas.

Teu beijo de mulher oriental  
Tem sabor de tâmaras  
Colhidas ao frescor das noites.

Nos teus róseos lábios,  
Onde moram as luzes das auroras,  
Sorvo o doce licor  
E me embriago nos sonhos de ventura.

Por Alá  
– Com Ele todo poder e glória,  
Tu seguirás o meu destino.  
Armaremos nossa tenda  
Em outras terras  
E seremos venturosos.  
Não serei mais nômade,  
Pois, tu és o oásis da minha salvação.

## **Canta coração**

Canta coração,  
A glória imensa de poder viver!  
Canta esta primavera luminosa,  
Esses ramos de flores  
E de ninhos  
Que dão vida à paisagem dos seus dias.  
Canta este mundo de ventura  
Que a felicidade,  
Como tua escrava,  
Deposita humildemente em teu solar.  
Tu és, coração,  
No reino encantado dos teus sonhos,  
Um deus pagão.  
O teu Templo  
É o azul do firmamento  
E a tua face

As vozes puras  
Do teu canto olímpico!  
Canta coração,  
Porque, nos haréns das tuas fantasias,  
Tens as doces miragens eternas das auroras...  
Glorifica nos teus versos  
De Sálua os olhos sonhadores,  
Os grandes olhos negros  
Desta estranha bailarina ardente de Stambul!  
Transporta para os teus poemas de amor  
De Stela o sol que existe em teus cabelos...  
E faze do teu canto  
Um cântico dos cânticos  
Para a beleza sensual do corpo de Dalila!

Canta coração,  
Porque a Alegria é tua favorita,  
E tu és o sultão de um deserto  
Onde nos oásis  
Moram seminuas  
As belezas de todos os países.  
Canta!  
Canta, porque a vida para ti  
Estua em delirante festa...  
Canta, porque tu imperas  
Num singular reino de ilusões!





## **J. BARBOSA RODRIGUES**



*Nasceu em 30 de junho 1916, em Poços de Caldas/MG. Chegou a Campo Grande na década de 40, e aqui exerceu o magistério de forma pioneira, em vários estabelecimentos de ensino. Diretor-Presidente do Grupo Correio do Estado, o Jornalista e Professor J. Barbosa Rodrigues foi membro-fundador da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, tendo exercido a presidência desta entidade em 1983. Faleceu em 19/03/2003, aos 86 anos de idade. Deixou obras como: “História de Mato Grosso do Sul”, “Pedras Lascadas” e “Meus Haikais”.*

### **Antigo viveiro de índios**

Antes do ciclo das “bandeiras”, que saindo na sua maioria de Piratininga, geralmente chefiadas por portugueses e integradas pelos bravos mamelucos descendentes de reinóis e mulheres ameríndias, a região compreendida pelo Estado de Mato Grosso do Sul constituía, principalmente nas zonas pantaneiras e às margens dos rios Paraguai e Paraná, verdadeiro viveiro de índios, pois elevavam-se a várias centenas de milhares os componentes das diversas nações de silvícolas.

As primeiras nações e tribos ameríndias tiveram os seus nomes conservados pela crônica histórica e, de algumas delas, ainda são encontrados remanescentes mais ou menos aldeados nos municípios de Miranda, Aquidauana e Dourados, etc., considerados aculturados pelos estudiosos.

Desses povos, já quase extintos, destacavam-se:

Guaicurus, antigamente denominados Mbaías pelos espanhóis desbravadores, que passaram, à história como famosos cavaleiros e

que habitavam a região delimitada pelo Apa e Mboteteí, ou seja, desde a fronteira paraguaia até o atual município de Miranda.

Paiaguás, quase sempre embarcados em pirogas, cortavam o emaranhado dos rios, corixos e vazantes da região pantaneira, exímios flecheiros que impuseram com os seus ataques rápidos e sanguinolentos, inúmeras derrotas às monções de Piratininga, que se dirigiam às minas de Cuiabá ou delas voltavam.

Caiuás, que dominavam a região compreendida pela margem direita do Paraná entre os rios Iguatemi e Pardo.

Entre as tribos que viviam de permeio com os maiores senhores da região, falando ou não a mesma língua, mas de costumes diferentes, são mencionados os abatires, chiquiás, humegais, arauais, ahins, canoeiros, terenas, xaraiés, guatós, guapis, guanchos, guetes, nuaras, etc.

Os componentes dessas diversas nações ou tribos foram, inicialmente, alvos da conquista dos espanhóis vindos de Assunção, depois dos jesuítas que os reduziam em pequenos “pueblos” e mais tarde escravizados ou quase exterminados pelos bandeirantes de Piratininga.

Sob a influência dos Jesuítas, que procuravam aldeá-los, formaram os primeiros povoados que salpicavam a região sul-mato-grossense, que hoje, certamente, seriam expressivas cidades, não fora a arrancada destruidora das “bandeiras”, que procuravam exterminar qualquer vestígio de posse castelhana, o que já acontecia no final da primeira metade do século XVII.

No terceiro quartel do Século XIX, aguerridas forças paraguaias, movidas pelo insaciável desejo de expansão do ditador Francisco Solano Lopes, invadiram terras de Mato Grosso do Sul, que ainda integravam o grande Mato Grosso, ocupando-as quase que totalmente, destruindo povoados e submetendo a população, ainda rarefeita, a sofrimentos indizíveis, apesar de algumas resistências heróicas que encontraram em Forte de Coimbra, Corumbá, Nioaque e Miranda.

Essa invasão, apesar de castigar duramente o então Império do Brasil, teve posteriormente conseqüências benéficas para o sul-mato-

-grossense, pois despertou nos governantes, tanto do Segundo Império como da jovem República que lhe seguiu, maior interesse pela região que até então vivera entregue à própria sorte.

A localização de núcleos militares e a construção de uma estrada de ferro, que partindo de Bauru, no Estado de São Paulo, atravessou vasta região praticamente desconhecida, rumando para as fronteiras com a Bolívia (Corumbá) e Paraguai (Ponta Porã), além de expressiva contribuição ao povoamento do Estado, foram as principais consequências benéficas, que a invasão guarani trouxe para Mato Grosso do Sul.



## Haicais

Quando a chuvarada  
chega, os rios transbordam  
e cresce o Pantanal.

Qual minhocões,  
cobras sucuris assustam  
o pantaneiro só.

Lembrando velho mar  
interior, o Pantanal  
se cobre de água.

Perereca cantar  
é avisar ao pantaneiro  
a chuva ir chegar.

Ex-mar de xaraés,  
terra coberta por águas:  
eis o Pantanal.

Lâmina de água  
cristalina cobre terras  
ditas pantaneiras.

Barreiros salgados  
lá no Pantanal existem.  
Restos de velho mar.

No após-chuva, muitos  
arco-íris aparecem  
no céu pantaneiro.

Água, luz e calor,  
flora e fauna reunidos  
formam o Pantanal.

A linda arara azul  
em extinção vai sumindo.  
O Pantanal chora.



## JORGE ANTÔNIO SIÚFI



*Nasceu em Campo Grande (MS), em 1932 e faleceu em 14/03/2011. Advogado e professor. É coautor da letra do Hino de Mato Grosso do Sul. Cronista. Sua obra principal é “Catiça de Gato”. Recentemente lançou o CD “Jorge Siúfi - Eclético”. Ocupou a cadeira nº 14 da Academia.*

### Os tempos e os tempos...

Os jornais de Campo Grande, sem exceção, trazem anúncios de espetáculos que são protagonizados por mulheres dos grandes centros, espetáculos estes que, no mais das vezes, constituem-se de sexo explícito, strip tease, etc...

Assim vemos anunciado, na Boite Status, na Kumplyssis, na Enigma, e mais algumas que anunciam o seguinte: - Fulana de Tal, Coelhinha da Playboy, Super Gata 94, Garota do Fantástico, Miss Num Sei o Quê, e ainda arremata: - “Este avião estará pousando na pista da Boite Tal, nos dias tais e tais” ou então “Essa gatinha está desfilando totalmente nua na pista da Boite Tal”.

Ai de nós, que temos mais de cinquenta, voltamos no tempo e nos lembramos dos anos cinquenta, quando na cidade anunciava-se a vinda da famosa atriz LUZ DEL FUEGO, que se exibiria somente para homens, no Cine Theatro Alhambra, no dia tal.

Foi um Deus nos acuda, um forrobodó inimaginável. A Liga Feminina Protetora da Família Campo-grandense, encabeçada por beatas de carteirinha, esparramou panfletos por toda cidade, com os dizeres: “Fora, pecadores”.

Como não tínhamos em Campo Grande, ainda, o telefone como

temos hoje e nem mesmo a TV, os muros da cidade amanheceram pichados. “Fora, pecadora”. “Seu lugar é o inferno”. “Vades retro, Satanás”. “Homem que se preza deve evitar esta infâmia”. “Vá queimar sua Luz Del Fuego nos infernos”.

Chegou o dia do espetáculo! Campo Grande, segundo estatística do IBGE (que nunca é certa) deveria ter, por baixo, uns cem mil habitantes. O Cine Theatro Alhambra, situado na Avenida Afonso Pena (onde hoje se constrói um novo hotel), tinha quinhentos lugares, entre a parte de baixo, os camarotes e o balcão. Não deu pra quem quis ver a estrela.

Teve ela que permanecer mais um dia, em mais um espetáculo – só para homens – o que enfureceu a sociedade feminina já acima indicada, ainda mais quando se propalou que a referida “star” ficaria totalmente nua no palco, envolta em uma imensa cobra. Muitos maridos tiveram que ter um álibi dos bons para comprovar onde, quando e com quem estiveram no período em que os shows se realizaram e, tem-se notícia, consultando o Fórum local, que não foram poucas as ações de desquite... Como os tempos mudam...

Acentue-se que, dada a gravidade da situação, Luz Del Fuego chegou escoltada por forte aparato da policia civil, assim permanecendo durante o show, até o momento de sua partida em um avião da Real...



## Cupim

Em meu escritório, cujo endereço reservo-me não dá-lo, dois influentes homens de negócios transavam sobre a possibilidade da compra e venda de uma fazenda, com tantos mil hectares.

A certa altura do diálogo, um deles, regateando o preço que achava extorsivo, justificou o porquê de sua bronca:

– Lá tem muito cupim. A terra não é boa mesmo.

E o negócio não foi realizado, por causa do cupim.

Fiquei assaz impressionado com o tal do cupim e socorri-me, como sempre, no pai dos burros, que sempre me salva nestas horas.

Cupim, segundo os melhores dicionários desta terra de Cabral e Delfim Neto, é um montículo de terra onde vivem as térmitas, que, por sua vez, são insetos roedores que se chamam, também, formigas brancas.

É, igualmente, caruncho de madeira, montículo de terra, formigueiro. Ainda é carne gostosa extraída do pescoço dos bovinos.

Bolas! Procurei e não encontrei nada que dissesse a respeito de cupim em cimento. Explico: nos fundos do SAAE, perto das residências de Lúdio Martins Coelho, Edmar Pinto Costa, Mário Edson de Barros e Mário Eugênio, existe uma caixa d'água em formato de disco voador ou cálice, gigantesca, que, dizem, foi construída pela SANEMAT, para colocar água.

– Como, minha senhora? Não, não tem nada que ver com a estória do japonês (quem corocô, corocô; que num corocô num coroca mais). E coloca água para a necessária distribuição do precioso líquido para a afoita e sedenta população campo-grandense.

E o bicho está lá, altaneiro, grudado no cimento da futura caixa d'água, tirando uma de turista, apreciando a vista da cidade que mais cresce no centro-oeste brasileiro.

O povo campo-grandense, que não é muito afeito a apelidos, como o cuiabano, pois aqui cuida-se mais de trabalhar do que de fofoca, já está rolando o dito monumento aquático como “Obelisco da Inércia”, “Disco Voador”, “Cálice da Sede”, e outros babados mais.

E o povo badala, criticando:

“SAAE ou não SAAE água do monumento?”

– O caso, minha senhora abelhuda, não é bem sair, viu? É entrar.

E o magnífico cupim do cimento está lá, grudado, na dele, pois enquanto não umedecerem as paredes do monumento, vai ficar igual o Gabura no Rádio Clube: não sai mesmo. Ou, como quer o malagueteiro da última página, igual à cronista social em Ponta Porá:

– Eia, sua, minha gente!!! O que há? Vamos tirar o cupim de lá ou vamos pôr água no monumento? Quem está com a palavra?



## Colegas

Antonio Silvério Lima, professor da rede estadual de ensino, cinqüentão, bem apessoado, estava dando uma volta em seu quarteirão para, segundo ele, esfriar a cabeça, quando de repente surgiu por detrás de um poste um indivíduo, armado com um revólver deste tamanho, escondendo parte do rosto com um lenço, a la zorro tupiniquim, e lhe gritou:

- Mãos ao alto. Isto é um assalto!

O professor quedou-se entre surpreso e mudo. Levantou as mãos, como determinou o assaltante. Não conseguiu dizer nada. Tentou falar, mas nem balbuciou. Estava petrificado.

Passe-me todo seu dinheiro, cidadão. (A voz do assaltante era trêmula).

O professor tentou uma investida, eis que sentiu que a sua voz poderia sair.

Sabe, meu amigo...

Foi interceptado pelo assaltante, que lhe disse:

Não sou seu amigo, cidadão. Sou um assaltante e não tente me iludir, ou tismar o meu intento, que é o de coletar o que você tem no seu bolso.

Mas é justamente isto que estou tentando lhe dizer. Sabe, eu sou um professor que está sem receber o seu salário há quatro meses e vejo que o senhor é um homem de boa educação, pois me chamou de cidadão e usa expressões tais como iludir, tismar, coletar, tão impróprias de um assaltante... e justamente nesta noite, eu resolvi sair para espairer um

pouco, para esquecer meus problemas, minhas dívidas com o açougue, com a farmácia, com a padaria, com o Seu Manoel lá da mercearia e tantos outros, e me acontece mais esta desgraça, com um assalto? O senhor quer levar minha vida? É tudo que tenho, no momento. Veja que nem relógio possuo mais; está empenhorado na Caixa e...

Chega, chega, chega! - gritou o assaltante. - Pode abaixar suas mãos, pois sou seu colega. Eu também sou professor de rede estadual de ensino e, no desespero, tomei esta arma de meu pai - sem que ele visse – e resolvi praticar este ato hediondo, mas já antevia um insucesso, pois não nasci para isto. Anda, dê-me cá um abraço.

E os dois se abraçaram.

E saíram caminhando rua abaixo, com o assaltante já de rosto descoberto, querendo saber onde o colega lecionava, etc., quantos filhos tinha, trocando informações para o surgimento de uma nova amizade haurida no sofrimento e na dor e até no desespero.

- Mas, olhe, vou lhe confidenciar uma coisa, meu bom colega assaltante - sapecou o professor -, quase mijei na calça, no momento em que você me apontou aquela arma horrorosa...



## “Recuerdos” de um carnaval

Heleninha, nascida Maria Helena Castro Oliveira e Silva, 17 anos de exuberância, beleza e mocidade, estava guardando suas roupas, quando de repente apareceu colado, em uma de suas blusas, um confete amarelecido pelo tempo, já sem aquela cor original do amarelo ouro que era.

Heleninha sentou-se em sua cama e pensou fundamente.

Recordou “aquele” carnaval do ano passado... Roberto.

Reviveu as cenas. Parecia ainda ouvir sua mãe.

– Neninha, meu bem, se te falo é pra teu bem. Este moço não é para

você. Não quero nem que seu pai saiba que você esta pulando com ele.

– Ora, mãe, deixa de ser quadrada. O Beto é legal às pampas. Filho de boa família, que que tem?

– Minha filha – ponderava a mãe – veja as companhias dele. Ninguém presta. Dra. Loló, nossa vizinha, disse-me que a turma dele é de bolinha e outras coisas, e a família dele nem dá bola. Largue o menino solto.

– Menino? O Beto já tem 18 anos, tá? Ia até servir o Exército este ano, mas o pai dele quebrou o gralho com os médicos e disse que ele tinha pé chato e pá: não vai mais servir.

– Neninha, minha querida, você acha que sua mãe não quer o melhor para você? Se lhe falo é por que sei das coisas. Ele não presta mesmo. Por que você não pula com o Ronaldo?

– Ronaldo, mamãe? Pelo amor de Deus. Com aquele jeitão de bicha que ele tem? Que que vão dizer minhas amiguinhas? Ora, mãe, o Beto é bacana, me leva de carro, me paga bebida, tem o tutu firme. O Ronaldo é um bola murcha.

– Pois bem, minha filha – enfatizou a mãe – então você não vai mais pular e já vou contar pro seu pai hoje mesmo e quero ver o que vai dar.

– Conta, velha, conta. Estraga minha felicidade. É isto que você quer, não é? (Este negócio de chamar mãe de senhora, já era).

E abriu um dos maiores berreiros da paróquia.

Quando o pai soube da estória, passou-lhe uma carraspana daquelas de fazer o alemão largar o chope.

Mais choro. No fim, Heleninha lembra-se como se fosse hoje, deu-lhe o estalo de Vieira e ela disse:

– Tá bem, mãe, você ganhou. Vou pular com o Ronaldo e seja o que Deus quiser.

E Heleninha sambou até o sol raiar, com Ronaldo.

No fim do baile pegou carona com Roberto. Foi divertido dar o golpe nos velhos. Ria a mais não poder. Foi tártaro.

Estava ainda olhando aqueles confetes, quando acordou de seus

longos devaneios pelo chamado de sua mãe:

– Menina, o Betinho está chorando, minha filha. Acho que ele fez pipi, vai dar uma olhada no menino.

Betinho, nascido Roberto de Almeida Simbert Junior, filho de Roberto de Almeida Simbert (que se encontra em um lugar incerto e não sabido, talvez estudando na Suíça) e de Maria Helena Castro Oliveira e Silva...

E lá se foi Heleninha, 17 anos de exuberante mocidade, trocar as fraldinhas do Betinho... “recuerdos” de um carnaval...





## JOSÉ COUTO VIEIRA PONTES



*Nasceu em Três Lagoas (MS), em 1933. É juiz de direito aposentado. É um dos fundadores da Academia de Letras e História de Campo Grande (1971), antecessora da ASL. Presidente de 1972 a 1982. É autor de “Deste lado do Horizonte”, “Jorge Luis Borges”, “A Erudição e os Espelhos” e “História da Literatura Sul-Mato-Grossense. É contista premiado nacionalmente. Ocupa a cadeira nº 11 da ASL.*

### **Polens e voos de poesia (Acerca do novo livro de Rubenio Marcelo)**

Como definir a Poesia? Seria assim como definir a música? Grandes autores trataram do tema, através dos tempos, desde a antiguidade Clássica (Grécia e Roma) até os dias atuais.

A notável cultora da arte poética, a mineira Henriqueta Lisboa, afirmou, de uma feita: “A Poesia não se define, é definidora”. O admirável poeta libanês, consagrado em todo o mundo e muito amado no Brasil, teceu versos maravilhosos como este: “Eu te amarei até Deus envelhecer”. Como se vê, ele quis dizer que seu amor é eterno. Pois foi o autor dessas maravilhosas palavras, Gibran Kalil Gibran, quem asseverou: “Se a Poesia é a essência da vida, como exprimi-la em palavras?”.

Quando realizarmos pesquisas históricas nos domínios das grandes civilizações do passado, logo nos vem à mente conhecer-lhes os maiores poetas. É aí, então, que nos defrontamos, na Grécia, com bardos da estirpe de Píndaro, Hesíodo e Safo; em Roma, com Ovídio, Virgílio e Tácito; na Idade Média, com Dante e Petrarca.

Os tempos passaram, o período medieval feneceu, com seus grandes sábios e artistas, legando à humanidade um inestimável patrimônio espiritual e cultural.

Chegou a era das grandes navegações, “dilatando a fé e o império”, no dizer de Luiz Vaz de Camões, cantando as “valerosas” obras dos lusitanos “a quem Marte e Netuno respeitaram”, de tal modo que “se mais mundos houvera, lá chegara”. De tal modo a grandeza do poema épico “Os Lusíadas” foi celebrada em todo o mundo que o crítico literário alemão Schelegel, afirmou: “Camões, nome que por si só vale uma Literatura inteira”. Do mesmo modo, diante de tão célebre produção das letras mundiais, Erasmo de Rotterdam, holandês, autor do livro “O Elogio da Loucura”, aprendeu português somente para ler a grandiosa epopéia lusitana.

Quantos de nós, brasileiros, que, ainda bebês, ouvimos dos lábios de nossas mães, a frase “meu filho”, lembrando aqui o nosso Olavo Bilac, já lemos “Os Lusíadas”?

Com o avanço da tecnologia, nos tempos modernos e contemporâneos, as nações não puderam sobreviver sem o canto de seus poetas. Aí então surgiram não só notáveis poetas, como também talentosos intérpretes desse gênero literário imortal.

Com efeito, o poeta alemão Herder conceituou a poesia como “a palavra primitiva revelada ao homem por inspiração divina”, no que foi acompanhado pela opinião de Coleridge.

Grandes nomes foram surgindo, então, nos domínios de Homero, como Victor Hugo, Baudelaire, Rimbaud, Mallarmé, Verlaine, Edgar Allan Poe, em nome dos quais saúdo, como se faz nos cerimoniais dos eventos, os demais luminares da arte poética em todo o mundo, não podendo esquecer figuras eternas, como Goethe, Gabriela Mistral, Fernando Pessoa, José Asunción Silva, Ruben Dario, Jorge Luis Borges, Florbela Espanca, Castro Alves, Fagundes Varela, Casimiro de Abreu, Vicente de Carvalho, Augusto dos Anjos, Cruz e Souza, Carlos Drummond de Andrade.

E também os gênios da poesia em Mato Grosso do Sul, como Pe-

dro Medeiros, Lobivar Matos, Luiz Feitosa Rodrigues, Carlos de Castro Brasil, Franklin Cassiano da Silva, Alcestre de Castro, Renato Baez, Carlos Vandoni de Barros, Gabriel Vandoni de Barros, Clio Proença, Rosário Congro, Elmano Soares, Júlio Mancini, Sabino José da Costa, Hugo Pereira do Vale, Oliva Enciso, Júlio Guimarães, Germano Barros de Souza, Nelson Nery, Mariano Cebalho, Otávio Gonçalves Gomes, Henedina Hugo Rodrigues, Antonio Lopes Lins, Adair José Aguiar, Altevir Alencar, Geraldo Ramon Pereira, e os mais modernos como Manoel de Barros, Aldo de Queirós, Raquel Naveira, Francisco Leal de Queirós, Manuel Lacerda Lima, Antônio Paulo Pontes, Américo Calheiros, e outros.

Todas essas considerações assomam à minha mente, em razão do novo livro do também consagrado poeta sul-mato-grossense RUBENIO MARCELO, intitulado *“Voo de Polens - 100 Sonetos e outros Rebentos Poéticos”* (Projeto cultural aprovado pelo FMIC/Fundac, que será lançado neste início de ano).

Essa obra constitui a continuação de sua missão poética – vamos dizer assim –, pois que o poeta é um mensageiro da paz e do amor, o intérprete dos nossos sentimentos mais recônditos, no afã de interpretar a realidade, em construções linguísticas de fino labor, quer transfigurando o material que lhe cai às mãos, quer tangendo o mistério oculto nas sombras dos fatos e nos umbrais do viver cotidiano, como a lembrar o inesquecível bardo romano, Virgílio: “São as lágrimas das coisas” (*Sunt lacrimae rerum*).

Após publicar, além de outros livros, “Graal das Metáforas” e “Horizontes d’Versos”, eis que Rubenio Marcelo, bastante elogiado pela crítica nacional, em razão de seus poemas, nos oferece mais uma produção poética, fruto de suas inquietações e prospecções pelos domínios da alma humana, em todos os sentidos, colhendo aqui e ali os frutos alcantilados da maravilhosa e perturbadora condição humana, numa construção feliz, a lembrar Mallarmé: “A poesia se faz com palavras e não com ideias”, sem se esquecer de Heidegger, segundo o qual “A poesia é como um sonho”.

Com efeito, poesia é vida, sobrevivendo pela transgressão do banal, pela mutilação do real, em busca da beleza, numa cruzada heroica, sim, a beleza oculta em regiões inacessíveis ao entendimento comum e corriqueiro.

Assim é o poder criativo da poesia de Rubenio Marcelo, que já nos trouxe, em outro livro, a prova de que realmente encontrou, qual novo José de Arimatéia, o verdadeiro graal do gênero mais profundo e encantador da Literatura.

Como disse Olavo Bilac, justificando “como ouvir estrela?”: *Amai para entendê-las*, Rubenio Marcelo nos leva a conhecer novos mundos encantados da arte poética, com talento e esmerado artesanato da linguagem.

A poesia de Rubenio Marcelo transpôs as fronteiras nacionais, projetando-se, por exemplo, no cenário literário de Portugal, Espanha e Argentina, onde recebeu calorosos elogios de seus críticos literários.

Este novo livro de Rubenio Marcelo, intitulado “*VOO DE POLENS - 100 Sonetos e outros Rebentos Poéticos*” é profundo. Como o título da obra já sugere, compõe-se ela de sonetos tradicionais, ao lado de versos livres/brancos, numa combinação feliz, a evidenciar que a poesia pode assumir todas as formas de composição, sem perder o âmago de sua substanciosa mensagem.

Cearense de nascimento e sul-mato-grossense de coração (e também já reconhecido oficialmente com Título Honorífico), o poeta Rubenio Marcelo já conquistou a admiração dos leitores de nosso Estado. Na verdade, o novo livro de Rubenio Marcelo evidencia incontestável maturidade poética, ao colher, no jardim das musas, as florações originais, num processo saturado de beleza, harmonia e emocionantes mensagens.

Com a publicação de “*Voo de Polens – 100 Sonetos e outros Rebentos Poéticos*”, Rubenio Marcelo descortinará novos horizontes nos domínios da Poesia, com o instrumental eficiente e preciso de sua capacidade de desvendar os mistérios ocultos nas regiões encantadas da beleza, e o desafio das palavras para captá-los.

Que os leitores, amantes da Poesia, sintam, eles mesmos, o fulgor

dessas colorações mágicas da palavra, a perfurar o sentido das coisas, do mundo, dos sentimentos humanos, num labor de verdadeira jornada abissal, pelos seus caminhos e sendas pouco reveladas.

Nada melhor, para encerrar estas palavras, do que transcrever a seguir o quarteto do grande poeta Ronaldo Cunha Lima: “Leio Rubenio e logo me proponho / Em ser seu viajor pelo ilusivo / Voo de Polens, nessa nau de sonhos, / E logo de seus sonhos sou cativo!”



## **A Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e os cinquenta anos de Correio do Estado\***

*(Texto escrito em 07/02/2004 por José Couto Vieira Pontes)*

A data de 7 de fevereiro de 1954 constitui marco relicário do jornalismo sul-mato-grossense e confirmação solene de que a cultura é o fermento da prosperidade, e, no dizer de ANDRÉ MALRAUX, “a honra da humanidade”.

O Correio do Estado nasceu não apenas para veicular notícias, divulgar anúncios, agradar o leitor de horóscopo, ou publicar notas e declarações oficiais, ainda que algo disso tudo seja importante e indispensável.

Com efeito, mereceu o calor do ideal do inesquecível professor e acadêmico JOSÉ BARBOSA RODRIGUES, cidadão de elevados méritos, escritor, poeta, primoroso historiador de nossa região, em cujos livros introduziu fatos e circunstâncias que nem mesmo os compêndios de História do Brasil acolhem, e tudo fez para que seu jornal abrigasse colaborações e produções de nossos homens de letras.

Os períodos de esplendor das grandes nações coincidem com seu apogeu cultural, podendo ser lembrado o Século de Augusto em Roma, e de Luis XIV ou de Francisco I em França, o de D. Pedro II entre nós,

entre outros exemplos. Tal postulado é válido para qualquer sociedade, ainda a mais modesta.

Os jornais devem espreitar com cuidado essa condição do permanente, que só à Arte cumpre percutir, ainda que se destinem a fixar o presente, a crônica efêmera do dia-a-dia. Contou BARBOSA RODRIGUES com aliada de inegável valor e nobreza de espírito e caráter, a saudosa professora e poetisa D. HENEDINA HUGO RODRIGUES, não só no jornal, como na FUNDAÇÃO BARBOSA RODRIGUES, de que foi mentora, sem que se possa esquecer a colaboração de seus filhos PAULO, MARCOS, JOSÉ MARIA E ANTÔNIO JOÃO HUGO RODRIGUES, este na direção das empresas, após o falecimento de seu pai, e mesmo antes, colaborando em todos os setores, com habilidade e senso administrativo.

ANTÔNIO JOÃO herdou as qualidades de seus pais, mostrando-se trabalhador, dedicado ao desenvolvimento e ao incentivo de todas as iniciativas inerentes ao jornalismo e à informação.

Logo que fundada, em 1971, a Academia de Letras e História de Campo Grande, transformada depois, face à criação de nosso Estado, em Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, acolheu como sócios-fundadores, não só o PROF. J. BARBOSA RODRIGUES, como também sua mulher, D. HENEDINA HUGO RODRIGUES.

Deram eles às novas entidades todo apoio necessário, oferecendo nobre página do jornal para o Suplemento Literário, mais tarde rebatizado como Suplemento Cultural, como se denomina até hoje; em circulação ininterrupta desde 1972, nele iniciaram suas atividades literárias nomes que hoje se projetam no cenário nacional.

Muitas colaborações estampadas no Suplemento literário do CORREIO DO ESTADO foram transcritas em jornais de grande circulação nacional, ou elogiadas por renomadas figuras das letras nacionais, o que importa em divulgação da Cultura da História de Mato Grosso do Sul, bastando lembrar, entre outros, luminares da estirpe de LÊDO IVO, LYGIA FAGUNDES TELLES, HERNANI DONATO e BENEDICTO LUZ E SILVA.

Não é justo olvidar que o CORREIO DO ESTADO contou com colaboradores competentes, como o jornalista JÚLIO DA SILVA, muito popular, esportista, conhecedor profundo da literatura (não só do Brasil, mas da de vários países, como Itália, Portugal e Espanha).

Deixou saudades no jornal. Honraram-lhe a memória, dedicando-lhe bela sala, com seu retrato: Sala Júlio da Silva. Quando lhe levara artigo ainda sem nome, e com dificuldade quanto ao título, ele respondeu: – Passe para cá, não morrerá pagão. Dava-lhe por sinal título bem adequado.

Também não se pode esquecer de D. ESTER FIGUEIREDO, com sua seção “Diálogo”, onde pulsa a vida social citadina e a alma de nossa gente, talento que enriquece o jornal. A Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, hoje dirigida pelo escritor e advogado FRANCISCO LEAL DE QUEIROZ, associa-se ao júbilo pelos cinquenta anos do CORREIO DO ESTADO.

Meu confrade e amigo, acadêmico JOSÉ BARBOSA RODRIGUES, foi um sábio. Compreendia que o jornalismo oferece amplas oportunidades ao desenvolvimento das comunidades. Jamais se esqueceu das letras.

O valor da literatura para a edificação da vida. Reconhecia que grandes nomes das letras militaram no jornalismo, como EUCLYDES DA CUNHA, autor dos Os Sertões, obra que o argentino JORGE LUÍS BORGES colocava ao lado de Os Lusíadas e de outras grandes produções das letras mundiais. Jornalista também foi um dos mais aplaudidos escritores do século XX, ERNEST HEMINGWAY, autor de Por Quem os Sinos Dobram e O velho e o Mar, ambos perenizados em películas cinematográficas.

Se todos os homens, da atividade privada ou da pública, pensassem e agissem como o Prof. J. Barbosa Rodrigues, incentivando e divulgando as letras, não seríamos carente país sem Prêmio Nobel de Literatura, enquanto, no contexto da América Latina, o Chile possui dois, o México um, a Guatemala um, a Colômbia um.

Há alguns anos, certo jornalista brasileiro perguntou ao escritor OCTÁVIO PAZ, que então arrebatava o prêmio (verdadeira Copa do

Mundo da Literatura), qual brasileiro merecia recebê-lo. Respondeu o escritor mexicano: – MACHADO DE ASSIS.

Instituído em 1904, o autor de Dom Casmurro, falecido em 1909, por certo não lograria receber o galardão, mas resta, da passagem, a admiração dos povos concentrada no elogio do grande Paz à potência cultural do Brasil, sempre existente, porém mal divulgada.

Assim, com seu exemplo e ideal, o Prof. JOSÉ BARBOSA RODRIGUES ajudou a consolidar a idealidade sul-mato-grossense, antes inexistente, de direito, e, por outro prisma, apenas esboçada em esparsas pintalgadas aqui e acolá na talagarça de nosso destino.

*\*Texto escrito e publicado no suplemento cultural em 07/02/2004*



## JOSÉ PEDRO FRAZÃO



*Nasceu em Belém (PA), em 1955. Reside em Anastácio (MS) desde 1980. Professor e jornalista, fundou em 1982 o jornal “O Porta-Voz”, em Anastácio. Foi secretário de Educação e Cultura de Anastácio. Dentre suas obras, destacam-se: “Nas Águas do Aquidauana eu andei” (romance ecológico) e “Tuiuíú My Brother”. Ocupa a cadeira nº 29 da Academia, da qual é o atual secretário.*

### Orlando pelo Aquidauana

Nos anos oitenta, quando se me apresentaram os versos de Orlando Antunes Batista, morei num de seus poemas onde habitava a pena criadora desse escritor conhecido como o Poeta do Pantanal e que se tornou conhecido, mais tarde, pela crítica goiana capitaneada pelo imortal escritor José Fernandes, como o Artista da Linguagem: “Minha casa fica sempre no mundo, vazia, sem primeiro ato. Fica eterna na boca do poço” (do seu livro Espaço da Esperança – 1981).

De lá pra cá, seus cânticos e versos batizaram o pantanal e continuaram orlando para o mar, feito kadiwéus no dorso preguiçoso do Rio Aquidauana. O menino serelepe de Rancharia, gerado na poesia e nas histórias de Lobato, conhecera também Drummond, Lobivar, Manoel, Gilberto e outras rodas de tereré, onde sorveu letras de chão e de mato até reinventar a linguagem do boi e divinizar a voz de Alzira Espíndola com a composição da música Nossa Senhora do Pantanal. É dono do verso polêmico em que diz que “em Aquidauana, boi é cidadão” (referindo-se à convivência pacífica entre o homem e o boi pelas ruas de outrora). E também encantou Anastácio “entoando no portal do pantanal um belo hino de alegria num amanhã que se faz todo dia.”

Mas o poeta virou Barão da Literatura e saiu rimando bioma com idioma pelos grandes centros culturais do País, ensinando a abrir mentes, livros, portas de escolas e portais pantaneiros, com muita poesia e toda prosa. Acendeu, entre seus quase quarenta livros, uma recente Estrela de Fogo, trazendo de volta a sua flauta de Pã, cantando Sirinx, Pantanaís em Haicais, na cumplicidade de deuses, ninfas e ninjas. Os haicais, dísticos e gazéis, que nesta obra se orquestram, extrapolam os “olhos trilagoanos” do poeta que comeu cabeça de aquidauanentos pacus e o “Pão que Pã amassou” na Serra de Bodoquena. E para sobreviver nos pântanos, chegou a usar chapéu de peão e a dar vida ao morro convivendo com bugres e “bugrinhas” da Conceição.

Entre a fé e o pecado da reação na palavra, ele reforça a idéia meio niilista da criação do mundo pela explosão de um poema no paraíso ecológico, na lógica de sua nova poesia: “Top model no jardim; Pã fez molde do nada”; “Silêncio, nasce uma folha” – ao estilo telúrico de Manoel de Barros, de quem se tornou uma espécie de epífita literária.

Há uma pedra valiosa orlando de volta no meio do caminho da Literatura Sul-mato-grossense.

Meio índio, meio boi, meio Pã, o Barão da Linguagem retorna para nos revelar a castidade de Sinrix e nos convida para uma caçada oriental nas folhas de uma Estrela de Fogo, que se fez livro para romper o silêncio do ocidente.

A flauta de Pã está novamente orlando por aí.



## Mirando Cláudio Valério pela Janela póstuma

*(Prefácio de José Pedro Frazão para o livro de Orlando Antunes  
“Método Paulo Freire de Alfabetizar com inserção da  
Cosmologia Linguística”, recém-lançado em Anastácio)*

A Leitura tira a tramela dos olhos, abre a janela do mundo e aponta infinitos caminhos para a evolução humana!

Por isso, a aprendizagem contida nesta pesquisa do professor Orlando Antunes Batista se recomenda àqueles que concebem o letramento enquanto luz condutora da alfabetização, sob um olhar novo e mais desenvolvido do libertário paradigma freireano de educação.

Por desejo do autor, este manual pedagógico – nascendo inspirado em Paulo Freire – se dedica de modo especial à memória do professor anastaciano Cláudio Valério da Silva, alfabetizador que pressentiu nas Letras o possível de seu caminhar crítico e social; homem político que retirou da Leitura a sua convivência entre saberes; poeta e administrador fazendo da Palavra o construir para o seu povo.

Discípulo de Freire e também de Orlando, Cláudio deixou no livro “Janela” um exemplo de ‘letramento poético’. Deixou Valério escrito no coração do seu povo o valor de se protagonizar a Linguagem e plantou na Mente dos Educadores de Anastácio o discurso obstinado pelo valor das letras e a importância e a dignidade do aprender a se comunicar em níveis cada vez mais socializantes.

Cláudio, o nosso Valério, entendia a grandeza do homem e do mundo dependentes das leituras nascendo da boa educação exigida para um sistema escolar e, por sua vez, ligadas ao cultivar amoroso da semente plantada no mais bem cuidado jardim da infância.

E, tal qual Paulo Freire, Orlando e Cláudio, nós também temos a oportunidade de nos tornarmos agentes desse fenômeno linguístico e cultural alfabetizante e ampliarmos o nosso universo da Leitura e Escrita cada vez mais dialógica e as atividades discursivas libertadoras dos hu-

manos seres de uma alienação, abrindo-lhes a Alma para tornar o Universo cada vez melhor! Um coração compreensivo perante as diferentes linguagens torna a Mente ‘janela’, e um Universo mais amplo e sadio se descortinará ainda mais maravilhoso com a arte inclusiva de aprender a ensinar o Ler e o Escrever além da aparente beleza das Letras.



## A Estrelinha Piracema

Havia, no céu azul pantaneiro, uma estrelinha muito inteligente chamada Piracema. Todos os anos, ao aproximar-se o Natal, ela guiava os peixes, em procissão, até o céu, onde os multiplicava e depois os devolvia, enchendo todos os rios com novos peixinhos.

Sabendo dos poderes mágicos de Piracema, uma outra estrela brilhante deslocou-se até ela, para conhecê-la. Era a Estrela-guia, a mais formosa de toda a constelação celeste.

- Oh! Muito prazer, eu sou a Estrela-guia, aquela que anunciou o nascimento do Menino Jesus...

- E eu sou a Estrelinha Piracema, a que multiplica os peixes para que nunca faltem, aos homens, aos pássaros e à natureza.

- Ah! Então você devia estar presente quando Jesus multiplicou os peixes para alimentar os apóstolos e a multidão que o seguiam?

- Sim, estava. E até hoje realizo esse milagre a serviço de Deus...

- Que bonito, Piracema - admirou-se a Estrela-guia - eu também continuo de prontidão, para anunciar outra vez a vinda do Salvador.

- E quando se dará esse fenômeno? - indagou Piracema.

- Muito em breve... Sabe como é que é, né? Você multiplica seus peixinhos uma vez por ano. E eu tenho o meu tempo certo para anunciar

a vinda de Jesus. Você vai ver, vai ser o maior barato. Vamos até precisar de uns peixinhos...

- É... tomara que ainda existam peixes até lá - choramingou Piracema - e completou: - os homens estão depredando os coitados - no mar, arpoam baleias, matam golfinhos e focas a pauladas; no pantanal, que é um santuário ecológico, eles matam os peixes férteis às vésperas de darem à luz, o que faz lembrar Herodes quando ordenou que matassem os meninos recém-nascidos...

A Estrela-guia ficou indignada com o relato da atrocidade praticada pelo homem e prometeu à Estrelinha Piracema apressar a nova anunciação, para revitalizar a consciência da humanidade.

Aproveitando o encontro, Piracema convidou a Estrela-guia para assistirem à subida de mais um cardume de peixes do Pantanal para a multiplicação milagrosa.

Ao descortinarem um bloco de nuvens, avistaram uma cena muito triste: Na grande escada do rio que chegava até o céu em forma de cachoeira, os peixes agonizavam enfrentando águas poluídas e envenenadas, bombas, armadilhas de anzóis, tarrafas e gigantescas redes de malhas, sem que pudessem se defender das agressões humanas. Naquele ano não se realizou a reprodução dos peixes, já que o fenômeno dependia da consciência dos predadores, que também gozam da lei do “Livre Arbítrio”.

Abraçadas, as duas estrelas choraram tanto, que suas lágrimas desceram a cachoeira e inundaram todo o pantanal, alagando matas e cidades.

Até hoje, em época de natal, avistamos no céu duas estrelas azuis, juntinhas, brilhando os olhos para o pantanal. Elas têm como única arma de defesa dos peixes as suas lágrimas, que se derramam, em forma de chuva, inundando o paraíso ecológico.

E quando os peixes são agredidos, surgem, no espelho dos rios, milhares de estrelas, agitando-se, solidárias, querendo chorar.

## Morte Momesca

De repente, um silêncio sepulcral ensurdece os tambores!  
A alegria, ofuscada, abre alas para a indomável tristeza,  
que invade a avenida de sorrisos amarelos e incolores.  
Suor e lágrimas desfilam abatidos num único bloco,  
onde um anjo multicolorido com alma de menina  
se decompõe fugaz no samba-enredo da vida,  
acenando um adeus ao seu último carnaval.  
Chuva e nostalgia escorrem tênue no chão  
[ainda manchado de sangue e purpurina].  
Era o fim da folia no castelo de Momo,  
onde o anjo cantava tristes alegrias...  
até que, feito um terno passarinho,  
caiu inerte, fugaz, moribundo,  
evolando-se, para sempre,  
num céu de fantasias.  
Foi brilhar distante  
deixando penas  
e serpentinas  
no coração  
de todo  
mundo.  
(Aquidauana com saudade)



## LUCILENE MACHADO

*Nasceu em Terra Rica (PR), em 1965. Professora universitária. Publicou: Plântula, O Gato Pernóstico, Coisas de Mulher, Fio de Saliva e Biografia de Amores. Ocupa a cadeira nº 36 da Academia.*



### Édipo: o ponto de partida

O percurso do escritor Ivo Korytowski para apresentar seu processo criativo tem início em **Édipo** – uma coletânea de trinta e cinco contos publicada pela editora Ciência Moderna que também está inaugurando sua linha de ficção. Do primeiro ao último conto, Korytowski permanece fiel a um estilo marcado pela pós-modernidade, valendo-se dos estrangeirismos, gírias, linguagem internáutica e até trava-línguas para condensar sua visão de mundo num inquérito, aparentemente, filosófico, mas que inclui teologia, história, política, culinária e romance. Muito romance. **Almas Gêmeas**, título de um dos textos, é também tema recorrente em grande parte da obra que situa o homem como um ser carnal seduzido pelas aparências e que vive as relações efêmeras da contemporaneidade.

Ivo Korytowski é autor inquieto, que ousa penetrar o cerne de qualquer tema. Nenhum assunto é grande ou pequeno demais que não mereça ser explorado. Ele movimenta-se sobre uma complexa rede de inferências que inclui desde assuntos de ordem mitológica até reflexões de uma barba ou uma apologia à punheta – neste último se aproxima da escrita de João Gilberto Noll, usando para a abordagem um tom erótico fescenino.

Mas, se o leitor desavisado pensa encontrar uma linguagem simplista ou vulgarizada, engana-se. A viagem é permeada por referências, reor-

denaço de textos, digressões, intertextualidades, enfim uma linguagem singularizada, e, como versa Alfredo Bosi, nem por isso isolada. O autor sabe como, por quê e para quê se cria. Sabe que ninguém poderá dizer mais sobre um texto que o próprio texto literário, e para isso usa o recurso da metalinguagem demonstrando preocupação com a construção e rigor dos contos, ora dirigindo-se ao leitor, ora dialogando com o narratário que chega a aparecer na figura de uma platéia ou como leitor específico. Um exercício que lembra o processo de escrita machadiano.

Para fechar, vale lembrar ainda que Édipo tem um belo projeto gráfico e prefácio do Prof. Ivan Cavalcanti Proença, a quem o autor atribui esta citação dentro do conto Alma Gêmeas: “a literatura desrealiza o real pra realizar o fenômeno literário”. Ivo Korytowski aprendeu a lição.



## MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA



*Nasceu em Mombaça (CE). Radicou-se em Campo Grande, onde exerceu o magistério, transformando-se em excepcional agente cultural nas segunda metade do século passado: criou o Teatro Universitário de Campo Grande, organizou inúmeros festivais de música e de teatro. Seu nome está ligado a todas as iniciativas culturais a partir de 1960. Seu livro mais recente é "A Literatura Sul-Mato-Grossense na ótica de seus construtores" (2011) em parceria com Albana Xavier Nogueira. Ocupa a cadeira n° 19 da ASL.*

### **Nada substitui o Livro**

O livro é o objeto mágico indispensável às mudanças em todos os setores da vida humana, especialmente às transformações, que só a educação sabe provocar.

Sempre que lemos, personagens e paisagens se materializam em nossas mentes, sonhos e desejos são reconstruídos pela força da memória, história pessoal e sensibilidade.

Enquanto deslizamos pelas veredas da leitura, nossa mente e percepções trabalham com grande rapidez e concentração. Daí a importância da leitura na formação da mentalidade dos estudantes.

A literatura é a máquina, que armazena o mundo de signos, que acreditamos terem sido escritos para nós e que nos ajudam a sermos melhores. Pela capacidade de estimular a metalinguagem, recria formas que, mesmo sem fazerem sentido, são detentoras de aspectos ligados à beleza, à liberdade, enfim à poesia, que edifica a alma, e ao conhecimento, que enriquece a mente.

Precioso veículo para a descoberta de valores profundos da realida-

de humana, dá asas ao espírito crítico, motor das mudanças históricas, responsáveis pela presença da liberdade, da prosperidade e da justiça.

As palavras são alimento, espaço de sobrevivência em sociedades anestesiadas por produtos eletrônicos.

A poesia quebra paradigmas, elabora seus códigos, inventa sua realidade única e insubstituível.

A prosa tem seus próprios esquemas, necessita de mensageiros vivos, que possam dar novo ardor a passagens áridas.

Ambas se encontram vivas na literatura, nos sonhos e na sabedoria dos criadores de obras literárias.

Aos Professores, diante do reino das descobertas, cabe arrebatá-lo e conduzir os alunos com clareza e entusiasmo ao mundo das ideias mais difíceis e impenetráveis.

A função da literatura mais que persuadir é provocar. O lugar do escritor, quer ele trabalhe numa biblioteca, numa cabana ou numa *“lan house”* é recriar a vida, é sustentar sua escrita.

A linguagem não surgiu no homem. O homem surgiu com a palavra.

O livro abre clareiras na floresta dos enganos, visto que a literatura, além de espelho, é a janela por onde escorre a realidade. Quem lê pouco, ou só percorre inutilidades, dispõe de repertório mínimo e torna-se deficiente de vocábulos para se expressar.

Ler é plantar sementes, é aprender a respirar, a transpor as montanhas do óbvio.

Nenhuma tela, nenhum filme, nenhum DVD substitui o livro, que, apesar das mudanças da tecnologia, permanece único e insubstituível em sua capacidade de recriação de mentalidades aptas a pensarem o mundo e a agirem sobre ele. Como objeto de investimento de desejos e sonhos, história a um só tempo do eu e do mundo, precisa sobreviver para que a vida tenha sentido e dignidade.

Presto minha homenagem à Secretaria de Educação Municipal da Prefeitura pela implantação de um plano criativo, arrojado e eficiente que tem no livro sua razão de ser. Ao fazer da literatura de MS fonte de inspiração e pesquisa maior, dignifica suas raízes e valoriza nossa identidade.

## O Colégio Osvaldo Cruz continua vivo

*A casa de meu avô...*

*Nunca pensei que ela acabasse!*

*Tudo lá parecia impregnado de eternidade*

*(Manuel Bandeira)*

Em sonhos, surgiu diante de mim o casarão onde entrava todos os dias para dar aulas de Português e Espanhol. Parei um minuto e meus olhos contemplaram na entrada os quadros de formatura com fotos de várias gerações, que ali aprenderam não apenas a decodificar signos, mas a buscar no conhecimento a grande arma de conquista dos valores, que dignificam a vida humana.

No início dos anos cinquenta, ao lado dos colegas, Ruth Pinheiro da Silva, Nagib Raslan, Cândido de Sousa, Antônio Theófilo, Adair José de Aguiar, Paulo Coelho Machado, Virgílio Alves Campos, Luiz Cavalon e outros marcados pelo desejo de ensinar, comecei a lecionar no Colégio Osvaldo Cruz, escola de liberdade, de respeito a alunos e professores. Enquanto a nomeação para o Colégio Estadual exigia do professor fidelidade ao partido político dominante na época, as credenciais requeridas pelo Colégio Osvaldo Cruz eram competência e dedicação ao ofício.

Não era a primeira vez que frequentava esse colégio. Menina ainda, quando o diretor era o Prof. Enzo Cientelli, estudei na Escola Ativa onde fui colega de Plínio Barbosa Martins e Edgar Sperb. A alegria das aulas dinâmicas de Maria Constança de Barros Machado, os recreios animados, as festas de fim de ano são lembranças coladas à pele que vencem a poeira do tempo e driblam a morte.

O magistério para os que têm sede de infinito é refúgio contra a mediocridade, descoberta de novos mundos, ponto de interação com crianças e jovens, que caminham em busca de amor, de sinceridade num mundo sem artifícios.

Na tela das lembranças de cada um, a escola ergue-se firme, sus-

tentada pelas raízes da segurança familiar cultivada através de gerações, que fortificaram suas raízes no exercício de sentimentos verdadeiros.

Como a casa do avô do poeta Manoel Bandeira, uma escola não pode acabar, porque a eternidade percorre cada fibra de suas paredes.

Impossível aceitar seu desaparecimento. Daí meu espanto, quando abri o jornal e soube que o Colégio Osvaldo Cruz havia fechado as portas.

Como num filme, fui invadida pela força das lembranças. Revi os diretores de meu tempo: Carlos Henrique Schrader, um fidalgo de passadas eras, exemplo da cultura que não se expõe. Incapaz de levantar a voz para dirigir-se a alguém, fazia da simplicidade, da delicadeza suas grandes armas no contacto com o corpo docente e discente. No silêncio da memória, visitou-me em seguida Luiz Alexandre de Oliveira, na época dono do estabelecimento, inteligência e memória surpreendentes, orador famoso, criador dos primeiros cursos noturnos secundários de Campo Grande nos quais funcionavam o clássico e o científico, que preparavam os alunos para a Universidade sem a dependência a cursinhos como hoje. Revi num espaço de minuto a disciplina das salas de aula, os professores carregando caixas de giz, apagadores e cadernos, as exposições de fim de ano, as aulas no laboratório, os jogos esportivos. Surpreendi passos apressados no assoalho dos corredores, lágrimas, sorrisos, de acordo com o resultado de exames e lições.

De repente, era noite, vi a luz apagar-se obrigando os alunos a sair caminhando sossegados pelas ruas desertas.

No dia seguinte, tudo recomeçaria sem traumas, porque a indisciplina não fazia parte do repertório da escola. Também não me lembro de ter ouvido comentários sobre asfaltos e roubos. Nunca soube de problemas graves de relacionamento entre a direção e os corpos docente e discente.

Tudo isso passou por mim como figuras deslizando no cristal de um espelho. Hoje, quando vou ao Mercado e o Osvaldo Cruz me fita de longe com seu jeito de quem me pede contas do passado, penso na frase: “Tudo que sólido desmancha no ar” que Marshall Berman utilizou para explicar a ansiedade pelo novo e justificar a presença da

modernidade. Afirmo, porém, que nem tudo se dissolve. As verdadeiras realizações são perenes, nenhum tufão consegue destruí-las. A morte não tem poder sobre elas. Passam-se anos e até séculos e os ideais refulgem na escuridão. O Osvaldo Cruz vive porque se alicerçou num sonho feito da crença nos valores que significam.



## **Ode aos 60 anos de luta da ACP - Associação Campo-grandense de Professores (1952-2012)**

Através dos anos, a Associação Campo-grandense de Professores afirmou-se como símbolo das lutas de nossos mestres contra a ignorância e descaso dos poderosos em relação aos problemas do ensino e principalmente contra os salários humilhantes, que sempre perseguiram os que fizeram do ensino uma opção de vida.

Hoje a ACP, por meio de uma competência, comprada a duros prazos, a custa de juro amargos, conquistou seu crédito no mercado curricular da Educação, transformando-se num Sindicato dos mais atuantes a que todos recorrem na certeza de uma resposta alentadora.

As coisas nem sempre foram assim. A ACP nasceu frágil como criança ansiosa para sobreviver. Se voltarmos os olhos para o passado, teremos que convir que nos anos 1950, quando a ACP surgiu, a situação dos professores era bem pior que a de hoje.

Para começar, não havia plano orientador da Educação. As nomeações obedeciam a critérios políticos. Assim, bastava uma simples mudança nos ventos eleitorais para que professores, que não agradavam ao Governo da situação vigente, alguns com longos anos de magistério, fossem demitidos, sem ter a quem recorrer.

Os salários atrasavam com frequência, quando não caíam em exercício findo, o que significava que só seriam pagos depois de vários

anos, após cansativas apelações a Cuiabá. A efetividade só era obtida por meio de concursos, que nunca eram realizados, ou nas raras vezes em que aconteciam eram anulados, tão logo mudava o Governo. Planos de saúde não existiam, assim o professor, mesmo doente, tinha que dar suas aulas. Nenhum curso, nenhuma possibilidade de melhoria da condição de vida do professor surgia num horizonte limitado de aspirações.

Foi pensando em reverter essa situação, que um grupo de professores do qual faziam parte Ernesto Garcia de Araújo, José Pereira Lins, Maria de Lourdes Teixeira, Maria Constança de Barros Machado, entre outros, liderados pela figura de Alinor Bastos, resolveu dar-se as mãos e fundar a ACP-Associação Campo-grandense de Professores.

O Prof Alinor Bastos era uma figura carismática, de grande força interior, sempre de bem com a vida, o que não o impedia de agir como lutador dos mais autênticos. Como primeiro presidente da ACP tratou de arregimentar a classe e da elaboração dos estatutos da entidade. Seu substituto, José Pereira Lins, deu prosseguimento ao cadastramento e à conquista de novos associados e lançou a ideia da construção da sede.

Na qualidade de terceira presidente da ACP, tive como meta básica a campanha de arrecadação de fundos para a compra de um imóvel, onde deveria situar-se a sede da entidade, que, até aquele momento, funcionava em salas emprestadas, cuja cessão dependia da boa vontade dos órgãos públicos.

Tudo era extremamente difícil nesses longínquos anos de 1956, em que me recordo de ter percorrido as escolas para contactar os professores, numa charrete, levando no colo meu filho José Boaventura com menos de dois anos de idade.

A campanha para a conquista da sede envolveu em ondas de entusiasmo professores e alunos, que participaram de bingos, barraquinhas, bailes para coletar fundos. O que mais nos animou foi a eleição da Rainha dos Estudantes de Campo Grande na qual saiu vencedora Maria de Lourdes Buainain Pereira. A festa da coroação aconteceu no Rádio

Clube Cidade com a presença de um séquito de “alunos-embaixadores”, da Escola Maria Constança de Barros Machado, vestidos à moda dos países de origem e saudando a rainha na língua original.

No final do ano, com o dinheiro arrecadado, conseguiu-se comprar da Sra. Edith Lorentz da Rosa o terreno e uma casa, na rua 7 de setembro, onde funciona atualmente a ACP.

As águas do tempo rolaram. Valorosos companheiros como Nelson de Sousa Pinheiro, Marina do Couto Fortes, Múcio Teixeira Júnior, Quintina Bueno, Nelly Elias Bacha, Onilda Ourives, Elton Valério, Sérgio Calheiros, e outros foram se sucedendo na presidência da ACP, numa batalha de arrecadação de verbas, que permitiu reformar a sede, dotando-a dos confortos necessários.

Hoje a ACP, tendo na presidência o dinâmico professor Geraldo Alves Gonçalves e, na Secretaria Social e Cultural, a Prof<sup>a</sup> Tânia Maria Ferracioli, amplia sua frente de trabalho. Assim, além da luta em favor da melhoria dos salários, desenvolve intensa atividade na área educacional, promovendo cursos e seminários para a atualização dos professores.

Nos últimos anos a ACP tem dado ênfase ao esporte, à cultura e ao lazer, promovendo festivais, campanhas contra a fome, a miséria e seminários literários.

O espaço físico foi ampliado com a construção de um complexo de piscinas tanto para adultos como para crianças, a fim de que os professores possam desfrutar junto a suas famílias de merecido descanso.

Hoje, ao volver os olhos ao passado, sinto a importância da luta dos que construíram uma entidade, cujos membros permanecem unidos, visando à defesa dos sagrados direitos dos que trabalham com a matéria mais preciosa da natureza: o ser humano.

Sinto-me feliz por ter dedicado toda minha vida a uma profissão que é símbolo de resistência ao atraso, que promove mudanças de mentalidade, na convivência com a infância, a adolescência e a juventude.

Estar ligada à história de vida de um organismo atuante, vivo e vibrante como a ACP é motivo de redobrado orgulho.

## O toque mágico da ‘Douce France’

*“Douce France*

*Cher pays de mon enfance*

*Je t’ai gardé dans mon Coeur”*

*(Charles Trenet)*

Quem provou na infância ou nos tempos de ginásio o sabor dos versos de Musset, Lamartine, Victor Hugo ou a prosa de Balzac, Flaubert, Maupassant ficou marcado pela sensação de ter percorrido veredas de um mundo de belezas imaginárias, que insistem em retornar, sempre que a memória involuntária traz de volta lembranças, que o tempo não apaga.

Para reunir a legião dos que fazem da língua francesa objeto de renovada paixão, celebra-se a partir de 20 do corrente, em todos os recantos em que o francês é língua soberana, a Festa da Francofonia, na qual se enfatizam as diferenças de um idioma que nunca pretendeu a unificação, porque seu enriquecimento vem do fato de ser falado por povos de diferentes culturas, que se reúnem sob a égide da solidariedade e do desenvolvimento entre os países.

Nos âmbitos do ensino, da diplomacia, da criação literária e no universo digital, ressalta-se a importância de uma língua essencial em todas as áreas do conhecimento. Nas organizações internacionais, a língua francesa é a porta aberta da comunicação e da inspiração de valores, que dignificam a vida humana.

Associando-se aos países, que festejam o poder do idioma francês em todos os recantos do conhecimento, a Aliança Francesa de Campo Grande promove na Semana da Francofonia diversos eventos ligados à arte e à cultura.

Para estimular e valorizar o gosto pelas artes plásticas, apresenta no espaço denominado “Le Coin de l’Artiste”, situado na rua Antônio Maria Coelho (sede da Aliança), uma exposição das telas de Edson Cas-

tro, artista sul-mato-grossense de reconhecido talento, que atualmente trabalha e estuda em Paris.

Na área do cinema acontece a Semana do Filme Francês com filmes de importância no universo internacional, como *O Artista*, *Hugo Cabret*, *Le Chagrin et La Pitié*, entre outros. No terreno da cozinha francesa, aconteceu dia 20 do corrente, no Restaurante Piaf, Encontro Gastronômico, em que interagiram em torno da boa mesa professores, alunos e amigos da língua francesa.

A Semana da Francofonia, além de lutar pela formação profissional, pelas negociações internacionais, pela igualdade entre homens e mulheres, de favorecer a produção e difusão dos recursos em Francês, abre clareiras de sonho, de abertura espiritual na vida de todos os que descubrem na língua francesa a paisagem em que se materializam desejos reconstruídos pela força da memória, história pessoal e sensibilidade. Quem recebeu o toque da Douce France ficará para sempre preso à sua magia. Saber francês é transpor o reino das descobertas, que valem a pena.



## **Ruas de Campo Grande**

Sou fascinada pelo mistério que existe nas ruas. No silêncio da memória, recolho seus cheiros, seus ruídos o jeito de receber ou rejeitar pessoas e acontecimentos. Porque as ruas têm sangue e alma. São extensões dos que ali viram transcorrer uma parte importante de suas vidas.

Desde criança, deixei nas paredes, no chão, nas árvores de Campo Grande muito do meu ser, das alegrias e angústias, que sobrevivem nas dobras do inconsciente de onde emergem pela força das sensações. Considero a rua um dos melhores programas para quem gosta de observar, sonhar. Caminhar por ela representa para mim encontro com a verdade, com o prazer de sentir-me viva.

Quando menina, morei na Rua 14 de julho, onde todas as manhãs, ao ver passar os estudantes dos colégios Dom Bosco e Auxiliadora, de volta das aulas, sentia no ar a essência de uma mocidade, que acreditava sobreviver à passagem das horas.

Lembro-me de um casal, que desfilava de mãos dadas, abraçado, desafiando os costumes da época, sorrindo com a confiança dos que querem mastigar o futuro. Certo dia, ele desceu sozinho, sem o ar de felicidade de outrora. A família tinha levado a namorada para estudar longe de Campo Grande, plantando a flor da solidão no coração do rapaz.

Professoras primárias como Luísa Widal e Ayd Camargo, passavam carregadas de livros, comerciantes abriam sorridentes as portas das lojas e até cavaleiros elegantes, como Hugo Pereira do Vale, montavam imponentes cavalos de raça.

Depois do jantar, juntávamos as cadeiras na calçada em conversas, que se prolongavam no silêncio de uma noite carregada de estrelas no céu de veludosa proteção.

À noite, a cidade tinha o encantamento de uma escuridão protetora, que permitia caminhar tranquilamente por suas ruas sem preocupação com ladrões e outros malfeitores. Nos anos cinquenta, muitas vezes vi Campo Grande ficar de repente totalmente às escuras, depois de sair do Colégio Osvaldo Cruz onde lecionava. Apesar disso, guiava tranquila meu carro pela Avenida Calógeras, sem temer uma abordagem, que nunca aconteceu.

A cidade tinha uma aura protetora, que nos envolvia com a suavidade do perfume de jasmims que vinha do Jardim Público, como era chamada a praça Ari Coelho e que recebíamos como presente de um dia de trabalho.

Particpei de muitas cenas de multidão nas ruas de Campo Grande. Acompanhei o cortejo, que levou à última morada Ari Coelho de Oliveira, o médico, que realizou o parto de meu primeiro filho, pensando que aquelas mãos, que tanto se movimentaram para salvar vidas, agora repousavam inertes para sempre. Vi o quanto é frágil o entusiasmo político das pessoas, ao acompanhar do alto da Rua Juca Pirama a

chegada de Jânio Quadros carregado em delírio, quando candidato à presidência da República. Estive na casa de Wilson Barbosa Martins, na Rua 15 de novembro, discursando em nome dos professores. A rua estremecia com a multidão ansiosa para tocar, envolver Jânio com a força do desejo de vê-lo eleito. Alguns anos depois, senti o desprezo e a frieza do mesmo povo, quando ele voltou ao Mato Grosso Uno exilado em Corumbá.

Fui protagonista de inúmeros acidentes de trânsito em que a solidariedade dos passantes restituiu-me a coragem de continuar dirigindo.

Cenas de rua deslizam em minha cabeça como pedaços de *filmes noir*. Em todas me sinto envolvida por braços amigos, numa corrente de solidariedade própria de quem se sente tocada pelo força de um olhar. Olhar de uma rua que nos compreende, que dá amor a quem se perdeu na bruma.



## **Lembranças da Faculdade Dom Aquino, célula mater da Universidade Católica Dom Bosco**

*“Deus quer, o homem sonha, a obra nasce”*

*(Fernando Pessoa)*

No momento em que a UCDB completa meio século de gloriosa existência, é preciso apelar para as “colmeias de memória, para as casas de enxames de nossos pensamentos”, conforme a metáfora de Walter Benjamin, a fim de apreender o fio condutor dos acontecimentos.

Ao constatar que, nesses dez anos, cresceu 151% o número de sul-mato-grossenses, que frequentam universidades, nunca é demais recordar as manifestações populares dos anos 1950 e 60, exigindo a criação de um centro superior de ensino.

Ao lado do crescimento econômico, ampliavam-se as necessidades na área educacional. Crescia o número de estudantes, abriam-se novas escolas, mas faltavam professores para assumir os novos tempos, marcados por significativas mudanças.

Por outro lado, os alunos não se contentavam com as limitações do ensino médio (antigo segundo grau): queriam horizontes maiores, visando à realização profissional. Havia nos corações e mentes da população o clamor latente pelo surgimento de uma universidade. A esse respeito, recordo-me do dia em que levei ao padre Angelo Jaime Venturelli as reivindicações de professores e alunos, que lutavam pela criação de uma faculdade de filosofia. (Foi o início de um movimento que envolveu Dom Antônio Barbosa, na época, bispo de Campo Grande), Padre João Greiner (Inspetor Geral dos Salesianos) e Madre Carolina Mioletti (Inspetora Geral das Salesianas) que ofereceu a verba necessária à implantação dos cursos, caso isso fosse necessário.

Em 1961, foi aprovada a Faculdade de Filosofia com os cursos de Letras e Pedagogia, que passou a funcionar em 1962, sob a direção do Padre Felix Zavattaro, intelectual de primeira linha. Apaixonado pela causa educacional, Padre Felix imprimiu à sua direção o brilho de uma liderança conquistada nos anos de professor e diretor de estabelecimentos de ensino salesianos.

Padre Ângelo Jaime Venturelli, que o substituiu, teve a administração assinalada pelo clima de liberdade, que permitiu o surgimento de ações culturais, que deram sentido à força criadora de nossa juventude.

Relembro com especial orgulho ter participado, em 1962, da elaboração e correção das provas do primeiro vestibular. Durante 17 anos experimentei as alegrias e o orgulho de trabalhar na Instituição.

A Faculdade de Filosofia transformou a fisionomia cultural de Campo Grande. Ali nasceu e teve seus dias de glória o TUC (Teatro Universitário Campo-grandense) que, em plena ditadura, celebrava a importância da liberdade na encenação de peças como Arena Conta Zumbi, Liberdade Liberdade, Morte e Vida Severina, Diadorim, Meu Sertão.

A Revista Estudos Universitários publicava anualmente artigos de professores e alunos, sintonizados com o que de mais moderno se fazia no mundo intelectual. Artigos de Eliane Fialho e Olga Maria Lemos, Ismael Xavier de Oliveira, Nelly Barbosa de Macedo, Arlete Saddi Chaves, Albana Xavier Nogueira, entre outros, eram utilizados como fontes de pesquisa pelos alunos do segundo grau.

O Primeiro Festival de Música Popular do Estado nasceu na Faculdade Dom Aquino, sob o patrocínio do Jornal do Comércio, a cuja frente se encontrava o Padre Félix, grande incentivador das realizações do público universitário.

Semanalmente, o Jornal do Comércio publicava uma página denominada Vida Universitária, com artigos e entrevistas de alunos e professores dos cursos de Letras e Pedagogia, na qual se destacaram o poeta Manoel de Barros, os críticos de artes Walter Zanini, Clarival do Prado Valadares e Maurice Lacoste, adido cultural da França, Affonso Romano de Sant'Ana, Nélio Parra, Dino Preti, José Carlos Garbuglio e José Aderaldo Castelo, que estimularam críticas, entrevistas e comentários de Eliza Cesco, Gessy Salles, Sylvia Odiney Cesco, Moreli Proença Teixeira. Cursos de arte ministrados por Roberto Pontual, Aline Figueiredo e Humberto Espíndola deram origem a exposições e vocações.

Por outro lado, os alunos eram combativos, lutavam por seus direitos e apoiavam as reivindicações dos professores. Nomeadas representantes dos cursos de Letras e Pedagogia, Mariza Serrano e Maria Elisa Hindo fizeram em 1968 sucessivas viagens a Brasília e ao Rio de Janeiro para reivindicar junto ao Conselho Federal de Educação o reconhecimento dos cursos da Faculdade Dom Aquino, no que obtiveram pleno êxito.

As Semanas de Letras e de Pedagogia davam ênfase às produções dos alunos. Eram oficinas de criatividade, nos ramos da literatura, do cinema, do teatro, das artes em geral.

O Cine Clube de Campo Grande, surgido na Faculdade Dom Aquino, além de debates em torno do melhor da cinematografia regional e nacional promoveu cursos e patrocinou a participação dos alunos em jornadas e congressos.

O Colégio de Aplicação, dirigido pela professora Carolina Barros, ampliou os limites criativos da Faculdade de Filosofia. Dois de seus alunos, João José de Sousa Leite e Marcelo Barbosa Martins lançaram a ideia da criação de um festival de teatro, que marcou a estreia e a permanência na área teatral de Américo Calheiros, Cristina Mato Grosso e revelou os talentos de Cândido Alberto da Fonseca (Oxil) e Paulo Simões.

Sob a orientação do Padre Carlos Del Torchio foram promovidas viagens e excursões a diversos estados brasileiros para visitas a exposições e participação em eventos culturais.

As águas do tempo deslizaram, deixando nas dobras da memória a consciência do trabalho gigantesco dos salesianos, pioneiros na construção da educação superior em MS. Foram eles que plantaram no chão deste Estado a flor da coragem, da generosidade no trabalho com a matéria mais preciosa deste planeta, que é o ser humano. Graças a eles é que se ergueu e mantém-se firme esse império a que chamamos UCDB, que prossegue sua jornada gloriosa tendo à frente o Pe. José Marinoni, reitor de almas e o Padre Lauro Takaki Shinohara, chanceler atual.

Muitos anos transcorreram de 1962 a 1978, tempo em que vivi na Faculdade Dom Aquino o exercício da busca da liberdade e da felicidade. Foram 17 anos de uma práxis desinteressada, voltada para o crescimento a grandeza do outro, seguindo os ensinamentos de Dom Bosco. À maneira de Proust, ao deixar-me conduzir pela memória involuntária, revejo rostos e sorrisos que representam uma conquista que atribuo, com justiça, aos salesianos transformadores de almas, conquistadores do futuro.

Retornando a Fernando Pessoa afirmo que a força divina e a construção do trabalho, alicerçadas no sonho, permitiram o surgimento de magnífica obra, que desafia séculos de indiferença.



## ***Voo de Polens...* Processo de valorização de corações e mentes**

É desafio analisar em apenas um artigo os novos poemas de Rubenio Marcelo brotados do graal do coração, vaso sagrado no qual está simbolicamente recolhido o sangue alimentador de vidas feitas de som e fúria. São criações trabalhadas com o frescor da inovação, a partir de instrumental teórico, resultado da abordagem crítica com que interpreta universo onde cabem todos os assuntos, todas as inovações.

O jogo das oposições, a construção de metáforas, a força do intimismo lírico convivem com a presença da infância, do apego às raízes nordestinas, em que lembranças escorrem do videoteipe da memória ao som de blues e canções sertanejas.

Em constante contacto com as forças líricas de um mundo em gestação, Rubenio luta com as palavras no afã de construir versos, que definem o estatuto de uma poesia em permanente recriação.

Afirma Laurent Jenny que “os poemas, por mais líricos que sejam, contam-nos histórias”. Ao lê-los, é toda uma vida narrada em silêncio, selada no metal de algumas palavras, a que se chama evocação, que vai deslizando diante dos olhos do leitor.

Como num videoteipe, apreendemos no painel das lembranças a angústia da passagem do tempo, a impossibilidade de retê-lo na condição de “marinheiro precedido pela procela”, refém da imagem/mulher amada, que o persegue como segunda pele a que se sente colado por força do destino.

Viajando pelas estradas da antiguidade e do pós-moderno, o poeta Rubenio Marcelo tanto abusa de comparações ousadas, como desliza nas ondas do vocabulário clássico com a segurança dos que conhecem realmente passadas eras.

Tudo no novo livro de Rubenio (*Voo de Polens - 100 sonetos e outros rebentos poéticos*) é matéria de poesia. A religiosidade na figura de João Paulo II, a dedicação à família, evidenciada nos sonetos dedica-

dos aos filhos, a presença de Campo Grande, cidade inspiradora, que o acolheu depois de ter botado “o pé no mundo”, a grandeza do Pantanal.

Os versos fluem em ritmos, que se alternam de forma surpreendente. Repleta de sons que tecem sonhos, de odores (“beijo de hortelã”), de vozes, que geram versos, a poesia de Rubenio é toda feita de interações entre palavra e pensamento. Os dois planos se encontram num fraseado em que palavra, música e voz tornam-se uma transparência única.

*Voo de Polens* valoriza o processo de criação, enfatiza o papel da poesia na transformação de corações e mentes.



## NELLY MARTINS

*Nasceu em Campo Grande (MS) em 1923 e faleceu em São Paulo (SP) em 2003. Ex-primeira-dama do Estado de MS (esposa de Wilson Barbosa Martins). Foi Pintora, Escritora e Cronista, publicou as seguintes obras: “Crônicas de Viagem”, “Vespasiano, Meu Pai”, “Vivência”, “Casos Reais”, “Água Fresca” e “Duas Vidas”. Foi Acadêmica da ASL.*



### O enjeitado

Manhã de inverno.

Chuva manhosa cai há dois dias e noites.

Fina, lenta, mas teimosa.

O jardim se veste de verde. As folhas lavadas brilham e se mostram frescas.

O céu é chumbo e não promete mudança.

Por trás desse quadro, chega um frio que nos faz encolher e tremer sob casacos e cobertores.

Desconfio que o sabiá esteja na moita de hibiscos.

Tenho pena.

Como estarão se arranjando os filhotes, dos quais ouço um piado fraco!

Será que há calor no corpo molhado da mãe sabiá?

A passarinha se aninha, em ninho fundo como tigela, feito de raízes, folhas e musgos, reforçado por um pouco de barro. Ele ajuda a proteger os bichinhos implumes, nascidos de ovinhos verde-azulados, pintalgados de sépia.

Zelosa, a mãe voa daqui pra lá, de lá pra cá, catando fruta, semente

e minhoca arrancada de terra fofa, para dar de comer aos pintinhos, que piam sem parar.

Aflita, ela emite sons de advertência, chamada e alarme quando percebe perigo à vista.

E eu me recordo da outra ninhada.

Não sei por que acabou a sabiá cuidando, só, de um enorme pássaro preto, verdadeiro chopim.

Ela correndo e arranjando alimento para o malandro que não se satisfazia nunca e permanecia atrás da suposta mãe piando, esfaimado.

É assim que vive o chopim, chocado por outras mães que não a sua.

Esta, preguiçosa, despida do sentimento materno, larga seus ovos em ninhos alheios. Liberta e despreocupada, continua seu caminho, sem nunca voltar atrás à procura do filho enfeitado.



## **Ninho de sabiá**

Naquele dia, o casal de sabiás, pouco menores e menos coloridos que o sabiá-laranjeira, faz uma inspeção na redondeza.

Do matinho vêm para o canto da janela, voam para um e outro lado, examinam o interior da sala enorme e estão atentos aos que por lá circulam. Juntos decidem que o local é seguro, protegido, mesmo de uma chuva inesperada.

E assim, terminada a operação de estudo da área, ambos iniciam a feitura do ninho. Trabalham dia e noite e logo vê-se abrigo redondo, de ramos secos e barro, na trave do janelão-porta.

Desconfiados, assustados, os sabiás só se tranquilizam quando as cortinas se fecham e não mais se abrem. Vigia-se o dia-a-dia deles de longe, de outros pontos da janela, ou pela fresta dos tecidos.

Um ovinho azul com pintas marrons. Dois, três, quatro enchem a pequena morada. Poucos dias e a sabiá se deita, chocando. Logo vêm

os filhotes. Três vermes levemente rosados, pelados, feios, embolados no fundo da cuia bem feita. Sobrara um ovo que mais tarde desaparece.

Com a chegada dos passarinhos, torna-se mais agitada a mãe. Aquece a ninhada, passa bons momentos ao lado dela, olhando-a, vigiando-a, namorando-a. O companheiro salta de um para outro arbusto, do cerrado próximo, com rasantes até a trave da janela.

Os três bichinhos abrem as bocas a todo momento. Não há comida que satisfaça os feios bocudos. Mãe sabiá luta, pai sabiá ajuda e ambos estão felizes.

Em poucos dias crescem os passarinhos. Tornam-se escuros e em cada corpo começa a aparecer rala penugem cinza.

Mais uns dias e vão se emplumando, as penas surgindo. Tomam feição de pássaro e se agitam no abrigo que se torna pequeno. Teme-se que caiam dele.

Continuando a crescer, já batem e esticam as asas, sobem na beira do ninho. Para se ajeitarem melhor, no pequeno espaço de que dispõem, um empurra o outro e há sempre algum sob os demais.

Descobrem o bico, o corpo, as asas, pouco a pouco e passam a se coçar, bicando, bicando.

Os pais agitam sem parar. Trazem bichinhos, minhocas e até uma borboleta amarela.

Estão uma lindeza os três sabiás. São os pequenos, sem cauda, curtas asas, mas ensaiam a partida.

Num dia chuvoso, com dezesseis dias, um deles deixa sua primeira morada, voando para a vida.

Os que ficaram se ajeitam melhor em seu ninho, empoleiram nas bordas do mesmo, batem asas ou passam tempo imóveis, ora olhos abertos, ora dormindo sem reclamar a perda do que se foi. No dia seguinte, voam também.

O ninho vazio é figura triste, sem alma. Sobra dos seres que partiram e logo estarão nos alegrando com o seu cantar.

A janela, onde desenrolarem cenas de graça e ternura, ficou vazia. Ficou vazia a janela da sala de trabalho do Governador.

## Amor

Eu era menina e ouvia o pai falar sobre as duas árvores. Nasceram na porteira, em lugar de destaque.

Nasceram, por ironia da sorte, ambas no mesmo ponto, disputando espaço, onde a amplidão não tem fim.

E ele dizia:

“Mata-pau bandido, vai acabar com a outra. Não há árvore que resista à força da figueira. Ela sempre vence. Engole tudo.

Tem galhos que são tentáculos”. E eu ouvia, pensava e esperava, calada, o desfecho final.

Passaram-se anos.

Ambas cresceram num entrelaço, em um só corpo, emaranhado de galhos e ramos.

Subiram e tornaram-se adultas.

Perdi meu pai,

Envelheci.

Lembro-me ainda daquela fala: a Açoita-cavalo estava liquidada...”

Passei por lá longe.

Elas, copadas, verdes, viçosas, brilhantes, entrançadas, raízes fundidas, troncos também, repartem a seiva, tranquilas, e me parecem cheias de vida.

Dentro de mim nasceu novo sentir. Ali o caso é outro. Aquele abraço não é aperto de luta e morte. Não há disputa, nem conquista.

É mistura de amor, encantamento, ligação. Confundidas, se apertam, se estreitam, se amam, se acariciam, num doce embalo ao sabor dos ventos, aquecidas pelo sol, molhadas pela chuva.

É isso, amor, o que as une e divide através dos anos.

É isso.



## Azul

Na dança das cores o azul impera.

Competir é difícil.

Em salões nobres que buscavam elegância requintada em estilo rococó, valsas de Strauss enchiam espaços com suas melodias.

Dentre todas, Danúbio Azul teve sua época. Era o azul em destaque.

Em viagem namoramos o famoso rio que nos pareceu escuro, triste, pegajoso. Pensei: em dia de céu azul, Strauss se inspirou para compor a valsa.

Azul, cor que a todo momento aparece como: azul do céu, do mar, azul-marinho, da Prússia, anil, azul-rei, azul-pavão.

Azul cor das araras, tucanos, beija-flores e da borboleta azul.

Não se falando das tonalidades em que aparecem e se lançam no mercado das pedras e flores.

Água-marinha, safira e turquesa cintilam nas mãos e colos de mulheres especiais.

No mundo das flores vejo a trepadeira que enfeita a porta de nossa casa. Flores grandes em cachos, azuis, muito azuis.

A “glória da manhã”, conhecida por amor de homem, nem bem se entreabre, enroscando-se pelos matos e já desfalece, desconfiada, é azul.

No canto do nosso muro os estrobilantes mostram florinhas de profundo azul luminoso.

Em outros recantos florescem a íris e a violeta, que puxam para o azul-violeta.

Procurei, sem encontrar, a tulipa azul.

Ouvi contar que já nasceu a rosa azul, mas nem ela usurpará o espaço das hortênsias.

Hortense Leparte, que é o nome científico dado à flor, deveria ter conhecido as estradas e caminhos que levam a Gramado. Ali é, realmente, o reino das hortênsias. Em cada uma delas o azul alcança incontáveis formas e matrizes.

Mas é do azul que falamos. Ele, incansável, surge nos mais diferentes espaços:

Azul é o céu de nossa terra,  
azul também é a serra.  
Azul, sereno é o mar,  
azul é o nosso luar.



## OLIVA ENCISO



*Nasceu em Corumbá (MS), na Fazenda Taquaral, no dia 17 de abril de 1909, e faleceu em Campo Grande (MS) no dia 30 de junho de 2005. Foi vereadora, deputada estadual. Foi membro do IGHMS. Publicou diversas obras, dentre as quais: “Biografias dos Patronos da Academia Sul-mato-grossense de Letras”, Auto-biografia, “Pensai na Educação, Brasileiros”, “Mato Grosso do Sul - Minha Terra” e “Palavras de Poesia” Ocupou a cadeira n° 22 da ASL.*

### A folha

A folha imita a existência...  
Às vezes causas estranhas  
A desprendem brutalmente  
Ainda em pleno vigor  
Do ramo em que nasceu...

Faz pensar ver folha verde  
Caída inerte no chão...

Folha secando no ramo  
Imita vida findando  
Depois de já ter cumprido  
A sua própria missão...  
E aguarda...  
Às vezes vento bem leve  
A desprende do seu ramo  
E ela plaina mansamente  
Até atingir o chão...

Faz pensar ver folha seca  
Se desfazendo no chão...  
Como é bom  
Não ser folha!...  
Sob forma diferente  
- É promessa divina -  
Nossa vida continua  
E temos ressurreição!

## **Um poema... Uma canção**

Como escrever?  
Se as palavras dizem tão pouco!  
Daquilo que nos faz sofrer...  
De tudo que nos faz sorrir...  
Da alegria, enfim, de viver!  
Se eu pudesse externar  
Meus pensamentos!...  
Minha gratidão pelo que recebi...  
Pelo que tenho...  
E até mesmo pelo que já perdi...  
Sei que amor  
Só se paga com amor...  
E esse amor  
Que me deu a vida  
E a envolveu e envolve  
De carinhos até hoje!  
Me levou e me leva a servir...  
Não importa como...  
Não importa onde...  
Até quando? – Não sei!  
Vou vivendo...

Vou escrevendo este poema...  
Que ninguém neste mundo  
Há de ler...  
Porque o escrevo  
No livro da minha vida...  
Suas páginas? – São meus dias  
Suas linhas, minhas horas  
De silêncio... de trabalho...  
Angústias e alegrias!  
Eu gosto de viver!  
E de que outros vivam  
Felizes como eu...  
Toda manhã pra mim  
É uma ressurreição!...  
Por isso faço o que posso  
Para que minha vida seja  
Um poema de amor... uma canção...  
E assim externar a Deus  
Toda minha gratidão!

## **Viver**

A vida  
É mistério insondável!  
Duramos um momento...  
Duramos uma eternidade!...  
Caminhamos às cegas  
Entre a dor e alegria...  
Entre a esperança  
E a saudade...  
Ninguém nos decifra!  
Também nós em geral

Vemos apenas  
As aparências do bem...  
As aparências do mal...  
Mas de luz e de sombras  
Todos somos um misto...  
Feliz quem puder  
Dizer a si mesmo:  
– “Se este mundo  
É um pouco melhor  
É porque eu existo!”

## No Rio Paraguai

Amanhece.  
E vão se descortinando encantos mil,  
Sob este céu lindíssimo de anil.

Às margens se refletem matas verdejantes  
Ou ondulam macio camalotes errantes...

Queria ser artista, para imortalizar  
As belezas todas que vejo passar...

É o buriti que agita os seus leques ao vento  
E a baguari formosa com seu vôo lento...

Aqui, frondosos troncos de copas verdejantes;  
Além, o recorte azul – o das serras distantes...

Têm aparência calma estas águas profundas  
Que banham ora um tapete, ora matas fecundas...

E as águas correndo, ligeiras sem parar  
Para sumirem todas na vastidão do mar...  
Não sei, Rio Paraguai,  
Se alguém já te cantou um dia,  
Mas sei que tu mereces poemas de harmonia.

Da América do Sul, tu vens do coração:  
És sua grande artéria de civilização.

Tuas águas que espelham  
Os mais lindos arrebóis  
Já se tingiram outrora com o sangue de heróis...

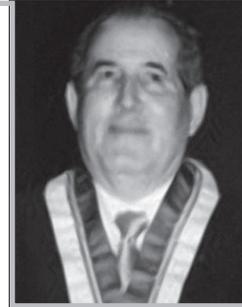
Teu nome está escrito em páginas da História,  
És rico de poesia, de lendas e glória...

Porém, sabes por que tu mais famoso és?  
– Da Corumbá fidalga  
Tu lavas mansamente os pés!





# ORLANDO ANTUNES BATISTA



*Nasceu em Rancharia (SP) em 1947. Professor universitário, escritor, poeta e compositor, reside na cidade de Três Lagoas (MS). Doutor em Letras pela USP. Livre Docente em Teoria Literária. É autor de várias de obras, dentre as quais: O Espaço da Esperança, Jacaré Porã, Teoria da Adaptação Textual, Madurez no Pantanal, A Serpente Serelepe e Estrela de Pã. Ocupa a cadeira 12 da Academia.*

## O gato

Desejo ter em meu lar  
Um amigo a trabalhar.  
Enquanto meu cão rosna  
Está ele a ronronar.

Se estou na cadeira  
A escrever e pensar  
Vive ele do sofá à beira  
Querendo o melhor lugar.

Se o cão o persegue  
Dá ele pulos de gato.  
Brinca com a vida  
Pois tem com a lida

Contrato de sete vidas.  
Vem o rato e cadê o gato?  
Atirei o pau no gato

E do mato não voltou!  
Fica agora na sala  
Uma arena de luta  
O cão atrás do rato  
Até que dona Chica

Chame o gato pra cá.  
E eu ouça um miado:  
Já sei: ele não morreu!  
O berro miado ele não deu!

## O pavão

*Os pavões abrem leques para o luar... - Ronald de Carvalho*

*In - Poemas e Sonetos.*

*Ao Reginaldo Alves de Araújo pelas ações em prol da*

*Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.*

Que leque o pavão nos oferece  
Quando abre sua cauda, este pássaro!  
Que arrasta as plumas normalmente  
Mostra a beleza de seu lábaro,

Cheio de olhos. Qual porta-bandeira  
Desfila no carnaval da vida  
A semana inteira desnuda a traseira.  
Sabe ele que a cinza caiu na quarta-feira?

Tenho uma pena de pavão no livro.  
Bela simpatia. Tinha razão minha mãe:  
Mais de fora ficou a bunda do pavão  
Pela pena que te dou de coração

- Serás, meu filho, poeta um dia!  
- Pelo abano não verás tristeza todo dia.  
Trarás sempre alegria ao povão!

Respondo e sei que não foi em vão:  
-Qual noiva não queria um leque de cauda  
No vestido na capela do dia do sim ou não?

## **O golfinho**

Golfinhos brincam no mar  
E a vaga sem se desfazer.  
Um dia terei eu prazer  
Em vê-los saltando no ar?

Caçam baleias, caçam golfinhos.  
Não conheceram São Francisco:  
Porque homens se engolfinham  
N'águas de cloro e ondas, sem mar?

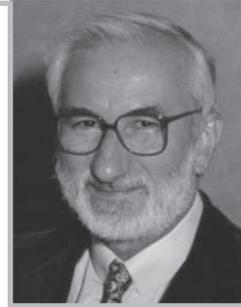
Veio do terremoto a tisuname  
Trouxe um golfinho a encalhar.  
De comida só tinham inhame:  
Depois, o devolveram ao mar!

*Adamantina, 13/02/2010*





## PAULO CORRÊA DE OLIVEIRA



*Nasceu em 21 de outubro de 1936 em Aquidauana (MS). Arquiteto e professor universitário. Apresentou diversas peças teatrais, dentre as quais: “Gran-Círculo centenário”, “Morte Kaiowá”, “Canivete 34-36”, “Mate e Vida Tereré”, “Cine Glória” e “Alegria”. Publicou: “Expressão teatral da região” Coletânea de textos teatrais de escritores de MS”, cuja obra contém três textos teatrais de sua autoria. Ocupa a cadeira nº 15 da ASL.*

### Rápidas impressões de um peregrino pela Terra Santa - I

Tinha vontade de conhecer a Terra Santa. Procurei uma agência de viagem e sua programação, pela internet. Queria uma excursão não pelo olhar descompromissado de um turista, mas, sobretudo, pelo olhar reverente da fé, uma verdadeira peregrinação religiosa. Consegui.

Chamou-me a atenção a propaganda intrigante do Ministério de Turismo de Israel: “Visite Israel – você nunca mais será o mesmo”.

Fomos acompanhados na viagem, a partir do voo de São Paulo, pelo guia da agência escolhida e por um padre católico, Padre Antonio Carlos Fernandes, que seria o diretor espiritual do grupo. No primeiro encontro geral com esse sacerdote, em terras estrangeiras, ele se dirigiu a todos afirmando: Não foram vocês que escolheram este peregrinar pela Terra Santa, mas o próprio Cristo que escolheu vocês para esse fim, aliás, como sempre procedeu, escolhendo previamente seus amigos.

Acreditamos, no nosso caso, que isso deve ter acontecido. Os peregrinos e o próprio padre faziam parte da Paróquia N. S. de Lourdes

de Poá, Estado de São Paulo. Eu e minha esposa, de Mato Grosso do Sul, éramos os únicos que não fazíamos parte dessa comunidade. Até hoje ainda não entendemos como a internet nos permitiu essa invasão paroquial.

No Monte Tabor, montanha no norte da região da Baixa Galileia, onde houve a transfiguração de Cristo, começou o nosso abobalhar histórico-geográfico com os escritos do Evangelho. O Monte Tabor é um monte, com cerca de 660 metros de altura, aonde se chega ao cume por uma estrada íngreme e tortuosa e é vencida somente por carros menores do que um ônibus. Percebemos, lá do alto, o que representou para Jesus, Pedro, Tiago e João, como narra o Evangelho, o esforço físico para alcançarem aquelas alturas. Principia aí também nossa vivência incorporada com a realidade dos escritos de 2000 anos atrás.

Outro monte, o Monte das Beatitudes, onde ocorreu o Sermão da Montanha. Neste local, tivemos uma missa ao ar livre na encosta da elevação, com vista para o Mar da Galileia. Foi um momento de emoção, sobretudo ouvindo a belíssima passagem das Bem-Aventuranças pelo nosso diretor espiritual no local em que foram proclamadas há tantos anos atrás. Éramos confortados por uma amena brisa refrescante, à sombra dos arvoredos, e, vendo abaixo, as águas doces do Mar da Galiléia.

O rio Jordão nos surpreende pelo pouco volume de suas águas e pela mansidão de sua correnteza, diante da responsabilidade que tem de abastecer o Mar da Galiléia e, em seguida, o Mar Morto. Não dá para perceber a direção em que ele corre, pelo menos no local em que o vimos. Ali, nosso Padre entrou nas águas até a canela e, molhando um ramo de oliveira no rio Jordão, aspergiu água sobre cada um de nós, os peregrinos, confirmando nosso batismo. Pelos olhos da fé, e da tradição milenar, foi para nós um ato particularmente inesquecível.

A maior surpresa nos aguardava no encontro com o deserto, nas redondezas do Mar Morto. Nosso imaginário via o deserto como um lugar de areias onduladas pelo vento a se perder de vista. Nada disso, o deserto que estávamos vendo era muito mais agreste. Numa paisagem lunar, era uma sucessão de pedras calcárias, formando elevações

e precipícios colossais. E refletia o calor do sol num dos pontos mais baixos da superfície da terra. O Mar Morto está a cerca de 400 metros abaixo do nível do mar. Estávamos frente a um platô calcário entre as ruínas de um monastério dos essênios, em Qumran. Ali próximo, em 1947, dois pastores beduínos descobriram acidentalmente numa caverna textos bíblicos com cerca de dois mil anos atrás. Provavelmente, o local marca a passagem de São João Batista pelo deserto e, talvez um pouco além, o local onde Jesus jejuou 40 dias, antes de iniciar sua vida pública. Dá para perceber, e sentir na pele, a ambientação desses dias de meditação para o começo de sua missão neste mundo.

Em Ein Karen, também numa elevação, conhecemos o local onde morava Zacarias e Isabel, pais de João Batista. A Igreja da Visitação, projeto do arquiteto italiano Antonio Barluzzi por encomenda do Papa e, como várias outras que assinalam locais sagrados de Israel, foi edificada em 1935, sobre essa casa e sobre as ruínas de uma igreja anterior construída no século IV. Nela existe uma rocha, onde a tradição nos conta que o pequeno João foi aí trancado e escondido durante o Massacre dos Inocentes. Pois bem, lemos no Evangelho de Lucas (1:39-40): “Naqueles dias, levantando-se Maria, foi apressada às montanhas, a uma cidade de Judá, e entrou em casa de Zacarias, e saudou a Isabel”. Pela simples leitura, parece-nos uma visita de Maria, no impulso de um momento de lazer, para visitar sua prima. Outra vez, nosso abobalhar histórico-geográfico: Nazaré dista cerca de 100 quilômetros de Ein Karen. Estradas com aclives e declives acentuados. Ein Karen fica numa elevação respeitável. Como pode realizar, Maria, uma menina-moça, esse trajeto? Certamente acompanhou alguma caravana de mercadores que fazia o trajeto, para não caminhar perigosamente sozinha. Além do mais, já estaria desconfortável nos seus primeiros meses de gravidez. Realmente, aquela foi uma visita com um significado pleno para o futuro mundo cristão.

O Evangelho, na Terra Santa, ganha uma humanidade e uma avaliação de quanto suor e lágrimas foram derramados para escrevê-lo.

Daremos continuidade a essas Impressões de um Peregrino num

segundo artigo. Mas, já podemos adiantar que, à luz da fé, o slogan promocional da visita a Israel, para nós, se tornou realidade: nossa vida nunca mais será a mesma!



## **Rápidas impressões de um peregrino – II**

Conforme me propus no artigo anterior, vamos completar as observações sobre nossa viagem à Terra Santa.

É impressionante a veneração do povo judeu pelo Muro das Lamentações. Esse muro fazia parte da sustentação do Templo de Salomão, destruído no ano 70 A.D. pelos romanos e nunca mais reerguido pelos judeus. Numa referência do Evangelho, nesse local, Jesus, com doze anos, foi encontrado sentado entre os doutores da lei, ouvindo-os e interrogando-os, visto que seus pais o consideravam perdido no caminho de regresso para Nazaré.

Um tapume separa o muro em duas partes para que homens e mulheres, segundo a religião judaica ortodoxa, façam suas orações separadamente. Os homens, com a cabeça coberta, oram, acompanhados por um movimento rítmico do corpo. O guia turístico que nos acompanhava nos explicou que a oração depende de uma energia espiritual e corporal, demonstrada pelo movimento físico. Para eles, o Muro é o santuário mais sagrado do judaísmo. É o lugar mais próximo de Deus. Realmente, forma uma imensa sinagoga estabelecida ao ar livre. O respeito e veneração se tornam evidentes quando eles terminam suas orações. Afastam-se, então, alguns metros do Muro sem lhes dar as costas, e, só depois numa reverência, voltam-se para sair.

As pequenas rachaduras do Muro são preenchidas com pedidos escritos em papéis enroladinhos. Soubemos que eles se referem a pedidos de recuperação de doentes, pela paz em Jerusalém e a vinda do

Messias, pois para eles, o Messias ainda está por vir.

Quando estávamos junto ao Muro das Lamentações, vimos um garoto lendo o Tora durante a cerimônia de seu Bar Mitzvah. Para as crianças judias, é o equivalente à primeira comunhão dos católicos. Representa a passagem para a vida adulta.

O garoto estava cercado por parentes e amigos do lado dos homens. Por cima da cerca, e do lado das mulheres, via-se a cabeça de sua mãe aparecendo, bastante emocionada, acompanhando do seu lugar, mais distante, junto às outras mulheres, a cerimônia do filho.

No último dia de nossa permanência em Jerusalém, estivemos na Via Dolorosa, uma ruazinha estreita e sinuosa, onde Jesus fez sua última caminhada para a condenação e morte na cruz. Acompanhamos, nesse trajeto, a Via Sacra. Em quase todas as estações existe a edificação de uma igreja, identificando o local do acontecimento. As cinco últimas estações, entre elas a da crucifixão, do local da unção do corpo de Jesus descido da cruz, e da tumba do sepultamento, estão no interior da Igreja do Santo Sepulcro. A primeira igreja foi construída em 325 A.D., por ordem do imperador Constantino. Destruída depois pelos persas em 614. Foi reconstruída, e novamente destruída pelo Califa Hakin, em 1009. A igreja atual foi construída em 1149 pelos cruzados.

Jerusalém tem sido objeto de disputas, através dos séculos, de egípcios, assírios, babilônicos, persas, gregos, romanos, bizantinos, árabes, cruzados, mamelucos e otomanos. Nesses acontecimentos, vemos a paz de Jerusalém como um desejo da humanidade através da história.

Jerusalém centraliza três correntes religiosas monoteístas que a consideram terra sagrada: o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo.

Como conclusão final, podemos dizer que a peregrinação à Terra Santa, visitando os lugares onde Jesus andou, nos dá uma visão mais clara dos escritos dos Evangelhos. Conhecendo o deserto, as cidades de Nazaré, Belém, Cana, Cafarnaum, e principalmente Jerusalém, vamos aprofundando nossos conhecimentos no roteiro da fé. E a impressão da presença quase física de Cristo vai se acentuando.

As águas do rio Jordão, do Mar Morto, e, sobretudo, do Mar da Galiléia nos incitam a volver ao passado bíblico.

Temos que concordar com a propaganda oficial do Ministério do Turismo de Israel: depois dessa visita, nossa vida nunca mais será a mesma.



## RAQUEL NAVEIRA

*Nasceu em Campo Grande (MS). Professora universitária. Formada em Direito. Autora de numerosas obras (quase todas de poesia), dentre as quais: Via Sacra, Fiandeira, Guerra entre irmãos, Abadia, Samaritana, Maria Madalena, Casa de Tecla, Senhora, Casa e Castelo. É membro do PEN Clube do Brasil. Ocupa a cadeira n. 8 da ASL*



### Panambi

O casulo guarda um terno segredo: o da vida que se transforma. Um dia, sob o sol de primavera, ele explode no êxtase de uma borboleta.

São graciosas e ligeiras as borboletas. Um prodígio as suas asas, misto de flor e fímbrias. Os seus corpos, misto de lava e líquidos.

Na fazenda, quando íamos tomar banho no córrego, nos monturos de lama pisoteados pelos cascos dos cavalos, pousavam enxames de borboletas: o panapaná. Panapaná é o coletivo de borboleta. Uma nuvem interminável delas, geralmente amarelas, flamejantes. Sorvem os sais da lama do brejo, num desassossego próprio de seres que não se cansam. Formam uma onda, um caudal de pétalas, de espíritos viajantes. Esvoaçam como almas saídas de estranhas moradas.

\*

Em Campo Grande, minha cidade ao sul de Mato Grosso, no Museu do Índio, há uma das maiores coleções de borboletas do mundo. Todas classificadas por seus nomes científicos, embalsamadas, asfixiadas nos armários, espetadas por invisíveis alfinetes. Das mais variadas cores, tamanhos e formatos: alaranjadas, púrpuras, azuis, grandes e pequenas, estateladas nos túmulos de vidro. Quando criança, eu ficava fascinada

e desejava pegá-las entre os dedos e soprar-lhes um novo ar, um novo frêmito de vida. Imaginava vê-las voando pelas salas sombrias do museu até alcançarem o céu da liberdade.

\*

Lembrei-me de um filme assustador que marcou minha geração: *O Colecionador*. Era a história de um rapaz solitário, que em sua loucura por uma mulher, aprisiona-a no porão de sua casa. Segundo o crítico de cinema Lúcio Mazzaro, “é na tentativa desse rapaz de criar um vínculo afetivo com a moça que se tem uma das maiores ilustrações sobre a deterioração de um relacionamento pela incapacidade de se conceber o Outro.”

Freddy sequestra Miranda Grey visando demonstrar seu amor por ela e ser correspondido. Freddy, por imaturidade de caráter, não percebe a destruição que provoca no objeto amado.

A única relação afetiva de Freddy é o amor por sua coleção de borboletas e é nesta mesma sintonia que dar-se-á sua relação com Miranda. Enclausurada no porão, a moça vive como uma de suas borboletas, desenhando, colorindo o seu “casulo”, sob o olhar de seu “dono” que a veste e alimenta. Por um momento, a moça tenta acariciá-lo, mas isso representa uma afronta à “pureza” que ele almeja.

Miranda se anula totalmente, debate-se, define e morre. Morta, torna-se um objeto sem essência. Freddy, como um colecionador, parte em busca de uma nova borboleta. Borboleta: emblema da mulher, menina alada.

\*

Quando ia para o sítio de meus tios Anita e Pila, que ficava em Bela Vista, fronteira do Paraguai, ouvia as pessoas se comunicarem em guarani, essa língua nativa pré-colombiana, que se fala no centro da América do Sul. Ramona, paraguaia de longos cabelos pretos, presos na nuca, explicou-me:

\_Panambi significa ‘borboleta’. Panambi moroty: borboleta branca; panambi ura: borboleta da noite; panambi verá: borboleta brilhante.

E depois pegava um disquinho compacto e colocava na vitrola. Era a guarânia “Panambi Verá”:

*Panambi che raperãme  
reserva rejeroky  
nde pepo Kuarahy  
ã me tamora e añeñoty.*

Ramona vibrava, o corpo embalado pelos som das harpas.

\_Tudo é harmônico nessa música. É uma canção perfeita, belíssima, entende?

E o que queria dizer a letra? Ela traduzia:

\_ Que a borboleta brilhante, de asas douradas, doce e terna, convida a alma ao sossego. Que o seu nome é como mel silvestre na garganta. Que a mariposa passa pelo nosso caminho, bailando e, ao persegui-la, entramos num bosque cheio de espinhos. A alma se alegra em segui-la, mas as mãos sangram.

Eu então fechava os olhos e repetia entre lágrimas:

\_*Panambi moroty, panambi ura, panambi verá.*

\*

O romance-símbolo de Mato Grosso do Sul, *Inocência*, de Visconde de Taunay, publicado em 1872, conta a história do amor contrariado entre Inocência, “donzela de fascinadora beleza” e Cirino, um curandeiro viajante. Cirino é morto pelo rival, Manecão, a quem Inocência era prometida em casamento. Inocência, depois de dois anos, também morre de saudade e melancolia. Na fazenda de Pereira, pai da moça, estava presente um cientista alemão, Meyer, naturalista à procura de borboletas. O alemão descobre uma nova e deslumbrante borboleta que ele denomina de *Papilio Innocentiae*, em homenagem à moça tão bela e infeliz.

*Inocência* apresenta paisagens, tipos e costumes do sertão sul-mato-grossense. Inspirei-me nele:

Sertão bruto,  
Infinito,  
Desafio para o espírito;  
Era ali,  
Naquele mar de verde pasto,  
Que vivia Inocência,  
Com sua beleza doente,  
Seu jeito esquisito  
De feiticeira do mato.

Era ali,  
Entre laranjais  
De flores brancas e perfumadas,  
Bem próxima ao córrego,  
Que ficava sua tapera;  
Na noite escura  
Apenas uma vela de sebo  
Iluminava o canapé de taquara  
Onde ela se recostava  
Num silêncio de espera.

Era ali  
Que seu pai,  
Com desconfiança,  
Percebendo que a filha  
Já não era criança,  
Até nas coisas seguras  
Temia a desgraça.  
Era ali  
Que Tico,  
O anão sinistro,

Barqueiro apaixonado,  
Tudo observava  
Com olhos de fogo,  
Pequeno demonico.

Um dia  
Apareceu Cirino,  
O médico,  
O doutor,  
Pronto a curar com quina  
E leite de jaracatiá,  
Inocência entregou a ele  
Sua febre  
Sua sina  
Sua fome de amar.

Havia Manecão,  
O noivo ausente,  
A aliança,  
A promessa,  
A honra,  
A palavra empenhada;  
Com Cirino  
Era a culpa,  
O desejo  
E os encontros na madrugada.

Como romper valores  
De um mundo cruel e atrasado?  
Aos amantes restou a morte,  
Total libertação.

Meyer, um naturalista

Que caçava insetos,  
Viu em Inocência  
Uma alma,  
Uma essência,  
Um ser com tão pouca consciência de si  
E, ao mesmo tempo,  
Tão cheia de resistência,  
Que resolveu,  
Para o bem da ciência,  
Para vencer tanta dor e intransigência,  
Tanta falta de clemência  
E para que essa história tivesse permanência,  
Batizar de *Papillio Inocentia*  
Uma borboleta,  
Aquela...ali, pousada  
Sobre o azul de uma hortênsia.

\*

Bor-bo-le-ta. Uma palavra que parece ter asas. Como diria Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, um colecionador de palavras, “definir uma palavra é capturar uma borboleta no ar.”



## Quarto de artista

Na Bíblia aparece uma mulher sem nome, que morava em Suném, por isso era chamada de “sunamita”. Era rica e importante e tinha um coração sensível. Percebeu que Eliseu não era uma pessoa comum, era um profeta, alguém especial sobre quem estava a presença do Espíri-

to Santo. Disse então a seu marido : “ \_ Eis que tenho observado que este homem que passa sempre por nós é um santo homem de Deus.// Façamos-lhe, pois, um pequeno quarto junto ao muro e ali lhe ponhamos uma cama, e uma mesa, e um candeeiro, e há de ser que, vindo ele a nós, para ali se retirará.” (2 Reis, 4,11-19).

Eliseu se sentiu confortável ao se hospedar naquele quarto exclusivamente preparado para ele. Ali havia o leito para o repouso, a cadeira e a mesa onde o profeta poderia fazer uma refeição frugal, escrever suas cartas e ler mensagens à luz de uma lamparina. E tudo junto a um muro forte, de arrimo e sustento.

\*

O artista precisa de um quarto, de um lugar trancado a chave, onde possa produzir, libertar a mente para criar sua obra.

Lembrei-me de Van Gogh, o genial pintor impressionista, que em vida experimentou o fracasso e a rejeição. Em 1888 deixou Paris, mudando para o sul da França, onde encontrou um pouco de estabilidade em Arles. Foi ali, quando estava esperando seu amigo, Paul Gauguin, com quem posteriormente se desentendeu, que pintou o quadro “Quarto do Artista em Arles”.

Um quadro tão lindo. Seu próprio ser interior. Um lugar de refúgio. O ventre materno. A janela entreaberta, mas fechada ao mundo exterior por uma densa persiana. A mesa de madeira com vários objetos: jarra de água, copo, escovas. A “cadeira da felicidade”, pintada de amarelo, cor da luz solar. A cama rústica de camponês, onde ele morreu algum tempo depois. A cobertura de um vermelho vivo que anima o clima do quadro. As paredes lilases, quase azuis, que fazem contraste com o amarelo. Os retratos acima da cama: um autorretrato, o retrato de uma moça e uma gravura japonesa sobre a cabeceira. Faltou o candeeiro, mas certamente as garrafas serviam de castiçais para velas brancas.

Em carta para Theo, Van Gogh escreveu sobre sua intenção como artista: “ \_Desta vez é apenas e simplesmente o meu quarto, só aqui a cor

deve fazer tudo e, por sua simplificação, dar um estilo mais grandioso às coisas; aqui ela deve sugerir o descanso e o sono. Resumindo, olhar para este quadro deve descansar a mente, ou melhor, a imaginação.”

Recuperado de um colapso nervoso, Van Gogh afirmou: “\_Quando vi minhas telas de novo após minha doença, a que me pareceu melhor foi ‘O Quarto’”.

Felizmente, assim como o profeta Eliseu contou com a generosidade da mulher sunamita, Van Gogh teve tintas e um quarto para se abrigar, graças a Theo, seu fiel irmão.

\*

Virgínia Woolf, a escritora londrina nascida em 1882, dona de personalidade complexa, que alterava momentos de euforia e alegria com outros de profunda depressão, escreveu o romance *O Quarto de Jacob*. O personagem foi inspirado no seu irmão Jacob Flanders, que morreu muito jovem. Uma personagem que se expressa através do silêncio. Inspirada nesse livro, Vanessa Bell, também irmã de Virgínia, pintou um quadro que nos remete ao aposento de Jacob: o rapaz sentado numa cadeira, sendo observado por uma mulher, estante de livros aos fundos.

Virgínia escreveu ainda um ensaio intitulado “Um teto todo seu”, onde afirma que é necessário para uma mulher escrever ficção, um espaço todo seu, um teto. Ali a mulher escreveria sobre qualquer assunto de forma livre, revelando seu potencial.

\*

Passava pelo centro de São Paulo, em frente à Faculdade de Direito, quando vi o busto do poeta Álvares de Azevedo. Saudei-o com admiração e compaixão. Um mendigo dormia rente ao pedestal de mármore, pobre homem. Pobre poeta romântico, influenciado por Byron e seu mundo sombrio, apresentou em sua obra as características fundamentais e sofridas do mal-do-século. Seus temas foram a dúvida,

o amor, a morte. Embora tenha morrido aos vinte anos e seus versos constituam drama adolescente entre desejos e frustrações, vontades e decepções, escreveu poesia de alto nível. No longo poema “Lira dos Vinte Anos”, de 1853, encontramos primeiramente uma epígrafe de Lamartine: “La chaise où je m’assieds, la natte où je me couche, // La table où je t’écris...” (A cadeira onde me sento, a colcha sob a qual me deito, // A mesa de onde te escrevo...). O poema vai retratando o seu quarto de poeta, o seu leito, como no canto XI: “Junto do leito meus poemas dormem, // - O Dante, a Bíblia, Shakespeare e Byron / Na mesa confundidos. Junto deles / Meu velho candeeiro se espreguiça / E parece pedir a formatura.” A formatura lá na faculdade do centro, pensei. E finaliza no canto XIV: “... Eu me esquecia: / Faz-se noite: traz fogo e dois charutos, / E na mesa de estudo / Acende a lâmpada.”

\*

O meu também é quarto de artista. Nele me trancafió. Sento-me numa cadeira tão firme quanto aquela que o primeiro homem sentou num tronco qualquer da floresta imemorial. À minha frente uma mesa como aquela em que se assentaram os filósofos comensais de *O Banquete*, de Platão; os discípulos na Santa Ceia; os cavaleiros do rei Artur, antes de partirem em busca do cálice do Graal. Uma mesa, simples escrivadinha. Sobre ela coloquei um abajur de luz forte, alaranjada, pois gosto de tudo muito claro. Alguns livros confundidos, como diria Álvares de Azevedo, que podem ser de Virgílio, os evangelhos, os poetas franceses e brasileiros. Capas e miolos abertos. É nesse quarto que vivo com intensidade aquilo que sou: - uma mente estudiosa e cheia de sede como uma gazela.

A criação intelectual provém da criação carnal, como explicou Rilke. É da mesma essência, é uma repetição enlevada e eterna da volúpia do corpo. Sendo assim, há um clima de paixão e noites de amor no meu quarto.

Exulto de alegria: tenho um teto, um espaço todo meu. Abro a

porta com esforço para encontrar brecha no difícil cotidiano. Penetro na clareira do bosque. Vejo uma fonte, no meio do meu quarto.



## **Ouro sobre azul: Fortuna Crítica** **Do livro ‘Voo de Polens’, de Rubenio Marcelo**

O livro ‘*Voo de Polens*’ de Rubenio Marcelo, ouro sobre azul, capa luminosa de girassol cheio de pétalas e letras, alcançou excelente fortuna crítica.

Adélia Menegazzo, professora e estudiosa de Teoria da Literatura, da UFMS, escreveu: “... Rubenio Marcelo confirma sua fidelidade à tradição da poética clássica, com suas odes e sonetos, o que não impede o diálogo com o presente na variedade de temas que vai desde a relação amorosa com suas ‘musas’, ao afeto do poeta dedicado à cidade, até a metalinguagem no “sonambulismo de um soneto”. *Voo de polens* põe em cena não apenas a vivência do poeta, mas o cuidado e o dinamismo com que realiza este exercício com a palavra.”

O poeta Geraldo Ramon Pereira considera Rubenio Marcelo um dos mais completos escritores da atualidade brasileira, seja como prosador ou como poeta – cujas qualidades e virtudes pessoais instam em projetá-lo no concerto da Literatura contemporânea universal.

O professor Paulo Nolasco reconhece que Rubenio Marcelo é um intelectual “devotado às Letras, à produção literária em especial”, e que “há que destacar sua trajetória poemática de ardente radicalidade de sentimentos, reunindo-se numa comovente ética da escrita, mediante a qual vem com este seu novo livro ampliar e criptografar seu gesto criador...”.

O escritor Abílio de Barros notou que Rubenio “conhece o porto

dos estios e o destino das pedras. Consegue ver as pálpebras do eterno e plenitudes brotando. Conhece a intimidade lúcida do silêncio e seu oceano mastiga o sal. Não é louco, é poeta, arquiteto de metáforas no *Voo de Polens*.”

Américo Calheiros, Presidente da FCMS, considera Rubenio um “escritor sofisticado, de privilegiada inspiração, que passeia, de forma magistral, pelos mais distintos temas, mantendo sua excelência criativa e apurada erudição.”

A professora Maria da Glória Sá Rosa, mestra formadora de espíritos, constata que os novos poemas de Rubenio Marcelo “São criações trabalhadas com o frescor da inovação, a partir de instrumental teórico, resultado da abordagem crítica com que interpreta o universo onde cabem todos os assuntos, todas as inovações. O jogo das oposições, a construção de metáforas, a força do intimismo lírico convivem com a presença da infância, do apego às raízes nordestinas, em que lembranças escorrem do *vídeo tape* da memória ao som de blues e canções sertanejas”.

O jornalista/escritor José Pedro Frazão diz que “a poesia de Rubenio Marcelo poliniza a seara das artes... Seus versos fecundam sensações líricas, crítica social e clamores do existencialismo, num jogo semântico que se reconstrói a cada poema”.

A cronista Lucilene Machado percebeu que “a poesia de Rubenio Marcelo realiza-se pelo olhar, pela sensibilidade, pela escrita. Entre a forma e a leitura do mundo, o poeta desdobra e equaciona as indagações humanas numa estrutura formalmente clássica e tematicamente inconformista”.

E muitos outros confrades, professores, escritores e críticos de arte escreveram suas impressões sobre *Voo de Polens*, como Paulo Corrêa de Oliveira, Guimarães Rocha, Valmir Batista Corrêa, Reginaldo Araújo, Heliophar Serra, Ronaldo Cunha Lima, José Fernandes, Antônio Miranda, Hélio Moreira, Renato Toniasso, David Cardoso, Damião Cavalcanti, Fernando Cunha Lima, Lílian Maia, Albana Xavier Nogueira, Gilca Palma, Rafael Zambrano, Ari Florentino, Marli Franco, Marco Bastos,

Darci Cunha, Vilma Piva, Eric Dayan, Nieves Álvarez Martín, Benny Franklin e Cristino Vidal Benavente, mostrando o quanto Rubenio valoriza a troca intelectual, o quanto é querido, articulado, conectado com pessoas da cena artística do Brasil e do mundo.

Chamo a atenção para a veia simbolista e para o tom grave de Rubenio Marcelo, que apresenta uma poesia que é flor e semente, uma poesia que busca a luz, pois, para ele, é preciso que brote “A luz àquele que sabe ser luz!”. De olhar altivo, às vezes tímido como um girassol solitário, o poeta busca no jogo da vida uma saída, “envolto em espinhos e roseiras”. Segue acreditando na magia do amor, nos versos que marcam como tatuagens, nas lembranças da infância que o fazem cair “nos braços calejados da saudade”. O *Voo de Polens* se derrama fecundo sobre terras e plantas do sul de Mato Grosso, entre passeios por avenidas e rios de camalotes, pois o poeta é como “estame de flor” neste cerrado.

Costurei e trago a público esta honrosa fortuna crítica de ‘*Voo de Polens*’ com fios de ouro sobre azul e pétalas de girassol, flor melancólica e lúcida, que mais simboliza o ofício do poeta.



## Visão de Angola

a Agostinho Neto

Vejo Angola  
Da janela do avião:  
Uma barcarola  
No mar de Benguela,  
A água lilás,

Guardiã da sabedoria,  
Divide em ondas-  
A guerra de um lado  
E de outro, a harmonia.

Vejo Angola  
Da janela do avião:  
Uma casinhola,  
A amoreira gigante  
Onde enterrei a pistola  
Com a qual me mataria.

Vejo Angola  
Da janela do avião:  
Tão verde,  
Tão sagrada,  
Nem parece que presenciei a degola,  
O combate,  
A afirmação de nacionalidade,  
O canto dos poetas  
Exigindo liberdade  
Nas cordas da viola.

Vejo Angola  
Da janela do avião:  
Angola, minha escola,  
Meu espaço de luta,  
Minha infância crioula,  
Mestiça,  
Filho de português e africana.

Não pintarei mais meu corpo de tacula,  
Não ouvirei mais o tam-tam dos tambores,

Não tocarei a pele dos antílopes,  
Não comemorarei ritos de passagem,  
Não seguirei as abelhas do dia,  
Nem penetrarei nas florestas de lianas.

Angola,  
Da janela do avião,  
Rola  
Como um filme  
No fundo das minhas retinas.

## **Professor em Timor-Leste**

Bem-vindo, professor,  
Às terras de Timor-Leste,  
Este gigantesco crocodilo  
Transformado em ilha,  
Cravado na Ásia com seu couro verde  
E olhos de fogo celeste.

Bem-vindo, professor,  
Há séculos  
Falamos português,  
Língua perfumada como o sândalo,  
Também o tétum  
E outros dialetos,  
Mas nosso afeto  
É o português.

Estranho, não é mesmo professor?  
Essa arcaica lealdade ao colonialista,  
Esse latim salpicado

Pelas folhas das palmeiras,  
Colhido nos cestos  
Com a cera das abelhas,  
Mas essa língua é nossa identidade,  
Nossa sede de comunicação,  
Nosso labor.

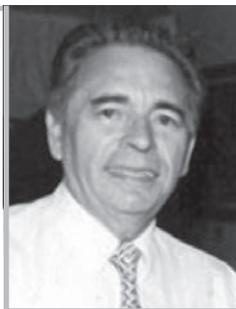
Tão longe Lisboa,  
Tão perto a Indonésia,  
Mas nosso inconsciente está lá  
Em Portugal, professor,  
Não comemos o prato de lentilhas  
Que os indonésios nos deram,  
Não tememos o seu poder desordenado  
E conquistador.

Pagamos muito caro a rebeldia, professor,  
Milhares dos nossos foram separados da família,  
Colocados à força em caminhões,  
Assassinados,  
Nossas florestas queimaram  
Em ondas de *napalm*,  
Não restou nada,  
Nem uma única flor.  
O senhor é do Brasil, professor,  
Bem-vindo,  
Veio nos ajudar,  
Sei que tem espírito formador,  
Junte tudo:  
Nossa dor e poesia,  
Nossos totens e utopias,  
Façamos uma ponte entre nós,  
Em português.





## **REGINALDO ALVES DE ARAÚJO**



*Natural de Itabaiana (PB), nasceu em 1946. Professor e presidente da Associação dos Novos Escritores de MS e fundador do Jornal Arauto. Dentre suas obras destacam-se: “Saga Pantaneira”, “Futebol - Uma Fantástica Paixão”, “Futebol Campo-Grandense”, “O Paladino do Pantanal” e “Águas do Povo”. Ocupa a cadeira nº 21 da Academia, da qual é o atual presidente.*

### **Memórias... E outras histórias (Um primoroso livro que conta a vida do autor engastada em nossas tradições regionais)**

Os seres humanos conseguem valor e dignidade pelas múltiplas decisões que tomam diariamente. Essas decisões exigem coragem. Paul Tillich diz “que a coragem é antológica” – é essencial ao “ser humano”. Num outro trecho de seus escritos ele afirma que “expressamos a nossa existência criando”. Posso completar dizendo que a criatividade é a sequência natural do ser.

Quem desperta para a arte de escrever é chamado a realizar algo novo, palpitante e repleto de criatividade. Foi isso que fez o fluente escritor, grata revelação da pujante literatura Sul-Mato-Grossense Oswaldo Barbosa de Almeida ao presentear o público leitor brasileiro com este maravilhoso “MEMÓRIAS... E OUTRAS HISTÓRIAS”, notável pedacinho da história de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

A magistral importância desta obra não se afirma na detalhada biografia do autor, ainda que sintética, mas nas cenas que se desenvolvem descritas de forma primorosa, além de se preconizar um ato de louvor às

pessoas que se movimentam em lances antológicos nas cidades de Coxim, Camapuã e Campo Grande, injetando, numa mensagem segura, o gosto pelo telúrico, pelo folclore, pelo mito, pela tradição e pelo costume Sul-Mato-Grossense, num exercício perfeito de uma gente decente e ordeira.

Debutando na literatura do estado, aplaudido articulista do Jornal Correio do Estado, Oswaldo Barbosa de Almeida escreve com limpidez, numa linguagem bem arejada e com uma sonoridade que, de modo algum, sacrifica a verdade, denodado cavaleiro da pena, distinto e de atitudes éticas, nobres e elevadas. Surpreende em momentos informais, em que deixa transparecer a cordialidade, o bom humor e o tesouro do afeto, que refletem os traços característicos de sua personalidade.

“MEMÓRIAS... E OUTRAS HISTÓRIAS” é, indubitavelmente, um relato impressionante retratando a luta do cotidiano, o acento profundo da determinação, as alegrias, as tristezas, as vitórias e as derrotas de um moço ousado nas luminosas conquistas e na honradez de propósitos elevados. O autor soube, com admirável acuidade, selecionar, com sabedoria, inúmeras informações históricas, aquelas que, metodicamente organizadas, reconstituíssem a trajetória esplendorosa dele e de grupos distintos do povo sul-mato-grossense.

Ponho fé que Oswaldo Barbosa de Almeida não tem a pretensão de que estas primorosas páginas sejam uma obra literária acabada. Há muito ainda a aprender e ensinar sobre o assunto em voga. Felicito o autor pela demonstração de coragem, arrojo e extrema dedicação com que se houve na realização deste trabalho. Creio mesmo que, pelo que se percebe, não tardará o autor a nos presentear com outra obra, pois esta que você passará a ler é, indiscutivelmente, digna de aplausos, de ser lida e admirada.



## **Copeu: o maior goleador do E. C. Comercial**

Carlos Cidreira, o COPEU, nasceu no dia 26 de setembro de 1943, no bairro Pau Miúdo, na histórica cidade de Salvador, capital do Estado da Bahia. Aprendeu as primeiras letras no Centro Educacional José Carneiro Ribeiro do bairro Pau Miúdo, permanecendo ali até concluir o curso fundamental. O 2º grau cursou no concorrido Colégio Estadual do Pelourinho.

Menino pobre, de um só calção, jogava pelada o dia inteiro no campinho de Pau Miúdo. Foi exatamente numa das acirradas peladas que, em tom de brincadeira, Valter, um dos moradores do bairro e admirador do futebol do garoto, o chamou de “Copeu”, apelido que pegou e o acompanhou na sua esplêndida jornada vitoriosa no futebol brasileiro. Aos 15 anos disputou o campeonato amador de Pau Miúdo, pelo Guarani F.C., destacando-se como artilheiro do certame, marcando 18 gols.

Dono de uma velocidade espantosa, atuando na meia direita, Copeu logo foi descoberto pelo técnico do Botafogo, cuja sede situava-se na Praia de Itapuã, e treinavam no campo do quartel da Polícia Militar do Estado. No primeiro treino fez dois gols e, de imediato, com apenas 17 anos, assinou, através de procuração, o seu primeiro contrato como jogador profissional de futebol. Seis meses depois, já artilheiro do time, recebeu o convite para treinar na Sociedade Esportiva Palmeiras da cidade de São Paulo, através do Treinador Edmundo Abidu Bissussy, que viera treinar o Botafogo.

Assim, aos 18 anos, foi contratado para atuar na meia direita do Verdão do Parque Antártica, ao lado de craques como Ademir da Guia, Dudu, Valdir, Djalma Santos, Tupanzinho e Rinaldo. No ano de 1965 o São Bento de Sorocaba comprou o seu passe, cujo treinador era o renomado Wilson Francisco Alves que, eufórico com as arrancadas velozes de Copeu, o colocou na ponta direita, posição que deu resultados surpreendentes, principalmente porque os gols, vindos de seus chutes, aumentaram consideravelmente. Com a evolução de seu futebol,

Copeu, considerado nesse ano o melhor ponta direita do Campeonato Paulista, foi contratado, por empréstimo, pelo poderoso Santos F.C., passando a jogar ao lado de Pelé, o “Rei do Futebol”.

Acabando o empréstimo, em 1968, retornou ao São Bento de Sorocaba, sendo, após uma temporada brilhante, campeão do interior do Estado de São Paulo. Em decorrência de seus gols, pois foi um dos artilheiros do certame, a Sociedade Esportiva Palmeiras outra vez o comprou para a temporada de 1969, no finzinho desse ano, tendo como treinador o famoso Rubens Minelli. Jogando ao lado dos craques Dudu, Antunes, Ademir da Guia, Chicão, Baldochi, Eurico, Serginho e Leão, conquistou o cobiçado título de campeão do Campeonato Brasileiro de Futebol, ganhando na final, do Botafogo de Futebol e Regatas do Rio de Janeiro. Após a histórica vitória Copeu foi convocado para a seleção Brasileira de Futebol, pelo técnico Oswaldo Brandão, e, outra vez, teve o privilégio de formar a linha de frente com Pelé, em dois jogos contra a forte seleção paraguaia, vencendo o 1º por 4x0, perdendo o 2º por 1x0. Ali, além de Pelé, fez tabelinha com Rivelino, Edu, Carlos Alberto Torres, e outros famosos.

No ano de 1971 foi contratado para jogar no Sporte Clube do Recife, onde, como um dos artilheiros, comemorou o título de vice-campeão pernambucano. Em 1972 disputou o Campeonato Paraense de Futebol, pelo Clube do Remo do Pará, ganhando o vice-campeonato. Em 1973, foi favorecido com o passe livre e, recebendo o convite do E.C. Comercial de Campo Grande (MS), através da intermediação do craque Gonçalves, veio defender as cores do “Vermelhinho”.

Foram seis anos de sucesso. Neste período Copeu marcou 78 gols, transformando-se no maior goleador, de todos os tempos, da história do Sporte Clube Comercial de Campo Grande. Como jogador foi campeão em 1975 pelo “Vermelhinho” e, como técnico do Colorado, venceu muitos clássicos “comerários”. Também assumiu a direção técnica do C.A Douradense e Ubiratan F.C. (ambos de Dourados-MS), times de Naviraí (MS) e Nova Andradina (MS), encerrando a carreira como treinador no E.C. Comercial.

Atualmente é funcionário do Rádio Clube de Campo Grande, atuando como professor da Escolinha de Futebol do Clube.



## **Tachinha's - craque de brilho no futebol e no salonismo de MS**

Campo Grande foi berço de nascimento de Valmir da Costa Flores, no dia 25 de Abril de 1943, garoto esperto, inquieto, dotado de rara inteligência com bola nos pés, conhecido e aplaudido na imprensa esportiva campo-grandense com o apelido carinhoso de TACHINHA. Jogador que, por onde passou, faturou títulos, tanto no futebol de campo como no FUTSAL de Mato Grosso do Sul entre as décadas de 1960 e 1970.

As primeiras letras aprendeu no Externato São Francisco, transferindo-se para o concorrido Colégio Dom Bosco dos padres salesianos onde, com aplicação, concluiu o ginásio. O 2º grau cursou no Colégio Estadual da Guanabara, no Rio de Janeiro.

Menino de tudo, brincalhão e bom camarada, fez do futebol sua maior diversão. Jogava pelada, com a gurizada, num campinho improvisado na Rua Sete de Setembro, entre as Ruas João Crippa e José Antônio; sua paixão era tão forte pelo futebol que, além de jogar sem parar, fundou o time de futebol chamado Sete de Setembro F.C., com sede no centro de Campo Grande. Ganhou vários títulos de Campeonato Juvenil da cidade, sendo inclusive um dos artilheiros da competição no ano de 1963.

Jogando o fino da bola, meia armador por excelência, aos 18 anos passou a jogar no timaço do ASAS F. C., da Base Aérea de Campo Grande, conquistando, invicto, o Campeonato da LEMC ( Liga Esportiva Municipal Campo-Grandense ), em 1964. Com 20 anos incompletos seguia para o Rio de Janeiro onde fez teste e jogou no juvenil do Clube

Regatas do Flamengo, atuando ao lado do famoso Fio Maravilha.

De volta a Campo Grande, em 1965, o técnico Arlindo Caldas o levou para defender as cores do E. C. Comercial de Campo Grande. Com brilhantes atuações, atuando como meia ponta de lança, Tachinha não só fez belos gols como também levantou a Taça de campeão do campeonato da LEMC da temporada. Dois anos depois, envergando a jaqueta gloriosa do Operário Futebol Clube, sagrou-se campeão e artilheiro do certame ( 1967 ).

No ano de 1971 encerrou a carreira de craque do futebol de campo jogando pelo ADU ( Associação Desportiva Universitária ). No final desse ano aceitou a proposta de jogar futsal na disputa do campeonato da Cidade atuando pelo OSHIRO FUTSAL onde, aplaudidíssimo, faturou 4 títulos da competição. Para a alegria dos amantes do salonismo Tachinha fundou o TACHINHA'S FUTSAL, agremiação que ficou famosa pelas memoráveis conquistas entre os anos de 1978 e a 1981 sendo, de forma luminosa, campeão várias vezes da tradicional Copa Morena de Futsal e outro tanto da Copa Canarinho de Futsal no Estado de Mato Grosso do Sul.

Encerrando a carreira como atleta, feliz da vida, TACHINHA transformou-se no ardoroso defensor do futebol de Mato Grosso do Sul e como desportista, agora aposentado, vibra com as conquistas da prática esportiva de sua querida Campo Grande.



## **Serginho – craque de toque refinado do futsal de MS**

Cinco de fevereiro de 1964 é a data do nascimento de Mário Sérgio Monção, uma das maiores expressões da luminosa história do Futsal do estado de Mato Grosso do Sul, conhecido por todos e pela imprensa

local como simplesmente SERGINHO. Teve como berço a bela cidade de Campo Grande.

Aprendeu as primeiras letras na Escola Municipal Padre José de Anchieta (Vila Planalto). O ginásio foi feito no Colégio Guia Lopes, avançando nessa instituição até a conclusão do 2º grau.

Ainda criança sentiu uma paixão intensa pelo futebol ao ponto de, com a meninada da Rua Benjamim Constante (Vila Planalto), limpar com enxadas e gadanhos terrenos baldios para as tradicionais peladas, que só paravam ao esconder do sol. Ele mesmo, com o amigo Tota, atual proprietário da Peixaria Coxinense, fundaram o E. C. Minerva que, bem treinado, faturou o título de campeão do Campeonato Comunitário dos Bairros e, em 1981, já estruturado, disputou a famosa Copa Morena de Futsal. Aos 17 anos atuou nas juvenis do E. C. Comercial e juvenil do Operário F. C. de Campo Grande.

Em 1982, fazendo muitos gols e servindo aos companheiros, foi chamado para atuar no bom time da Gráfica Amada, de Francisco Cesário, atual presidente da Federação de Futebol de MS, ganhando título de campeão do Campeonato Metropolitano de Futsal, da Copa Canarinho de Futsal e do Campeonato da Cidade de Rio Negro (MS). Transferiu-se, em 1985, para a briosa equipe do Kanguru Futsal, destacando-se como craque e responsável pelas estrondosas conquistas de tricampeão estadual de Futsal, tricampeão da Copa Morena, tricampeão da Copa Canarinho de Futsal, tricampeão do Campeonato Metropolitano de Futsal de MS, tricampeão da Copa Primavera, tricampeão do Campeonato do Sesc Futsal e da Copa Mace de Futsal.

Nesse período consagrou-se ao ser convocado para a Seleção de Futsal de MS, disputando o Campeonato Brasileiro de Futsal, na cidade de Caxias do Sul (RS). Pertenceu a elite do FUTSAL (Seleção de Futsal de MS) por 4 anos consecutivos.

Em 1989, eufórico, recebeu o convite para jogar no glorioso time do Perdigão, de Videira (SC), na época o mais famoso time de Futsal do Brasil.

Contratado pela forte equipe de Futsal Refrigeração Paulista, encheu-se de glória ao conquistar por dois anos consecutivos todos os títulos disponíveis da modalidade Futsal do Estado de MS.

Serginho, no dizer de críticos e jornalistas esportivos, possuía um talento quase que inigualável. Dono de uma habilidade impressionante com a bola nos pés, era versátil, de toque refinado e de tiro certeiro.

Em 1992, além de conquistar o bicampeonato da Copa Morena atuando pelo Mixto Futsal de Cuiabá, faturou inúmeros títulos jogando pelo inesquecível time da Drogaria do Lázaro Futsal, dentre eles foi tricampeão da Copa Canarinho de Futsal, Metropolitano, Copa Primavera, Campeonato do SESC e tricampeão da Copa Independente da Cidade de Aquidauana (MS). Em 1995, já na equipe do ASE (colégio), conquistou todas as taças em dois anos de atividades nessa equipe e, para cobrir de glória a carreira, em 1997, foi campeão da Copa dos Campeões, jogando pelo ABC Futsal, onde aplaudido, encerrou a sua luminosa carreira de “Craque do Futsal de MS”.

Serginho é detentor de 160 medalhas e troféus das memoráveis conquistas no salonismo de Mato Grosso do Sul.

Segundo ele, foi essa época a mais fulgurante de sua vida, que o marcou para sempre.

Atualmente, administra a *Casa dos Colchões*, na rua D. Aquino, esquina com a Avenida Ernesto Geisel, na cidade de Campo Grande.



## Mãe – minha estrela

Acordei neste sábado de maio, véspera do “Dia das Mães”, cheio de cantigas, como um mineiro. A mais distante cantava assim: “Dorme, dorme, meu filhinho...”.

Era aquela voz bem querida que me embalava, lá, longe... Uma sombra de bondade pousou em mim. As lembranças são sempre novas. Param no tempo. Têm a idade que tenho.

Murmuro esse nome num excesso de reza, como se estivesse beijando: - Mãe... nome maior que a vida. Amélia, a primeira mulher a quem chamei minha mãe.

Carícia que volta com uma doçura de eternidade:

- Meu filhinho... meu filhinho...

Esqueci a rede (berço). Não esqueci o colo.

Quando cai doente, prometeu que me dava o que eu quisesse.

- Eu queria uma estrela, aquela grandona, sozinha, em cima do Rio Paraíba...

- É sua. Um dia, vou buscá-la para você.

Morreu tão depressa! Com certeza foi buscar a minha estrela. Foi. A saudade de minha mãe é a minha estrela, aquela grandona, sozinha, em cima do Rio Paraíba.

Hoje, ainda hoje, assim, aos 65 anos, penso nela, e sou ainda o mesmo menino, com saudade de ser embalado.

Falou a pureza de um menino simples, ingênuo e de boa vontade.

A saudade tem sempre uma forma visível, cada tempo deixa uma imagem dentro de nós. Imagem do que fomos, dos dias que nos sorriram, das horas que nos maltrataram. Fico a lembrar a minha infância. E a minha mãe volta, moça, tão bonita e me leva para a Igreja N. S. de Conceição, segura habitação do Deus vivo.

Aos setes anos, ganhei de minha mãe uma bola de borracha. Foi o dia mais feliz de minha vida. Corri para a beira do Rio na ânsia de comemorar, mas, que pena, anoiteceu de repente. Sentei-me no barranco, apoiando os cotovelos nos magros joelhos e os olhos nas nuvens cheias de cores do poente. A torre de matriz anunciava a Ave-Maria. A noite chegava, iluminada, que nem uma festa. Eu sentia que ela era só para mim. Uma voz meiga chamou pelo meu nome. Eu corri. Minha mãe abraçou-me e ensinou-me, de mãos postas, uma oração – “O Anjo do Senhor anunciou Maria...”.

Suas palavras estavam cheias de Céu quando ouço as badaladas do sino da Matriz de São José, aqui em Campo Grande, volto do fim para o começo. É uma cura de rejuvenescimento. Ergo os olhos para o poente, a estrela lá está cintilando, grandona – é minha mãe.

Parabéns, Mamães de todo Brasil!



## RÊMOLO LETTERIELLO



*Nasceu em Campo Grande (MS), em 20 de março de 1941. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal do Paraná. Exerceu vários cargos de grande relevância, e aposentou-se recentemente como Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado de Mato Grosso do Sul. Publicou diversas obras jurídicas: “Ação Reivindicatória” em coautoria com Paulo Tadeu Haendchen; “Ação de Usucapião Ordinário” e “Repertório dos Juizados Especiais Cíveis e Estaduais”. Ocupa a cadeira n° 22 da ASL.*

### **Recepcionando Wilson Barbosa Martins \***

Agradeço, comovido, o gesto benevolente do eminente Presidente Reginaldo Alves de Araújo, de indicar o meu nome para saudar o novo membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, Wilson Barbosa Martins, por ocasião da sua admissão nesta Casa de cultura e saber. É uma honraria aspirada por todos que, como eu, gostaria de viver um momento como este, singular em nossas vidas, de falar sobre uma personalidade tão destacada por tantos títulos e méritos.

Quem poderia imaginar que um jovem e obscuro estudante dos Colégios Dom Bosco e Oswaldo Cruz, envolvido nos embates da União Campo-grandense de Estudantes, um dia viesse louvar quem foi o ídolo da sua geração e das que vieram depois?

Permiti, Senhoras e Senhores, a suave recordação daquela época em que a mocidade da minha terra, idealista das fermentações cívicas, se recusava ficar à margem das discussões políticas e sociais e a manter-se neutra e indiferente com os problemas que afetavam Mato

Grosso e o Brasil. Que saudades daqueles tempos em que saíamos às ruas e praças, mobilizados em defesa de sublimes ideais, inspirados em legendárias e impolutas personagens do nosso meio, como Wilson Barbosa Martins, dele tomando exemplos de combatividade, dignidade e de resistência aos maviosos cantos das sereias.

Era tempo em que nos sentíamos como aqueles jovens a quem Émile Zola, na sua “Carta à Juventude” inserida no livro “*J'accuse*”, sobre o caso do Capitão Dreyfus, um dia indagou:

*“Aonde vão vocês, jovens, aonde vão, estudantes, que correm em bandos pelas ruas manifestando vossas cóleras e entusiasmos, sentindo a imperiosa necessidade de lançar publicamente o grito de vossas consciências indignadas?”*

*Vão protestar contra algum abuso de poder? Ofenderam a ânsia de verdade e equidade que ainda arde em vossas almas novas, ignorantes dos cambalachos políticos e das covardias cotidianas da vida?”*

*Vão corrigir um erro social, pôr o protesto de vossa vibrante juventude na balança desigual em que são falsamente pesadas a sorte dos felizes e a dos deserdados deste mundo?”*

*Juventude, juventude! Lembra-te dos sofrimentos que teus pais passaram, das terríveis batalhas que tiveram de vencer para conquistar a liberdade que desfrutas nesta hora. Juventude, juventude! Fica sempre com a justiça. Juventude, juventude! Seja humana, seja generosa”.*

Permiti, Senhoras e Senhores, a reminiscência daquela fase trepidante das nossas vidas, quando andávamos em busca de definições para traçar os projetos da longa estrada a percorrer e cultivávamos os

sonhos de nos tornar, um dia, seres humanos iguais àqueles que já faziam história, como homens de ação e pensamento, como profissionais honestos, como políticos virtuosos e sem manchas, como verdadeiros padrões morais e intelectuais da nossa contemporaneidade.

O modelo de vida pública e particular de Wilson Barbosa Martins, refletiu sobre nós, não como sombras diáfanas de árvores bizarras, mas como luzes fulgurantes a iluminar caminhos de perseguição de horizontes mais amplos e mais claros. A propósito, recordo-me dos conselhos do meu sábio e saudoso pai, cabo eleitoral e amigo pessoal do Dr. Wilson, que recomendava aos seus filhos que se espelhassem sempre em pessoas dotadas dos mais altos valores como honestidade, fidelidade, perseverança, hombridade, respeito, ética e dignidade, porque se assim fizessemos, encontraríamos a felicidade de uma vida tranquila e construtiva.

Caríssimos ouvintes: do passaporte literário para a sacração acadêmica de Wilson Barbosa Martins - seu precioso livro “Memória: janela da história”, afloram revelações que nos fazem sentir desmedido orgulho deste “abensonhado” chão e daqueles que marcaram a sua história com lances indelévels de idealismo, de sacrifícios, de patriotismo e de altos propósitos. Tais revelações dão conta da saga de Vespasiano Barbosa Martins na sua obstinação e incansável luta pela primeira divisão de Mato Grosso e a sua governança do Estado de Maracaju, como diz o escritor a “gênese de nova unidade federativa, Mato Grosso do Sul”, da qual foi o seu primeiro governador eleito.

Rememoram-se acontecimentos marcantes, como o fim da revolução Constitucionalista de 1932, e as grandes conquistas da cidadania contempladas na Constituição Federal de 1934, como a obrigatoriedade do Estado na manutenção e expansão do ensino público e o estabelecimento da sua gratuidade, o deferimento do voto feminino e os notáveis avanços no âmbito do direito do trabalho, quando se passou a estabelecer o salário mínimo, a consagrar a autonomia sindical, a jornada de oito horas, a implantação da previdência social e a considerar a Justiça do

Trabalho como integrante do Poder Judiciário Nacional para resolver as questões trabalhistas, inclusive os dissídios coletivos.

Na descrição da sua vida pública, registrada também em “Memória: janela da história”, o nosso querido confrade nos dá conhecimento de que o primeiro galardão que recebeu do nosso povo foi o mandato de Prefeito Municipal de Campo Grande e todos sabemos que no exercício dessa função teve atuação superior, distinguida e realizadora e que o móvel determinante dos seus atos de administração não foi outro senão o interesse público, por amor à coisa pública.

Não é possível que deixemos de assinalar o acontecimento altamente significativo da grande notoriedade da sua atuação no Congresso Nacional, como verdadeiro embaixador do povo mato-grossense, lá trabalhando arduamente pelo engrandecimento desta unidade brasileira e ombreando com políticos da mais alta dignidade e estirpe nas empreitadas heroicas contra as investidas da mediocridade, os assaltos da força e os projetos de conspirações antidemocráticas. Na Câmara dos Deputados, não fez da jornada parlamentar de mais de sete anos, uma ostentação de mercenários (com já se fazia àquela época e agora se faz mais intensamente) e nem se debruçou às mesas oficiais para desfrutar das migalhas da merenda; antes, levou sempre consigo o privilégio de trabalhar por um povo e não por uma situação. O sentimento nacionalista que sempre caracterizou as suas atitudes de homem público, extravasou-se com toda intensidade quando, despontando com um dos mais acreditados políticos brasileiros, propagou a necessidade premente de se implantar no país, como lembra em seu livro, as reformas “constitucional, eleitoral, urbana, dos recursos minerais (inclusive do petróleo), da energia elétrica, bancária e administrativa” e sustentou a defesa intransigente “da democratização do ensino, do planejamento da administração pública, do combate à inflação e aos privilégios” bem como de “uma política externa independente”.

A sua vida política sofreu abrupta interrupção quando foi cassado pelo regime ditatorial militar, no início de 1969, em razão de manifestar-se constante, pública e veementemente em favor da democracia e do

estado democrático de direito. A violência contra o notável deputado exteriorizou-se pela cassação do seu mandato e suspensão dos seus direitos políticos. Calava-se a voz de um guerreiro que sempre caminhou na direção de nobres objetivos de defender a liberdade e de servir à grandeza moral, espiritual e política da nossa gente.

Voltaria às atividades parlamentares, dezoito anos após, quando se elegeria Senador da República, iniciando o seu mandato em 1º de fevereiro de 1987, participando de forma direta e propositiva do grande movimento de soerguimento do regime democrático brasileiro, a Assembleia Nacional Constituinte onde, valendo-se da sua excepcional cultura humanística e notável saber jurídico, ajudou a escrever a Carta Magna de 1988, a nossa Constituição Cidadã. Fomos testemunhas juradas de que o nosso Senador, nas trincheiras cívicas que abriu para o acesso do combate, jamais esmoreceu na luta para estruturar a existência jurídica do Brasil, dando-lhe uma Constituição que realmente garantisse os direitos individuais do seu povo, e disciplinasse efetivamente os reclamos das necessidades dos cidadãos, quer na ordem política e social, quer na ordem econômica.

Antes de exercer o mandato de Senador, havia conduzido, por quatro anos, os destinos do novo Estado de Mato Grosso do Sul, na condição de seu primeiro governador eleito pelos sul-mato-grossenses, e no exercício de tão alta função, marcou a sua administração com realizações estupendas, aqui plantando verdadeiros monumentos no cumprimento de uma agenda de louváveis políticas públicas, principalmente a que cuidava da inclusão social e educacional dos nossos coestaduanos mais carentes.

No âmbito da assistência social, para o êxito dos seus empreendimentos, contou com a sensibilidade e o altruísmo da sua querida esposa e grande companheira, nossa saudosa confreira Nelly Martins, sempre presente e atuante nos misteres de incentivar, implantar e coordenar um sem número de órgãos e entidades assistenciais e comunitárias em todo o Estado, gastando todos os seus desvelos em prol

de crianças e adolescentes, de deficientes de toda ordem, de idosos e de desempregados.

No campo da Educação, para melhor garantir o acesso aos direitos do povo à educação e à cultura, sacudiu conceitos caducos, promovendo moderna e elevada política educacional, na compreensão de que a educação deve inspirar-se nos princípios de liberdade e de solidariedade humana e de que esses princípios devem estar presentes na formação do homem desde o ensino infantil até o superior. Permito-me destacar a grande providência governamental de soerguer a extinta Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, ouvindo e atendendo o justo pleito dos setores ligados à arte e à cultura do Estado.

A apurada atenção para com a educação continuou e se acentuou mais ainda no seu segundo governo, colocando em prática inúmeros programas de acessibilidade à educação e cultura, visando, não só a diminuição do déficit educacional, mas também a ampliação das condições de aproximação ao aprendizado, dos estudantes hipossuficientes ou desprovidos de condições socioeconômicas.

Os governos de Wilson Barbosa Martins se impuseram ao respeito público; foram intensamente identificados com a sua ideologia desenvolvimentista, e graças à sua superior formação política, de legítima e pura fonte democrática, abriram os mais belos horizontes para a grandeza de Mato Grosso do Sul.

O nosso empossando, antes de ingressar na vida pública, passou pela advocacia por muitos anos. A sua banca, integrada pelos notáveis advogados Plínio Barbosa Martins, Plínio Soares Rocha e Amantino Soares Rocha, sempre se destacou como uma das mais tradicionais e reverenciadas do Estado, quer pela alta competência, quer pela correção e extrema dedicação às causas sob seu patrocínio, grangeando o respeito e admiração daqueles que diuturnamente militavam no Foro e se constituíam na força viva e dinâmica da Justiça - os advogados. E esses mesmos advogados, coincidentemente no ano em que Wilson Barbosa Martins recuperou, com a anistia, os seus direitos políticos

- 1979, o elegeram primeiro Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil – Seccional de Mato Grosso do Sul.

Podemos dizer que tanto ao político como ao advogado, o povo e o jurisdicionado muito ficaram a dever pelo que fez de bem à sua terra e à sua gente e por conservar uma existência de trabalho honesto, de inteligência fecunda e de nobreza idealista. Todos lhe são eternamente agradecidos, pelo muito que realizou a bem da coletividade a que serviu.

Senhoras e senhores: em ocasiões semelhantes, ao acadêmico que profere a oração de recepção ao novo titular de uma das cadeiras da Academia, cumpre fazer breves referências aos seus escritos literários que vão se somar ao acervo das obras produzidas pelos demais confrades. Para o desempenho dessa função, venham em meu socorro as manifestações autorizadas dos ilustres pares que, magistralmente, chancelaram o “Memória - janela da história”, como a do brilhante Professor Hildebrando Campestrini que, ao prefaciar o livro escreveu:

*“o autor vem vivenciando a história de nosso estado há quase um século, privilégio de pouquíssimos cidadãos. Uma vivência consciente, sempre de luta pela liberdade, democracia, justiça e supremacia da lei – traço histórico da família Barbosa, demonstrado especialmente na Revolução Constitucionalista. Nisto fica claramente definido o compromisso desses próceres com o destino de nosso povo”.*

Na apresentação da obra, registra a festejada Professora Maria da Glória Sá Rosa, nossa querida consóror, que

*“...o livro escrito na primeira pessoa reivindica a responsabilidade das afirmações de quem é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto de ações descritas em uma linha de veracidade e coerência”*

....

*É uma longa viagem em que se cruzam dois planos: o do autor/emissor, que volta aos campos da Vacaria para reencontrar, na infância, o sabor das cores, dos doces, do cheiro das frutas do mato, e, acima de tudo, o prazer de sentir-se livre, e o do leitor preso ao encantamento das histórias. E, como uma imagem puxa outra, surge das névoas das lembranças, a figura da esposa Nelly Martins, com quem gostava de plantar árvores e que foi a grande incentivadora e a responsável pela maioria de suas realizações”.*

O ilustre acadêmico Valmir Batista Corrêa em magistral arrazoado de introdução ao importante registro de memórias do novo acadêmico, consigna que

*“Wilson Martins encerra a sua escrita com uma explícita declaração de amor a sua ‘terra dadivosa’, no alto de seus 92 anos de vida e de lutas. E parece ser esse amor plenamente correspondido, pois segue sendo um cidadão amado e reverenciado por uma grande parcela da população sul-mato-grossense. Basta acompanhá-lo em suas andanças nas ruas da cidade ou em eventos no interior do estado, para ver como é recebido com sinceras manifestações de carinho e respeito. Poucos políticos e governantes desfrutam desse privilégio hoje em dia”.*

Induvidosamente, a obra de Wilson Barbosa Martins, além de representar o marco inicial da sua atividade literária que, se Deus quiser será longa e extremamente profícua, vem engrandecer, sobremaneira, a nossa prestigiosa literatura e laurear o grande acervo cultural do nosso

Estado depositado nesta Casa que é a expressão máxima da intelectualidade sul-mato-grossense.

Caros ouvintes: por feliz coincidência, Wilson Barbosa Martins vem ocupar a Cadeira n° 38, na qual teve assento sua extremada esposa Nelly Martins que tanto dignificou e elevou esta Academia e de quem todos nós relembramos e dizemos das suas virtudes, que mais hão de perdurar na exaltação da sua memória.

Finalizando, quero dizer que a esta solenidade se imprimem duas finalidades: a de receber com todas as honras o novo e admirável membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, e a de render-lhe as homenagens que se rendem às grandes celebridades. A ele afirmamos que existem pessoas que vem ao mundo para engrandecer a terra e invariavelmente a terra lhe é dadivosa na retribuição. Com certeza, esta foi a realidade do nosso homenageado.

À saúde e vida do nosso querido Wilson Barbosa Martins.

*\* Saudação proferida pelo Acadêmico Rêmolo Letteriello, ao Dr. Wilson Barbosa Martins, por ocasião da sua posse na Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.*





## RUBENIO MARCELO



*Poeta, compositor e revisor, é autor de nove livros publicados (o mais recente: “Voo de Polens - 100 sonetos e outros rebentos poéticos”) e dois CDs musicais. Pertence à Academia Maçônica de Letras de MS, foi Conselheiro Estadual de Cultura de MS (membro titular). Participou - como convidado - da I Bienal Internacional de Poesia - Brasília, que reuniu os grandes nomes da poesia nacional e do exterior. Ocupa a Cadeira nº 35 da ASL, da qual é o atual secretário-geral.*

### Velho relógio de parede

Ah, este velho relógio de parede  
irritando as horas,  
imitando enoras  
no convés do mundo,  
tentando pôr os ‘ires e vires’ no ponto.  
Minutos e segundos  
que consomem nossos ouvidos,  
enquanto as vidraças  
sorriem dos supersônicos...

Ah, este relógio antigo...  
Nele, o tempo desconhece  
a velha engrenagem humana  
na parede pregada  
e sem ponto de fuga;  
nele, as luvas das jornadas  
renegam a impontualidade  
do cantar dos galos...

E, a intervalos  
nem tanto regulares,  
há sempre algo a nos dizer  
que o tempo não se assusta  
diante do espelho,  
nem sente falta de um divã na sala de estar,  
tampouco se impressiona  
ante as acrobacias de um raio de luz.

Em ponto de cruz,  
o tempo borda imagens,  
à frente das carruagens  
cerzidas com norte incerto,  
perdidas num longo deserto.

Com tato, a noite traz o ponto de contato  
aos bichos e paisagens, aos seres e edifícios,  
aos desenleios e desejos.  
A penumbra é o ponto alto: acomoda as cores da vida...  
Nas avenidas, velhos semáforos medem o caos;  
no mar, os rastros do plenilúnio  
dão o ponto de equilíbrio  
do sentimento cadenciado pelo mesmo vento  
que proporciona o fecundo voo de polens  
e o susto breve da donzela na escadaria...

E, na parede fria,  
o enfadonho relógio a refletir o tédio  
e a repetir a mesmíssima toada,  
qual uma ciranda de ganidos  
que demarcam um ponto.

Isto é ponto de honra

e nunca se abala.  
Relógio de ponto  
em ponto de bala.

Relógio sem pulso  
a pulso na sala;  
qual ponto-limite  
ou ponte de sal...

Um tanto torto,  
em ponto morto,  
sem ponto  
a/final.

## **Homo cotidianus**

Nas colinas de mármore  
do espaço-tempo diário,  
o pesadelo das solidões  
desengraça naves e orquídeas,  
despedaça vozes e prelúdios...

As estátuas umedecidas de orvalho  
não invejam as alegrias vazias  
dos homens habituais  
e seus queixumes...

Os lívidos oboés da madrugada  
ofuscam cânticos e orações,  
enquanto contemplamos os saveiros  
esquecidos no cais  
das acorrentadas expectativas...

pálpebras impalpáveis  
diluem auroras,  
procuram manhãs  
cansadas e inalcançadas...

e nenhuma visão  
traspassa os vitrais hipnóticos  
das herméticas galerias.

nenhum galo-de-campina  
pra colorir os segredos  
das romãs solitárias  
ou adornar os jiraus de girassóis  
descorados.

nossos tablados e espelhos  
acolhem ausências  
consomem o transfigurado dia,  
colhem urgências e insurgências...

neste tropel de esperas,  
nossas mesmificações  
emperram as maçanetas do sonho...

ideias e súplicas  
dividem o mesmo coreto,  
bailam ao mesmo dobrado  
que move a inspiração  
da dimensão do sol  
ou da languidez de círios  
evanescentes...

## A palavra guardada

É preciso nutrir o segredo cristalino  
daquela palavra guardada  
no núcleo do nosso ser...

Calada, ela pode nos mostrar o veleiro  
que nos espera em sóbrias antemanhãs...  
A escalada da palavra  
precisamente guardada  
sublinha a sensatez das conjeturas,  
agasalha a previdente chama  
das profundezas da alma,  
renova as pétalas do porvir...

É necessário florir o desvelo  
que doura e apascenta os imperceptíveis  
tesouros da essência...

É preciso saber suprir,  
em regulares aconchegos do desejo,  
a intimidade lúcida do silêncio.

A palavra bem guardada  
avigora-se, resguardada,  
acordada,

aguardada,

da aridez trasladada  
para a estação das messes...

## **Aridez**

Enquanto,  
nos corredores da noite,  
lobos cabisbaixos procuram fábula  
para livrar do tédio  
as pupilas dos humanos,  
uma metade de todo lirismo  
adormece nas furnas  
e fôrmas álgidas da rotina  
[a outra metade tenta escapar  
das ciladas dos desejos].

Enquanto  
– pela garganta do cotidiano –  
nossos rastros vão sumindo  
e as babas das angústias  
envenenam a solidão,  
o amordaçado-arbítrio da incerteza  
rabisca tatuagens de nuvens  
no dorso das antemanhãs...

## **Juízo final**

Primeiro... Um intenso clarão  
[um rubescente sinal]  
acena, ofuscando tudo.  
Os ventos uivam dilemas...

Gritos aflitos pelo ar...  
Tristíssimos ganidos, ecos ululantes,

clamores abissais... ais...

Logo em seguida,  
as medonhas fusões  
das energias sidéricas  
devastam o espaço.

E, na reintegração do tempo,  
já em silêncio profundo,  
desliga-se a lâmpada do mundo.

Mundo?  
Que mundo!?

## **Elegia a Freddie Mercury**

A dor dominou-lhe a face...  
O intenso suor já não era do costureiro frenesi do show;  
a toalha branca já não mais trepidava em seu corpo:  
estava escura... jogada...

Soluçando e sem forças,  
ele apenas balbuciou um último refrão  
- quase imperceptível.  
Estava isolado, quase solitário, prosternado, transfigurado,  
longe das luzes e do brilho das plateias, em sua casa.

Na sala ao lado, como o compasso  
da balada 'Love of my life',  
o choro lento de alguns dos seus entes.

Entre plumas e prazeres, ele fez a sua liberdade...

Irrefletido e hedonista, completou sua sentença,  
sem a noção de ter pecado  
(– *“I’ve done my sentence, but committed no crime”*).

Como lídimo campeão,  
dividiu o acorde azul do seu sonhar, ecoando ao mundo:  
*“We are the Champions!”*.

Sol e estrela. Astro, intensamente viveu. Um mito irreverente.  
Inigualável superstar. Precocemente partiu. Viraria cinzas...

A lírica extravagância cumpriu sua missão.  
O pop rock jamais esquecerá a altivez daquele predestinado.

O palco sem ele privou-se do esplendor e da elegância,  
ficou sem vida; o espetáculo perdeu a cor,  
e o proscênio a realeza.  
O palco, o espetáculo: rainha sem coroa,  
*queen without a crown*.

*\* Baseado em capítulo do livro “Freddie Mercury”, de Jim Hutton.*

## Voo de polens

Que se fecundem corações e mentes  
e fortemente pulsem horizontes  
em novas fontes grávidas de voos  
buscando os ventos ou os flamboyants...

Em tons vibrantes, ritos plasmam céus,  
descobrem véus e polinizam flamas:  
são anagramas dos meus ideais

e os madrigais que flertam minha voz...  
De fora em foz, os meus diversos portos  
vislumbram hortos, saem das vindimas  
em férteis ímãs de sublimações...

Que as florações insones sejam cantos  
e que estes tantos versos resolutos  
concebam frutos doces como o sonho!

## **Transcendência do amor**

O amor é quase sempre ardente jogo  
Que nos conduz ao céu pelo calvário...  
É a cena ocultada no cenário  
Pelo inverso estradar que oscula o fogo.

Às vezes, o amor é pedagogo:  
Faz pulsar com fervor seu corolário;  
Outras vezes, inclina-se, precário,  
E não mostra o semblante (nem a rogo).

O amor é mui rebelde... E pode ser  
O impulso capital que faz romper  
A sublime visão de um sonhador...

Há amor espargindo a sua essência  
No latejo de toda transcendência...  
Pois tudo que transcende vem do amor!



## Nosso (des)caso

Não por acaso, o nosso caso está perdido:  
Dele fizemos pouco-caso e – assim, de fato –  
A essência da emoção perdeu seu arrebatado  
E o nosso casuísmo ornou todo o sentido...

Se em nós não mais existe o lume prometido,  
Constata, por favor, agora o que eu constato:  
Nosso próprio descaso, em seu anonimato,  
Deixou o nosso caso assim desvanecido...

Em todo caso, a vida segue e, sem pesar,  
é preciso entender, com natural pulsar,  
que o nosso caso está curtindo o seu ocaso...

Caso me encontre, assim num lance casual,  
Nem tente relembrar motivos do final,  
Pois sei que o nosso caso já não vem ao caso!

## Parceria

O chão pode ser céu no canto alado  
que tece o infinito em parceria...  
A ave voa e pousa... e, neste estado,  
um par sem outro par o que seria?

Asas e pernas traçam sempre um fado  
moldando a cor da noite e o sol do dia...  
Assim, talvez em tom predestinado,  
o passaredo brinca em sintonia...

E cai a tarde... e novamente a noite  
vem pra velar do vento o seu açoite:  
da paz deixando eventos à mercê...

O mágico pulsar de um cata-vento  
o que seria se faltasse o vento?  
E a brisa sem o mar seria o quê!?

## **Desgosto a conta-gotas**

Por conta de um amor demais da conta,  
não tomei conta da situação  
e fiz de conta que o meu coração  
estava imune sempre a toda afronta...

E, sem lembrar que a dor também desponta  
às vezes no calor da vibração,  
nem me dei conta estar fora do chão:  
refém duma paixão de ponta a ponta.

Assim, perdi a conta quantas vezes  
eu me desencontrei em vãos soezes  
procurando encontrar meu próprio rosto.

Perdi-me, neste périplo sem lei...  
Mas, afinal de contas, me achei!  
E contabilizei mais um desgosto.



## Revoa do vir-a-ser

Em quantas direções o nosso olhar  
pode buscar o norte verdadeiro,  
enquanto a sã fagulha do primeiro  
raio de sol se espalha pelo ar?

Com quantas vozes temos que falar,  
pra não termos um verbo passageiro?  
Conquanto o velho verso tenha o cheiro  
das ervas ressequidas do pomar...

Entre tantas crisálidas dispersas,  
voejos miram rotas controversas  
em compulsões aladas sem sentir...

Entretanto, inda bem que as mesmas asas,  
silentes, sobrevoam suas casas  
nos braços da manhã do devenir.

## Fogo da poesia

Não é fogo de palha é fogo imenso  
O fogo que azuleja a poesia;  
É qual fogo sagrado que anuncia  
O donaire em seu lume mais intenso.

É fogo perenal sempre propenso  
A labaredas de supremacia...  
É o clarão mais perfeito da magia  
Que com a flama da essência faz consenso.

É o fogo impetuoso das lareiras  
Aquecendo as visões alvissareiras  
Que nos tocam com jeito e sutileza...

É o mistério das messes ancestrais  
Que revela o semblante dos graais  
Das gemas borbulhantes da beleza!

## **Corpo a corpo**

Com meu corpo fechado, o coração  
não me faz corpo mole, está presente  
com seu corpo de guarda diligente  
sempre de corpo e alma em prontidão...

Através da corporificação  
de anticorpos ativos, sou prudente:  
corpo a corpo, eu enfrento o renitente  
corpo estranho e carente da paixão.

Assim sigo feliz, com o corpo isento  
do corporativismo turbulento  
da emoção do meu ser coloquial...

Quando o amor quer ganhar um corpo acromo,  
tiro o corpo, pois sou tão leve como  
corpo de baile do Municipal.



## Luto

Retorcendo o cordão umbilical  
do que eu pensava ser inspiração,  
dançam palavras ébrias, sem razão,  
flertando um estro em óbito fetal...

Contudo, inda procuro algum sinal  
de vida em meio ao quadro de tensão...  
Mas minha verve jaz... Minha visão  
Já contempla a expressão de um funeral...

Ante o malogro deste meu intento,  
eu me amarguro em íntimo lamento,  
envolto no distúrbio que desfruto...

Assim, reparto as dores pelo quarto  
- sem ver da inspiração a luz do parto -  
e parto lado a lado com o meu luto.



## **WILSON BARBOSA MARTINS**



*Nasceu em Campo Grande. Formado em Direito, foi prefeito de Campo Grande, Deputado Federal, Governador de Mato Grosso do Sul por dois mandatos e Senador Constituinte. Publicou o livro: "Memória - Janela da História" em 2010. Ocupa a cadeira nº 38*

### **A família do advogado**

No primeiro contato que mantive com a Nelly conversamos animadamente e ao despedirmo-nos perguntei-lhe quando nos veríamos de novo. Ela respondeu com a pergunta: "E depois?" No seu regresso do colégio passava pela frente da nossa casa e às vezes entrava, pois tinha a simpatia de todos os meus. Lindas rosas eram cultivadas em nossos pequenos buquês de violetas. Assim começou o romance que nos levou ao casamento.

A cerimônia, muito simples, realizou-se na Igreja de Santo Antônio, hoje catedral. Contamos com a presença dos pais da Nelly, do meu avô Domingos Gato Preto, meu padrinho, ao lado de dona Ilda Baís. Por dificuldade de transporte meus pais não estiveram presentes. Não houve festa. Da igreja rumamos diretamente para nossa modesta casa, localizada abaixo dos trilhos, na Rua Barão do Rio Branco. Passamos pouco depois para Avenida Calógeras, em casa geminada, muito velha, cuja cozinha despençou. Às carreiras mudamo-nos para o sobrado do tio Vespasiano, então cumprindo o mandato de senador no Rio de Janeiro. Desocupa-se a casa de dona Ilda Baís, na Rua 15 de Novembro, 250, e para ela nos transferimos. Ali, permanecemos até a construção de nossa casa própria, erguida na mesma rua e onde resido até hoje.

Estou no velho centro da cidade, um tanto degradado, mas com projeto de ser restaurado. O jardim da residência me ajuda a levar a vida solitária em que vivo, após a partida da Nelly.

Do meu casamento com a Nelly nasceram três filhos: Thaís, Celina e Nelson. Thaís foi frágil, os dois outros tiveram boa saúde. Munido de um relatório da Nelly, falei com Silvio Margarido, pediatra em São Paulo. À simples leitura do relatório, ele disse: a criança não pode tomar leite de vaca – esse é o seu problema. Fez o receituário que eu trouxe. Com a nova alimentação, a menina recuperou rapidamente a saúde.

Não havia ainda indústrias de automóveis no país. Carros novos eram caros. Comprei um calhambeque e o reformei, de maneira a possibilitar o passeio da família pela cidade e pelos bairros. Era a maneira mais fácil de fazermos que adormecessem e de tê-los sempre conosco. As filhas foram matriculadas no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora desde cedo. Nelson começou as primeiras letras no Externato Americano, instalado na nossa própria rua, pertencente à educadora Júlia Barém Holland.

A dedicação da Nelly aos filhos era completa. Eu, embora gostasse muito de estar com eles, às vezes dava umas escapadas para as caçadas de perdiz, à época permitidas, ou para uma ou outra pescaria. A companheira nem sempre se alegrava com as minhas saídas e isso era motivo de certa mágoa por parte dela. Todos juntos, íamos para a fazenda do tio Vespasiano, bem próxima da cidade, onde eles se divertiam andando a cavalo ou nadando na pequena piscina lá existente.

A companheira que tive ao meu lado por sessenta anos aumentou o nosso círculo de amigos e muito me ajudou na administração de nossa casa, da cidade e do estado, pois foi com seu concurso que educamos os três filhos, lutamos e vencemos na gestão municipal de Campo Grande e do estado. Thaís e Celina fizeram os seus preparatórios em Campo Grande. Em São Paulo, Thaís cursou sociologia e política e fez mestrado e doutorado em antropologia na Universidade de Campinas (Unicamp). O filho caçula, Nelson, graduou-se como engenheiro elétrico pela Universidade de Brasília (UnB) e obteve o título de doutor em

Engenharia Elétrica pela Universidade de Manchester, na Inglaterra. Desde então trabalha no Centro de Pesquisas Elétricas da Eletrobrás (Cepel), como pesquisador, consultor e assistente da diretoria-geral. Celina também estudou na Universidade de Brasília, após concluir o curso de magistério com as irmãs salesianas. Preferiu, no entanto, regressar ao nosso estado e participar da atividade política, seja como secretária de assuntos sociais no governo Marcelo Miranda, seja como deputada estadual por quatro legislaturas consecutivas. Celina faleceu como Conselheira do Tribunal de Contas do Estado no dia 28/02/2011.

Nelly realizou-se como pintora e escritora. Publicou seis livros de crônicas, escritos em linguagem singela e atraente, foi acadêmica atuante da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. Seu talento foi reconhecido desde o tempo em que estudou no Colégio Auxiliadora: era boa desenhista e pintou muitos quadros que foram expostos em mostras coletivas e individuais. Trabalhou com tinta a óleo, pastel e aquarela, realizando obra imperecível. Nossos filhos guarneceram as paredes de suas casas com algumas de suas melhores criações. Comigo também estão trabalhos aos quais muito me afeiçoei, como o de jasmims-do-cabo que parecem trescalar o perfume que exalavam das flores originais. Aprecio também o de cravos entre roxos e brancos, de hastes finas, suspensos, em números de nove, com suporte em vaso de cobre. Uma terceira pintura a óleo, delicada como as que mencionei, contém lindas flores amarelas, vivas. São alamandas agrupadas em vaso próprio. Outra composição que enfeita minha casa é chamada cadeira da vovó Amélia – dona Amélia Alexandrina de Carvalho Bais, a grande consorte do nosso primeiro juiz da paz, Bernardo Franco Baís – que pende da parede onde está colocada a mesa de trabalho em que Nelly redigiu os seus melhores escritos. Antes, essa escrivadinha toda feita de imbuia, com tampa móvel, pertenceu a seu pai Vespasiano, o clínico e cirurgião que construiu o palacete que ficava na esquina da Rua 15 de Novembro com a Avenida Calógeras, em Campo Grande.

## Fundação do jornal Correio do Estado

Corria o mês de junho e o frio era cortante, sobretudo à noite.

O volume do meu trabalho era crescente, necessitava de alguém que me ajudasse a dar conta do recado. Por isso pedi ao Hélio Maia, que auxiliava o Ulisses Serra no seu cartório, para me socorrer. Foi quando me apareceu o Plínio Rocha. Achei engraçado o Plínio. Era, como o Hélio, estudante no Oswaldo Cruz e acabara de ser suspenso pelo Fragelli. Vendo-o assistir às aulas do lado de fora da classe, indaguei-lhe porque assim procedia e ele me respondeu que anotava as lições da professora para não se prejudicar. Falei com o Fragelli, que relevou a punição. Mais tarde, o próprio Plínio disse-me o motivo da suspensão: indignara-se com o colega que assoprara erroneamente a resposta que lhe pedia a professora, tornando-se alvo da zombaria de toda a turma. Em consequência, deu-lhe um tapa. Plínio Rocha concluiu o ginásio e o curso de contador e formou-se em Direito no Rio de Janeiro, para onde se mudou com a família. Na volta, prosseguiu comigo. Nossa amizade atravessou o tempo.

Em sociedade com o colega e amigo José Fragelli, compramos os cursos letivos do Colégio Oswaldo Cruz, então pertencentes ao professor Enzo Ciantelli e sua mulher dona Hilda Ciantelli. A operação foi a prazo e não desembolsamos senão o valor das estampilhas, que à época eram postas nas promissórias. O curso ginásial ficou sob a direção do Fragelli e o comercial, a meu cargo. O secretário do colégio era o professor Agostinho Bacha, também encarregado da sua parte financeira. Durante três anos, levamos adiante o Oswaldo Cruz. Era nossa intenção construir prédio moderno, nesse propósito levantamos empréstimo e fizemos projetos. Chegamos a adquirir de Ivan Medeiros terreno para a obra, na Rua 26 de Agosto e, mais tarde, o repassamos em parte à Mace. Não obtivemos financiamento bancário para a obra. É verdade que esse grupo de professores veio em hora melhor que a nossa, mas se revelou mais apto para realizar o grandioso empreendimento que não pudemos construir. Os herdeiros de Pedro Chaves dos Santos e de sua mulher Joana Mendes dos Santos, ele antigo servidor da Prefeitura

Municipal de Campo Grande e depois por mim promovido à chefia do serviço de material, provaram o valor do lar de onde procedem.

Outra iniciativa empresarial que levaria a termo com o amigo Fragelli no início dos anos 1950 foi a fundação do jornal Correio do Estado, que é hoje o maior diário impresso de Mato Grosso do Sul. Naquela época nossos companheiros de política enfrentavam dificuldades com matérias veiculadas no jornal O Matogrossense, que não nos dava espaço nem trégua. Foi então que decidimos criar um diário próprio, que desse voz às nossas causas, e que no começo foi apoiado financeiramente por um grupo de pessoas encabeçadas por Vespasiano Martins, Laudelino Barcelos e Laucídio Coelho. Na verdade quem assumiu mesmo a direção do jornal foi o José Fragelli. Eu ajudava na administração e também escrevia, em alguns períodos diariamente. Mas nossa vocação para a política e a advocacia era maior que para o jornalismo, e depois de algum tempo o jornal passou às mãos de José Barbosa Rodrigues, que inicialmente havia sido contratado como redator.



## **Presente na inauguração de Brasília**

Eleito Prefeito de Campo Grande em 1958, evoco o grande acontecimento político da época: a inauguração de Brasília, a nova capital da República, ocorrida em 21 de abril de 1960. Como brasileiro, senti que devia estar presente à extraordinária ocorrência. Eis que o major-aviador Aloysio Lontra Neto, comandante da Base Aérea de Campo Grande, colocou seu avião a minha disposição. Conosco viajou, de véspera, o engenheiro da Base Gabriel do Carmo Jabour. Do alto, avistamos a nova capital, já levantada nos Cerrados, na sua essência. Vimos os palácios da Alvorada, do Planalto, o Senado e a Câmara dos Deputados e o Supremo Tribunal Federal, na Praça dos Três Poderes. Vimos o Aeroporto, o Lago Paranoá, o Eixo Monumental, a Igreja Ma-

triz. Vimos os ministérios e os eixos de acesso a todos eles, as rodovias abertas para os diversos pontos do país. Notamos a extraordinária movimentação de veículos rumo à capital, bem como as cidades-satélite. O entusiasmo já se apoderara de nós, os três companheiros de voo. Em terra, combinamos o retorno para o dia imediato à inauguração e nos separamos. Tomei um táxi e fiz do motorista o guia de todas as horas em Brasília. Foi assim que acompanhei o programa das inaugurações. À noite, vi o presidente Juscelino Kubitschek e sua mulher, dona Sarah, na missa em que se realizou a transferência oficial da capital, em frente ao Supremo Tribunal Federal, ele em lágrimas com o lenço nos olhos para enxugá-las. Na manhã seguinte, fomos ao Alvorada; a multidão aguardava a saída do presidente, para saudá-lo. Eu já não era o homem de oposição, exigente, que viera assistir à criação de Brasília. Era o brasileiro repleto de emoção que via e compreendia o grande passo que o nosso país dava rumo ao seu crescimento.

Quando tomamos o avião de volta e pousamos em nossa cidade, manifestei aos meus companheiros as impressões que se apossaram de mim. O nosso partido de então era a velha UDN, que contava com cidadãos conservadores e liberais. Eu formava entre os últimos, com idéias e opiniões mais avançadas. Desde os dias da manifestação universitária em São Paulo, inclinei-me pelos princípios democrático-sociais. Recordo-me que em 1961, após a renúncia do presidente Jânio Quadros, à cuja posse assistíramos, pretendeu-se impedir o vice-presidente João Goulart de assumir o cargo que lhe competia. Embora adversário de Jango, como era conhecido, coloquei-me ao lado da legalidade. “Abomino os governos violentos, as tiranias, as ditaduras, sejam quais forem as suas tendências”, declarei à imprensa na ocasião.

Paguei o preço por essa posição, que se chocava com a de grupos mais conservadores. Cumprido o mandato de prefeito, disputei uma cadeira na Câmara dos deputados, mas não pude contar com o apoio dos que então passaram a me fazer restrições. Apenas isso, consegui ser eleito com o maior número de sufrágios no estado.

# DESTAQUE ESPECIAL



**Hélio Serejo no  
ano de 2005.**  
foto de:  
Rubenio Marcelo

## CENTENÁRIO DE HÉLIO SEREJO

*Natural de Nioaque/MS, filho do casal Francisco Serejo e Ernestina Batista Serejo, HÉLIO SEREJO nasceu na Fazenda São João (de propriedade dos seus pais) em 1º de junho de 1912 e – ao longo de sua vida como prosador, poeta, folclorista e memorialista – escreveu e publicou dezenas de livros, tendo pertencido a inúmeras entidades culturais, literárias e históricas, dentre as quais o Instituto Histórico e Geográfico de MS, a Academia Mato-Grossense de Letras e a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. Tendo residido na juventude em Ponta Porã (fronteira do seu estado natal com o Paraguai) e, por muito tempo, em Presidente Venceslau/SP, Serejo veio a falecer na noite de 08 de outubro de 2007, em Campo Grande/MS.*

**“Fui surrado da vida e sofrido do destino. Mas os olhos indagadores estiveram sempre voltados para o Alto, porque é do Alto, da Casa do Senhor, que vem a força, a verdade e a luz”.**

**(Hélio Serejo)**



## Centenário do cantor da terra sul-mato-grossense

por: H. Campestrini

No dia de ontem comemorou-se o centenário de nascimento de Hélio Serejo, “o homem – como se descreve – desajeitado e de gestos xucros (...), que veio de longe, dos ervais, do fogo dos barbaquás, do canto triste e gemente dos urus, dos bailados divertidos, dos entreveros dos bolichos das estradas, do mais hirsuto da paulama seca, do pôr do sol campeiro, dos dutos, das encruzilhadas e das distâncias perdidas”. E mais confessa: “Fui gemido de carreta manchega no estirão da serra íngreme e fui, também, envaidecido, tropel de tropilha crioula e índio haragano, trilhador de todos os caminhos”.

Realmente, Hélio foi o trilhador de todos os caminhos de nossa terra, especificamente da região então ocupada pela Empresa Mate Laranjeira. Trilhador, porque, trabalhando com o pai como ervateiro, transitou por todas aquelas picadas, quando conheceu aquelas paisagens físicas e humanas, que passou a amar e cantar, como registra: “Procurei cantar com ternura e suavidade as belezas incomparáveis do sertão e, tanto quanto possível, procurei descrever com fidelidade as paisagens coloridas das estâncias”.

Foi assim, nesse mundo bravio, dormindo sobre um baixeiro, “debaixo da árvore agasalhadora, coberto pelo poncho azul do céu”, tendo o chão como cama e a mata milenária como “a catedral crioula” de sua oração xucra, que sorveu, “com os olhos indagadores, essas paisagens campeiras, em seus mínimos detalhes”, e delas se tornou “escravo submisso e voluntário”, anotando suas impressões.

Nasceram cinquenta livros, repassados desse telurismo (talvez atávico) que só os que possuem sensibilidade extremada conseguem detectar, ouvindo os clamores da terra que pisam, da história que está nela impregnada. São contos, lendas, cenários, árvores, animais, cos-

tumes, empresas, pessoas (simples como o velho Pastrana, bandidos como Sismório, caridosas como Nhá Chaló, justas e equilibradas como o velho Chico Serejo, seu pai, figuras estranhas e perigosas como Capitoa e o viejito Poincaré), que desfilam em suas linhas.

Sem qualquer formação escolar mais apurada, Hélio conseguiu, com leituras e esforço, criar o próprio estilo, que é único, inconfundível, colocando-o entre os melhores regionalistas brasileiros e como estrela de primeira grandeza na literatura sul-mato-grossense. Suas obras foram reunidas, sistematizadas e publicadas pelo Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, em cinquenta livros (em nove volumes).

Hélio nasceu em 1912, na fazenda São João (região de Nioaque). No Rio de Janeiro, já cabo, por estar na hora errada no lugar errado, acabou preso como comunista, na Intentona. Expulso do Exército, só foi reincorporado pouco antes de morrer, em 2007. Sonhava ser engenheiro para construir pontes. Não conseguindo, liderou a campanha para a construção, sobre o rio Paraná, no Porto XV, da extensa ponte, que leva seu nome.



## **Hélio Serejo, representação maior da cultura regional**

*por: Maria da Glória Sá Rosa*

Artista de múltiplas faces, Hélio Serejo é sem dúvida o ícone maior de uma cultura multifacetada onde se cruzam influências de toda ordem. Poesia e sonho, realidade e fantasia coexistem no universo fantástico de uma obra, que traduz o panorama social de Mato Grosso do Sul, cujos matizes percorrem com a segurança de pesquisador apaixonado por descobertas imprevisíveis. A riqueza de contos, crônicas, poemas, que

atravessam anos sem perder o frescor do início, é fruto da interação entre razão, sensibilidade, emoção, senso de humor com a experiência e cultura de um Estado cuja riqueza apreendeu e expressou com talento singular. Inútil compará-lo a qualquer outro escritor. Dono de estilo próprio e único, resiste ao tempo, zomba dos que não sabem captar a essência de seus escritos originais.

A afirmação de Mallarmé de que poesia se faz com palavras e não com ideias aplica-se a esse mago da escrita que descreve com ritmo de música os dramas de ervateiros, andarilhos, campeiros, que escondem, na fuga à realidade, o mistério de um comportamento objeto de indagação resolvida apenas nos esquemas da literatura. Sem medo de enfrentar preconceitos, aborda temas proibidos, trata todos os assuntos com segurança, alheio a críticas, censuras, comentários de todo tipo.

Inútil buscar o segredo da paixão que o manteve fiel durante tantos anos ao prazer de recriar a vida em termos de literatura. *Onde buscou inspiração* para centenas de metáforas reveladoras da afirmação de que homens, mulheres e animais formam um conjunto de dor e solidão uno e indivisível? Quem lhe ensinou a arte de deslizar do terreno movediço de contos como Capitoa e Um Caso Encrencado, para as sutilezas de crônicas que nos invadem a alma com o cheiro dos brejais, o silêncio das matas, o borbulhar dos rios?

Cada vez que me debruço sobre textos de Hélio Serejo sou dominada pelo poder de sedução de uma linguagem que me prende nas malhas de um ritmo, de uma originalidade, que me projetam nas festas crioulas, nas aventuras da vida fronteiriça, quais fotogramas, nos quais vejo projetada a vida social de MS.

Penso que esse centenário é a ocasião ideal para incentivarmos o encontro desse genial autor com os estudantes de todos os níveis para a busca da beleza, do prazer de ler e do encontro da grandeza de sua literatura com a de um Estado que ele tanto amou e divulgou. Numa de suas crônicas, ele diz que, quando o galo canta, é MS que está cantando. Afirmo sem medo de errar que, quando Helio Serejo compõe versos, contos, crônicas análises literárias, é MS que está cantando. Chegou

a hora de ouvir com atenção a arte de alguém que é o mais completo retrato de nosso Estado.



## **Adeus ao cantador da fronteira**

*por: Valmir Batista Corrêa*

A fronteira com o Paraguai ficou triste e cinzenta no dia 8 de agosto de 2007 com o falecimento, aos 95 anos, de Hélio Serejo. Escritor, poeta, folclorista, jornalista e memorialista, Serejo soube cantar como ninguém as coisas e a gente da fronteira. Dono de uma vasta produção literária, com 55 livros e outros escritos, participou de inúmeras entidades culturais, entre elas a Academia Matogrossense de Letras e a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. Nesta terra de poucas memórias e de muitas mesquinhas, poucos foram render homenagens na despedida e na missa de 70 dia deste brilhante intelectual, nascido em Nioaque e com grande vivência em Ponta Porã desde os dois anos, onde colheu o vasto material para os seus livros. Criou o hábito, que deu frutos no futuro, de ouvir histórias, escrever e guardar. Talvez por ter dedicado a sua vida às lides em defesa da preservação da memória e do cotidiano de sua gente fronteiriça, deixou, por outro lado, de amalhar fortunas materiais. Não é sem razão que um crítico da sociedade sul-mato-grossense, amigo de Serejo, desabafou: “você já viu gente em velório de pobre?”. Convivendo desde criança com uma saúde frágil, soube driblar com perseverança as rasteiras da vida. Seu grande sonho era ser engenheiro, para construir “pontes, pontilhões, estradas e aterros”. Porém, pertencendo a uma família de grande prole, o jovem fronteiriço voltou-se para a carreira militar para conseguir o seu intento. Assim, ingressou como voluntário no 3o Regimento de Infantaria, da Praia Vermelha, no Rio

de Janeiro, onde fez diversos cursos e estudos, visando o seu objetivo de cursar engenharia. Todavia, um fato revolucionário marcante na história brasileira mudou a vida do jovem mato-grossense. Como escreveu Hildebrando Campestrini, Serejo estava na hora errada no lugar errado. Era 27 de novembro de 1935, quando o cabo Serejo resolveu dormir no quartel, para bem cedo ministrar curso sobre armas automáticas, pois era instrutor nessa área, improvisou uma cama em frente à cozinha e deixou a sua farda em outra sala. Na madrugada estourou no quartel a Intentona Comunista. Com a derrota dos revolucionários, e sem saber o que estava acontecendo, Serejo não teve tempo de vestir sua farda e foi preso como comunista. Expulso do exército e preso por 6 meses na Ilha das Flores, retornou à casa dos pais. Esta marca Serejo carregou pela vida afora. Quase um ano antes de sua morte, em 17 de novembro de 2006 a Comissão de Anistia do Ministério da Justiça considerou sua expulsão indevida. Com a volta à terra natal, exerceu as atividades de fiscal de rendas, escritor e jornalista, enfrentando os reveses de doenças que continuavam a molestá-lo. Em 1948, após uma estada em São Paulo para tratar de uma grave enfermidade nos olhos, retornou não mais para Mato Grosso, mas para a divisa de São Paulo, na cidade de Presidente Venceslau. Lá viveu com a família escrevendo e publicando seus livros até o início de 2007 quando, muito doente, passou a residir definitivamente em Campo Grande. Em Presidente Venceslau, jamais deixou de olhar para a sua querida terra, gravando de maneira realista e emocionante, em seus livros, um cotidiano perdido no tempo da fronteira distante. Mas não ficou somente no combate de seus registros. Assumiu uma tarefa maior em defesa dos interesses de Mato Grosso. Foi uma luta ingente pela construção de uma ponte sobre o rio Paraná, a partir de 1955, para ligar São Paulo à Campo Grande. O velho sonho de construir pontes, interrompido nos idos da juventude, agora reacendia na liderança de uma campanha que resultou ser vitoriosa, mas trazendo no seu rastro uma outra injustiça. Serejo tornou-se presidente da Comissão de Propaganda “Pró-Construção da Ponte sobre o rio Paraná”. O trabalho desenvolvido por Serejo, exaustivo em todos os sentidos, resultou

numa coleção de 12 pesados volumes contendo o histórico de toda a luta em defesa da construção da ponte. Tendo início no governo de Juscelino Kubitschek, somente depois de 5 anos de construção, já no governo Jango Goulart, a tão sonhada ponte foi concluída. Mesmo durante a construção, Serejo manteve viva a ação da Comissão de Propaganda, para que a ponte não sofresse qualquer tipo de paralisação. Era óbvio portanto que, como homenagem à sua luta, a ponte devesse ser batizada com o seu nome. Assim, crescia uma corrente em Presidente Venceslau para essa homenagem. Mas a maldade dos homens é imensa. Aliás, Serejo chegou a ser alertado por Filinto Müller sobre uma desconsideração, segundo Elpídio Reis: “Você que é o verdadeiro Marechal da Ponte, merece ter seu nome perpetuado nesse grande obra. Não se admire, contudo se, na última hora, aparecer um construtor da obra feita e lhe roubar sua grande e merecida honraria.” Veio o golpe militar e com ele o rancor com a fase anterior a 1964. Preterindo o incansável fronteiroço mato-grossense, a ponte recebeu o nome de Maurício Joppert, figura sem qualquer ligação com a obra. Ainda segundo Elpídio Reis, a insensatez não ficou somente nesta mesquinha. No dia da sua inauguração, talvez pela generosidade de seu coração, Serejo, sem perceber a dimensão política dos novos tempos como um escritor ingênuo da fronteira e crente no ser humano, colocou num lado da ponte uma enorme placa com um resumido relatório dos atos governamentais que resultaram na construção da ponte, dando ênfase aos atos de Juscelino Kubitschek. Foi o que bastou para irritar os poderosos de plantão. Desse modo, mesmo com convite, Serejo foi impedido de participar do banquete pela inauguração de sua tão sonhada ponte. Quem sabe, agora, passada a poeira dos acontecimentos e da viagem do velho fronteiroço para as fronteiras do além, a velha ponte poderia resgatar o nome a quem de fato e de direito deveria receber: Hélio Serejo. Cumprindo o seu papel de preservação da memória regional, o IHGMS publicou em 2008 as suas obras completas. Uma justa homenagem!

## Hélio Serejo e a *Ponte Hélio Serejo*

por: Rubenio Marcelo

Foi através da recente Lei nº 12.610, sancionada pela Presidência da República e publicada em 10.04.12, que a ponte rodoviária sobre o Rio Paraná, localizada na divisa entre os Estados de Mato Grosso do Sul (município de Bataguassu) e São Paulo (município de Presidente Epitácio) passou a ser denominada oficialmente de *Ponte Hélio Serejo*, após 4 anos e 6 meses do falecimento do eclético escritor. Enfim (mesmo tarde?) fez-se justiça àquele que foi um idealizador e incansável defensor da campanha em prol da mencionada obra.

Natural de Nioaque/MS, filho do casal Francisco Serejo e Ernestina Batista Serejo, Hélio nasceu na Fazenda São João (de propriedade dos seus pais) em 1º de junho de 1912 e – ao longo de sua vida como prosador, poeta, folclorista e memorialista – escreveu e publicou seis dezenas de livros, tendo pertencido a inúmeras entidades culturais, literárias e históricas, dentre as quais o Instituto Histórico e Geográfico de MS, a Academia Mato-Grossense de Letras e a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. Tendo residido na juventude em Ponta Porã (fronteira do seu estado natal com o Paraguai) e, por muito tempo, em Presidente Venceslau/SP, Serejo veio a falecer na noite de 08 de outubro de 2007, em Campo Grande/MS.

Antes chamada Maurício Joppert (que foi um engenheiro e político carioca), a travessia [inaugurada há 48 anos] recebeu agora o justo e merecido/novo nome contemplando Hélio Serejo, o eterno “Marechal da Ponte”, como – conforme literatura específica – fora cognominado o nosso saudoso confrade, que na época coordenou a *Comissão de Propaganda Pró-Construção* da relevante obra de concreto (de 2.550 metros).

A propósito, demonstrando o quanto Hélio Serejo era apaixonado pelo magnificante empreendimento, reproduzo a seguir o seu

emblemático poema “A Ponte” (constante à pág. 11 do seu livro ‘Versos da madrugada’, 1969 – volume este que ganhei de presente do autor amigo no ano de 2005) que numa das linhas se refere, evidentemente, ainda ao Mato Grosso Uno:

*“Perfil gigante... majestosa e bela,  
a dominar o rio inteiramente,  
vai recebendo, em toques de aquarela,  
o beijo da caudal fraternalmente...  
Orgulhosa de si... porte altaneiro,  
o descambar do sol, em fogo, espia...  
E, vendo, o chão sem fim, que está fronteiro,  
acena Mato Grosso, pra porfia!...  
Ao luar, ao vento, à chuva e ao sol a pino,  
ela, da Pátria, simboliza o hino,  
emoldurando o crivo da esperança!...  
E, assim, nessa ternura, meigamente,  
vai bradando, aos céus, ante a bonança!...”.*

Neste especial ensejo do Centenário do seu nascimento, renovamos os nossos sinceros parabéns ao inesquecível Hélio Serejo, pela sua história exemplar de vida e pelo seu fecundo mister que o credenciou como um dos principais e mais prolíferos escritores do nosso país. Ponte inefável entre o verbo e a luz, entre o *homo laboris* e o meio ambiente regional, Serejo foi – e sempre será – aquele (como dissera V. J. Taborda) “varador de sertão e de almas”.

Assim, e por oportuno, encerro repetindo o ilustre confrade Hildebrando Campestrini, que certa vez assim timbrou com sabedoria: (...) *“Parabéns, Hélio! Obrigado por tudo que você escreveu, para orgulho de nossa terra. Peço-lhe perdão por não ter, o Governo do Estado, erguido sua estátua em diversos locais deste nosso abençoado chão, que Hélio tanto exaltou. Talvez não tenha feito, porque você merece muito, muito mais que o frio bronze e a imobilidade desses monumentos. Porque você é misto “de índio vago, cruza-campo e trota-mundo”.*

## **Cantata sertaneja**

*(Para o “arauto maior” do nosso chão)*

*por: **Geraldo Ramon Pereira***

No encantado planalto sul-mato-grossense,  
Bordado de cerrado, ervais e camparias,  
Vê-se um bolo de festa e agrestes iguarias,  
A que seres viventes, por amor, atêm-se:

Índios e brasiguaios em sãs alegrias  
Se unem aos animais com emoção e suspense,  
Todo mundo cantando, em louvor que convence,  
“Parabéns a Você” – a um rei das pradarias!

É o jus a quem decanta, seja em prosa ou verso,  
– E como ninguém! – nosso matuto universo,  
Um filho nioaquense, o mais culto e sobejo...

Juntos cantemos, gente minha tão querida,  
Ao centenário de Arte e modelo de vida  
Deste imortal caboclo – nosso Hélio Serejo!





## TEXTOS DE HÉLIO SEREJO

### Amor pelo crioulisto

Desde meninote fui assim: um enamorado, em grau muito elevado, das paisagísticas sertanejas, portanto, dos “mistérios” das coisas charruas. Fui – sem nenhuma dúvida – um trilhador de caminhos, um observador incansável, um perguntador de muito fôlego.

Sorvi, com muita sofreguidão, o selvático, o descampado, os cô-moros, os brejais infindáveis, as croas, o vargado de moitas clorofiladas, os pára-tudos chamadores de raios, a solidária lagoa de água azulada, os trilheiros dos bichos-do-mato, o vento sulino anunciando chuva, a sinfonia das taboas nos alagadiços, a algazarra ruidoso das “baitacas” na roça de milho, as “canhadas” onde aves diversas buscam o farnel apetitoso, as árvores desgalhadas, no espigão de pouca sombra, o chirilar festivo da passarela, o urro da fera andeja que corta o despovoado sem rumo determinado, o barulho cantante da queda d’água no coração das brenhas, e o luar que branqueja a vastidão. Vivi, intensamente, esses momentos, formadores todos do crioulisto.

Vivi, sem queixumes, apoiado tão somente no amor desmedido pela sertania, pela selvaticueza, enfim, pela obra do Sublime Criador.

Por esse motivo tornei-me – dádiva de Deus – um escravo apaixonado do nativismo. Sempre agradeço, de mãos postas, ao Pai Celestial, pelo dom gratificante.

Quedo-me, invariavelmente, orgulhoso de possuir essa virtude... virtude de permanecer entontecido com os amanheceres e a magia do “sol se pondo”, no instante em que o poderoso astro se afora nas sombras da noite que se avizinha.

Vivi e, vivo ainda, esse momento de êxtase, com a profundidade contemplativa do eremita agradecido.

Graças dou ao Senhor, pelo dom que tanto me engrandece, transformando-me, diuturnamente, em um cristão feliz, sem resquícios de hesitação.

Sou o que sou, por obra d’Ele. Por sua infinita bondade.

Por mais que avancem os anos, se fundem em minha alma os entreveros paisagísticos, num ferrete de recordação que adorna, fundamentalmente, o sensível coração sertanejo.

O “passado”, em verdade, está “presente”, não morrerá nunca.

Viverei com ele, com certa angústia tocando-me o peito, com o que reviverei as lembranças e sentirei a emoção sacudindo as entranhas...



## **Quando chega a primavera...**

Vem chegando a primavera de mansinho, alegre, risonha, festiva – como deve ser sempre – porque, ela é as “boas vindas” floridas do Senhor.

Nela, encontramos o acalanto dos que sonham, porque, ela, é a exultação dos que têm sede de viver e a esperança fagueira de dias melhores que, por certo, virão.

Na primavera, engalanada e odorífica, bela e refulgente, o vento, em brandura, vai cantando a canção da paz e do amor, nas estepes ou no desvão da serra umedecida pelo orvalho da noite.

Quando ela chega, o puim, bicolor, arredondado e macio, plantado na terra arenosa, à beira das cabeceiras, faz parar o viajor, para admirar a sua imponência sertaneja, porque ele – o puim – é fiapo de uma estrela de grande luminosidade, que o Senhor mandou que caísse na terra, para a admiração dos homens.

Quando vem a primavera, tanta coisa bonita acontece para deixar o cristão extasiado: o João-de-barro, “El hornero”, o pedreiro sábio das fazendas, o “amassa-barro”, artista sublime, inicia a exploração do

barro, o lugar certo, contra o vento furioso. Não para nunca, esvoaça do amanhecer, ao pôr do sol, para num dia certo – olhinhos brilhantes de alegria – começar a construção de seu pitoresco ninho de amor; o sabi-áuna, o eterno cantor apaixonado das florestas, margens de ribeirões, bosques, e pomares, inundando os ares com os sons da sua sinfonia mágica; a flor-de-maracujá – a mais perfeita criação da natureza – recebendo colorido mais intenso, em sua surpreendente e intrincada formação florífera, que cega o homem pelo mirífico que o deslumbra; o Japim, gracioso e saltitante, fabricando o seu ninho oblongo, no alto da mamaurana, em flor; a tapiçoroca, subindo pelo tronco das vetustas árvores, até alcançar a copa, soltando a sua ramificação clorofilada, na batalha da asfixiação e morte irremediável.

Assim é a primavera que surge com estupenda força criadora, e enlouquece o passado, porque sabe pôr turbilhões de energia em seu coração. É o período, mais ou menos temperado, que decorre entre os grandes frios e grandes calores, qualquer que seja a sua duração.

Bendita a primavera! Devemos saudá-la sempre! Ela nos ensina o enigmático e a oração da beleza suprema!..



## **Moço tropeiro**

Sob a chuva ou o sol, você vence as distâncias tangendo a troupilha crioula. Parte quase sempre, com o coração pulsando de esperança, e volta, não raramente, com o véu da desilusão estampado na face escura, tostada pelo sol inclemente.

Você, moço tropeiro, é forte como cerne de aroeira! Sua vida é um rosário de sacrifícios.

Quando o vento gelado do inverno retalha a sua carne moça, você se envolve todo, no poncho de flecos trançados, enterra o “aba larga”

na cabeça e avança para frente, sem dar demonstração de fraqueza.

Você sabe muito bem que um tropeiro moço, guapo, destorcido, não pode ficar “pichado”, com um friozinho à toa que nem sequer tem força para queimar o baração verde do porongo.

No pouso você arma a sua rede, na árvore ao lado, e insone, enquanto leva o pensamento até aquela choupana, onde vive a cabocla dos seus sonhos, você vai contando as estrelas maiores que piscam na concha do céu como se fossem brilhantes fagulhas estralidando no braseiro de Deus Nosso Senhor.

Você, moço tropeiro de minha terra, luta assim, infatigável, de sol a sol, porque sabe que um dia com o laço forte da esperança, armado, com as rodilhas da fé, você poderá pialar o destino caprichoso.

Aí, então, você terá o seu rancho oculto no desvão da mata, à beira da nascente e dentro do qual brilharão, como faróis benditos, aqueles mesmos olhos negros, que tantas vezes fizeram velhaquear o seu coração inquieto.

Você anda, pelo sertão bravio, como uma alma penada, derramando o suor do seu rosto, nessa luta dura e ingrata, em busca de melhores dias.

E esses dias virão, porque dentro de seu peito, o monjolo da fibra está socando, silenciosamente, o milho da constância!



## **A araponga do meu vizinho**

Quando a tarde derrama sobre o poente  
a tela cor de fogo, da agonia,  
para cerrar a pálpebra do dia. . .

Eu oiço, ao longe, o grito penitente,  
pedindo a liberdade, como esmola,

na tristeza cruel dessa gaiola. . .  
e canta. . . e geme. . . e, também, soluça!  
Aquieta às vezes, adormece. . . e sonha!  
– Seu fado é negro. . . sua dor medonha.  
Sempre que escuto essa araponga aflita,  
aos fundos do quintal da minha casa,  
inquietamente. . . debicando a asa. . .

Sinto, em silêncio a dor. . . essa desdita,  
de ver o peito seu amargurado  
e o pobre coração despedaçado. . .

É farta a mesa. . . mas lhe falta o espaço:  
– o céu. . . a mata. . . os campos. . . a amplidão,  
no doirado gradil dessa prisão.

E ME RECORDO, ENTÃO (ISTO ME ATERRA!) DA VETUSTA  
AMPLIDÃO DA MINHA TERRA! . . .

## Saudação a um poeta

Jansen Filho, meu irmão,  
Boa noite, fraternalmente!

Duas idéias se encontram,  
Dois poetas estão frente a frente!...

Aceite, agora, este abraço,  
do discípulo amigaço,  
que neste instante de festa,  
na cadência da seresta

e nesta mesa fraterna  
onde a amizade se externa,  
cumprimenta com orgulho,  
com emoção... com calor,  
o vate improvisador,  
que, de mergulho em mergulho,  
pelos caminhos do verso,  
vai enchendo o universo,  
de fulgurância e beleza,  
com a força da realeza,  
de seu estro, sem igual,  
que honra a Pátria imortal!

Se abanque, e desate o pala!  
o fogo brando se alvora:  
é vento do Sul; do Norte,  
que, também, saúda agora,  
o poeta que vem de fora,  
alegrar esta festança,  
que a forte amizade trança!...

E neste saudar prossigo,  
bem-dizendo sua presença,  
que a todos nós traz a crença,  
que irmanados, na bondade,  
gerando fraternidade,  
vamos juntos, na constância,  
no amor, na semelhança,  
erguendo pelas lonjuras,  
a base fundamental,  
da Pátria unida... ideal...  
Ao povo desta cidade,  
na emoção do momento,

com o fogo do pensamento  
e o trancelim da amizade  
– justificando a alegria,  
na Festa da Poesia –  
eu apresento, orgulhoso,  
o vate miraculoso!...

Jansen Filho, meu irmão!  
Maneje a Lira sem medo,  
revolteie o arvoredado,  
faça vibrar a Natureza,  
nos acordes da ternura,  
no AMÉM divino, da prece,  
que a própria alma entontece...

Meu irmão, fique à vontade!  
Pois cresce, em nós, a ansiedade  
de ouvir, na grande estima,  
o mestre puro da rima,  
O MARECHAL, O CONDOR,  
O GÊNIO IMPROVISADOR!



## Fronteira

Filha da fronteira, mescla audaciosa de duas raças, ela carrega,  
na silhueta graciosa, a flama selvagem dos formadores de raça.

Caminhando ou parada, é sempre a mesma criatura magnetizadora,  
que acende em todos os corações da fronteira o estopim do amor mestiço.

Por saber se encontrar protegida pelas bandeiras de duas pátrias  
é que pisa garbosa o chão da rua, na imitação da garça de alvas plumas,

que circunda a lagoa, na hora vespéral do passeio da graça e da elegância.

No entrevero do sotaque de dois idiomas diferentes, mais se avulta a sua fidalguia, mais cresce a sua meiguice.

Falando ou sorrindo é a criatura de excepcional beleza que ofusca os raios solares, e que, à noite, obriga a lua crescente a se ocultar, envergonhada, atrás de um montículo de nuvens. A jaguatirica desconfiada ou a sisuda pantera não lhe ganham na delicadeza selvagem dos passos ritmados e vagarosos.

É um Deus nos acuda... quando essa *cunhãtaim* surge no reboiço da praça, metida, provocantemente, dentro de seu vestido colorado, com aquela flor berrante no peito, quase pregada ao coração...

Se é vista pelo arrieiro meio “trancucho”, é certo que um grito de entusiasmo, seguindo de um sapateio rude, irá para os ares: – Anhá membiré!...

Os moços a disputam, ardentemente, com os seus esgazeados olhos de tucano; e os velhos, os paióis de reumatismo e enxaquecas, vão derrubando no peito a grossa baba solta, como único e humilhativo consolo.

Olham, sentem, pensam, devoram-na mentalmente, porém, deixam-na passar!

Para que cruzar o seu caminho?...

Ademais, não fica bem a um velho, honrado e decente, estar esquentando água para um moço qualquer, aragano, tomar o matezito, mais tarde...



## Mitos e lendas – pé-de-garrafa

Monstro que vive nas capoeiras e nas matas densas, tendo porém, como habitat preferido, as matas de poáia. Seu corpo, amedrontador, é coberto totalmente de pelos longos, negros, geralmente crespos.

Possui o ente misterioso uma só perna, ao final da qual existe um casco endurecido com o formato semelhante ao fundo de uma garrafa, donde lhe advém o nome exótico.

Nas florestas de poáia, ele se constitui no terror dos poaieiros, isto porque, o homem que trabalha com poáia, tenha sucesso, seja um vitorioso...

Pé-de-Garrafa, ao cair da tarde, no denso da floresta, solta o seu grito imitando o homem. O poaieiro, que retorna despreocupado, cansado, passadas vagarosas, pára instantaneamente. Pensa que é um companheiro. Segue o rumo do grito, aí chegando, não vê sinal de gente.

Assusta-se e fica com o corpo a tremer, ao ouvir, bem próximo de si, outro grito, este, porém, um tanto cavernoso, como se o companheiro perdido estivesse com as forças enfraquecidas.

Segue o rumo, observador e cauteloso, e atinge o local de onde partira o grito, sem nada encontrar.

Queda-se estarecido e meio alucinado ao ouvir gritos, um após o outro, ora à direita, ora à esquerda, numa confusão demoníaca. Avança, então, inteiramente desorientado, na ânsia de desvendar o terrível mistério.

De repente pára; leva as mãos à cabeça, arregalando desmesuradamente os olhos: vê bem nítido, no chão, um rastro em forma de fundo de garrafa.

Se convence, então, que os gritos que ouvira, ecoando na mataria ululante, eram do monstro que queria arrastá-lo para o seio misterioso das florestas.

Homem que trabalha em região onde vive Pé-de-Garrafa precisa ter muita cautela com a sinuosidade dos caminhos, porque, às vezes, é armadilha feita pelo monstro para atraí-lo.

# RELAÇÃO DOS ACADÊMICOS



Academia  
Sul-Mato-Grossense  
de Letras

(Patronos e Titulares)







## CADEIRAS

- Nº 01 | Patrono: Nicolau Frageli  
Titular: **Hernani Donato**
- Nº 02 | Patrono: D. Francisco de Aquino Correia  
Titular: **Padre Afonso de Castro**
- Nº 03 | Patrono: Ulisses Serra  
Titular: vaga
- Nº 04 | Patrono: Joaquim Duarte Murtinho  
Titular: **Guimarães Rocha**
- Nº 05 | Patrono: José Ribeiro de Sá Carvalho  
Titular: **Enilda Mougnot Pires**
- Nº 06 | Patrono: Arnaldo Estevão de Figueiredo  
Titular: **Thereza Hilcar**
- Nº 07 | Patrono: José de Mesquita  
Titular: **Américo Calheiros**
- Nº 08 | Patrono: Itúrbides Almeida Serra  
Titular: **Raquel Naveira**
- Nº 09 | Patrono: Mal. Mascarenhas de Morais  
Titular: **Maria Adélia Menegazzo**

- Nº 10 | Patrono: Argemiro de Arruda Fialho  
Titular: vaga
- Nº 11 | Patrono: José V. Couto de Magalhães  
Titular: **José Couto Vieira Pontes**
- Nº 12 | Patrono: Mal. Cândido M. da S. Rondon  
Titular: **Orlando Antunes Batista**
- Nº 13 | Patrono: Patrono: Estevão de Mendonça  
Titular: vaga
- Nº 14 | Patrono: Patrono: Severino Ramos de Queirós  
Titular: vaga
- Nº 15 | Patrono: Patrono: Pandiá Calógeras  
Titular: **Paulo Corrêa de Oliveira**
- Nº 16 | Patrono: Patrono: Rosário Congro  
Titular: **Paulo Tadeu Haendchen**
- Nº 17 | Patrono: Patrono: Eduardo Olímpio Machado  
Titular: **Valmir Batista Corrêa**
- Nº 18 | Patrono: Patrono: Aguinaldo Trouy  
Titular: **Abrão Razuk**
- Nº 19 | Patrono: Patrono: João Guimarães Rosa  
Titular: **Maria da Glória Sá Rosa**
- Nº 20 | Patrono: Patrono: Visconde de Taunay  
Titular: **Paulo Sérgio Nolasco dos Santos**

- Nº 21 | Patrono: Arlindo de Andrade Gomes  
Titular: **Reginaldo Alves de Araújo**
- Nº 22 | Patrono: Vespasiano Martins  
Titular: **Rêmollo Letteriello**
- Nº 23 | Patrono: Sabino José da Costa  
Titular: vaga
- Nº 24 | Patrono: Lobivar de Matos  
Titular: **Francisco de Albuquerque Palhano**
- Nº 25 | Patrono: Arnaldo Serra  
Titular: vaga
- Nº 26 | Patrono: Pedro Medeiros  
Titular: **Adair José de Aguiar**
- Nº 27 | Patrono: Antônio João Ribeiro  
Titular: **Lélia Rita de Figueiredo Ribeiro**
- Nº 28 | Patrono: Raul Machado  
Titular: **Augusto César Proença**
- Nº 29 | Patrono: Elmano Soares  
Titular: **José Pedro Frazão**
- Nº 30 | Patrono: Otávio Cunha Cavalcanti  
Titular: vaga
- Nº 31 | Patrono: Henrique Cirilo Correia  
Titular: **Hildebrando Campestrini**

- Nº 32** | Patrono: Weimar Torres  
Titular: **Abílio Leite de Barros**
- Nº 33** | Patrono: Ovídeo Correia  
Titular: **Flora Egídio Thomé**
- Nº 34** | Patrono: Tertuliano Meireles  
Titular: **Altevir Soares Alencar**
- Nº 35** | Patrono: Múcio Teixeira  
Titular: **Rubenio Marcelo**
- Nº 36** | Patrono: Franklin Cassiano da Silva  
Titular: **Lucilene Machado Garcia Arf**
- Nº 37** | Patrono: Padre José Valentim  
Titular: **Francisco Leal de Queiroz**
- Nº 38** | Patrono: Enzo Ciantelli  
Titular: **Wilson Barbosa Martins**
- Nº 39** | Patrono: João Tessitori Júnior  
Titular: **Geraldo Ramon Pereira**
- Nº 40** | Patrono: Lima Figueiredo  
Titular: vaga





O papel utilizado neste livro é biodegradável e renovável.  
Provém de florestas plantadas que dão emprego a milhares de  
brasileiros e combatem o efeito estufa, pois absorvem gás carbônico  
durante o seu crescimento!

Esta obra foi composta em Georgia,  
impressa pela Gráfica Viena em papel offset  
para a Life Editora em Julho de 2012.

